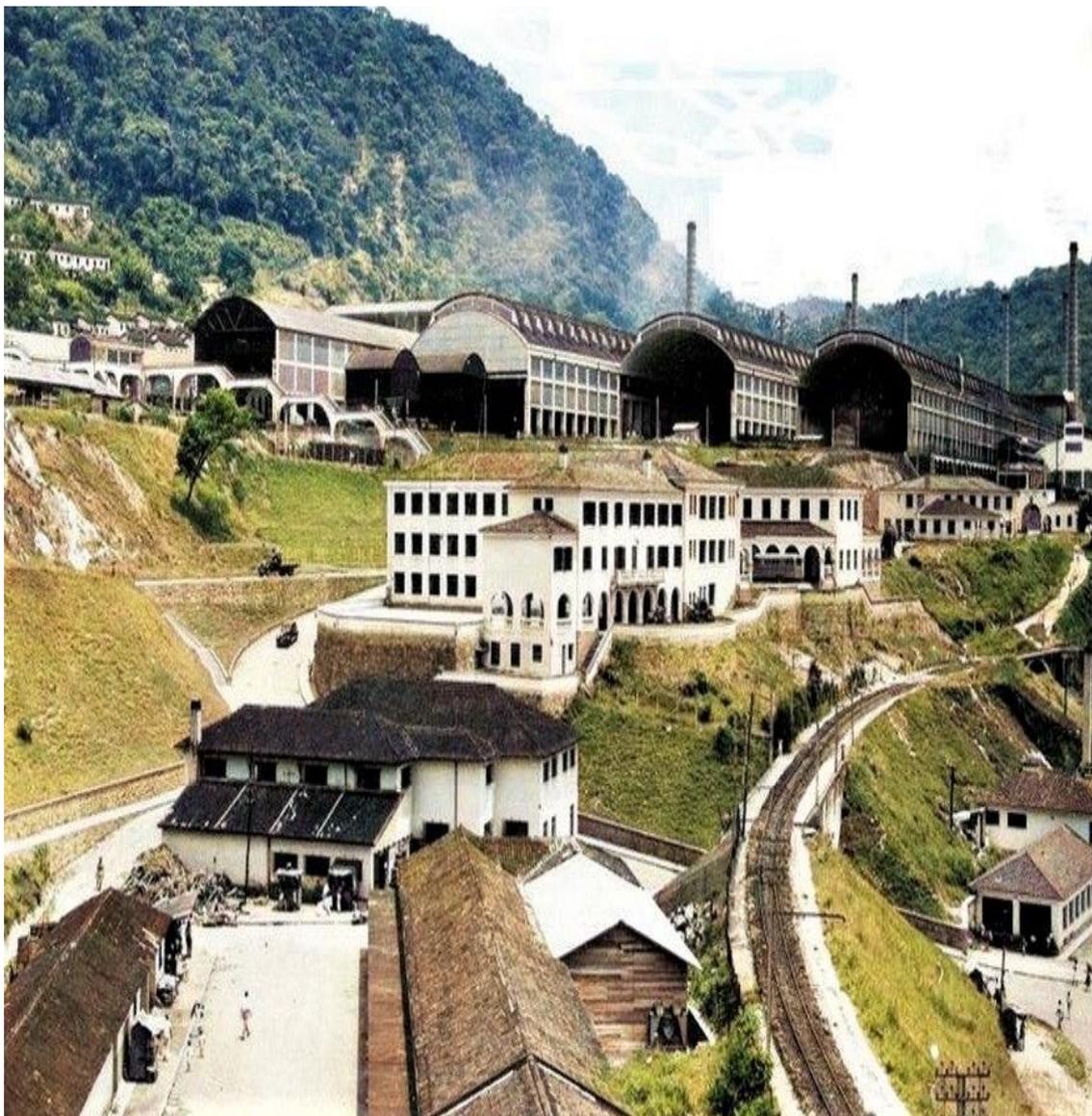


EDELBERTO AUGUSTO GOMES LIMA.

DE JEAN MONLEVADE A LOUIS ENSCH.



USINA DE JOÃO MONLEVADE.

**BREVE HISTÓRIA DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ
E JOÃO MONLEVADE.**

ABRIL DE 2022.

INTRODUÇÃO.

Depois de escrever diversos livros sobre as histórias antigas de São Domingos do Prata e Sabará, resolvi fazê-lo em relação a uma Companhia e cidade habitada por mim na infância, das quais guardo grandes recordações.

Refiro-me a João Monlevade que conheci na fase áurea da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, empresa e cidade construídas graças a um homem na frente de seu tempo e também na perseverança de um pioneiro.

Em pleno sertão coberto de densas florestas virgens, dois heróis desbravaram essa região inóspita para deixarem gravados, nas páginas da história, os seus nomes e a gratidão de milhares de famílias a quem proporcionaram condições de vida bem melhores das que estavam acostumadas no passado.

Um desses heróis também tornou o seu nome imortal em Sabará, onde com sua competência e desprendimento, construiu o embrião da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, tendo gerado empregos praticamente para toda mão de obra disponível na cidade, a maioria desempregada pelo fim do ciclo do ouro.

Em certa parte do livro narro, dentro da ótica de uma mente infantil, um pouco da minha vivência nas cidades de João Monlevade e Sabará.

Afastei-me das citações técnicas para apegar-me na essência da epopeia dos dois grandes homens, um de origem francesa e outro, luxemburguesa, mas sem esquecer do nome de Gaston Barbanson.

Fiz, entre outras, interessantes descobertas sobre todo o processo relativo a construção de uma nova fábrica em lugar da construída por Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad, a hipoteca, a falência, a hasta pública, com a publicação, na íntegra, do edital, a adjudicação, etc.

Trouxe à baila ainda, a possível origem do terreno onde se construiu a cidade de João Monlevade e a probabilidade deste território, em priscas eras, ter pertencido ao de Sabará.

Agradeço, finalmente, a minha cunhada Suzana Cruz Peixoto pela gentileza em emprestar-me um livro de seu falecido marido, Gilberto Madeira Peixoto, produzido pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira em comemoração aos 25 anos da administração de Louis Enschedé.

Essa preciosidade, além de belas fotografias, continha dois belos discursos de Louis Enschedé, um relativo aos 25 anos e o outro na inauguração do hospital Margarida em João Monlevade, dos quais extrai alguns trechos. Nele ainda, discursos de Albert Charlé e Edmundo de Luz Pinto.

O sumário a seguir e o índice alfabético no final, dão um roteiro do conteúdo no livro.

À escrita antiga, faço conversão para o vernáculo atual, mas conservando a literalidade, sem perda do conteúdo.

Como alerta em todos os meus livros, para evitar custos eu mesmo pesquisei, digitei e revisei, e é sabença geral que quando o próprio autor quem o faz, ele revisa com a mente e não com os olhos, daí a possibilidade de haver erros de revisão.

A citação, por terceiros, de qualquer parte do livro, torna obrigatória mencionar a fonte.

-SUMÁRIO.

-A origem da primeira usina de ferro em João Monlevade – Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad – 05 – 06 -

-Richard Burton sobre Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad – 08 -

-O falecimento de Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad – 08 -

-O sucessor de Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad – 10 -

- Uma nova fábrica em lugar da primeira? 10/14 -**
- A desativação da fábrica pioneira após falecimento de Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad – 15 -**
- A debandada dos escravos – 15 -**
- Aquisição do acervo da fábrica pioneira pela Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros –15 -**
- A hipoteca do acervo da fábrica – 15 -**
- O início da inauguração da nova fábrica – 16 -**
- A inauguração da nova fábrica – 17 -**
- A falência e a execução judicial do crédito hipotecário – 17 -**
- A penhora da usina de João Monlevade – 18 -**
- A hasta pública da usina e de seu patrimônio – 18 -**
- Relação dos bens imóveis que foram à hasta pública – 19/23 -**
- Edital da 2ª hasta pública, na íntegra, nas páginas – 61/70 -**
- Adjudicação de todo o acervo pelo credor hipotecário – 24/26 -**
- Desde 1921 já se pensava em construir uma grande usina em João Monlevade – 26 -**
- Jogadores do Grêmio Monlevadense – 1954/1955 – 72 -**
- A origem da Belgo Mineira em Sabará e João Monlevade – Louisensch – 26/32 – HISTÓRIA NO JORNAL “O PIONEIRO” – PÁGS. 105/111**
- Registro da criação da Companhia Siderúrgica Mineira – 26 -**
- Mello Vianna – o sabarense que ajudou Louisensch no início do empreendimento – 10/12 -**
- Louisensch e esposa – 50 -**

- Louis Enschede em São Domingos do Prata – 33/34 -**
- Artigo do grande jornalista David Nasser sobre Louis Enschede, reproduzido do jornal monlevadense “O Morro do Geo.” – 39 -**
- O falecimento de Louis Enschede, o homem na frente do tempo – 34**
- Avisos fúnebres publicados em um jornal do Rio de Janeiro – 44**
- Testamento de Louis Enschede – 45 -**
- Inventário de Louis Enschede – 47 – NOTAS BIOGRÁFICAS – 51/52.**
- Local do sepultamento de Louis Enschede, esposa e Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade – 48 -**
- Nova fábrica de aço e oxigênio – 43 -**
- Outro legado de Louis Enschede – 50 -**
- Enterro de Albert Charlé em Sabará – 54 -**
- A epopeia no transporte do maquinário necessário para se construir a primeira usina em João Monlevade – 53 -**
- João Monlevade já pertenceu ao território de São Domingos do Prata? – 57 -**
- Possibilidade do território de João Monlevade já ter pertencido ao de Sabará – 58 -**
- Galeria de fotos de João Monlevade – 72/91 -**
- Galeria de fotos de Sabará – 91/105 -**
- ÍNDICE ALFABÉTICO – 114/126 -**

A ORIGEM DA PRIMEIRA USINA DE FERRO EM JOÃO MONLEVADE.

JEAN ANTOINE FÉLIX DISSANDES DE MONLEVAD-

Nasceu na França em 14.04.1789.

Formou-se em engenharia de minas e aos 28 anos de idade desembarcou no Rio de Janeiro em 14 de janeiro de 1817, influenciado por um brasileiro que conheceu na França e oriundo de São Miguel do Piracicaba (Atual município de Rio Piracicaba).

Após visitar e até trabalhar em outras regiões da Província de Minas Gerais, adquiriu uma sesmaria em uma região próxima à do povoado de São Miguel do Piracicaba, onde edificou o Solar Monlevade, construção, pela sua origem histórica, existente e conservada até os dias atuais.

Em 1827, casou com a sobrinha do famoso Barão de Catas Altas, homem riquíssimo, proprietário da mina de ouro do Gongo Soco, cujo conhecimento travou quando primeiramente residiu em Caeté. O casal teve dois filhos: João Pascoal de Monlevade (Sobre ele há uma excelente passagem neste livro, fruto de uma pesquisa que fiz nos anais da Assembleia Provincial de Minas) e Mariana Sophia de Monlevade.

Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad, nos arredores do Solar Monlevade, construiu uma usina de fabricação de aço, importando da Inglaterra todo o maquinário necessário, que desembarcou no porto do Rio de Janeiro em janeiro de 1827.

Com a ajuda do patricio Guido Thomaz Marlière, o desbravador do vale do Piracicaba, merecidamente denominado por Afrânio de Mello Franco como “o apóstolo das selvas mineiras.”, o ousado e arriscado transporte tornou-se possível.

O maquinário saiu do Rio de Janeiro em 18.09.1827, em uma pequena embarcação, indo até a barra do Rio Doce. De lá, foi transportado por canoas militares e subiu o Rio Doce até o Porto da Onça Pequena no Rio Piracicaba, localizado abaixo do atual município de Antônio Dias.

Todo esse equipamento chegou ao seu destino em 08 de abril de 1828, sete meses após.

O Rio Doce recebe as águas do Rio Piracicaba na região onde hoje se localiza o município de Ipatinga. Nesta região onde se situa a foz do Rio Piracicaba, então pertencente ao território de São Domingos do Prata, interessante e belo relato extraído do meu livro “Notícias do antigo São Domingos do Prata e seus distritos...” 1ª e 2ª edição, página 150:

“...O Piracicaba entra na margem esquerda do Rio Doce e a sua entrada é serena como se fora um tributo de respeito ao grande e histórico rio de Minas e Espírito Santo.

Na barra do Piracicaba, o Rio Doce se apresenta majestoso e se alarga em imensa amplidão, como que fazendo vasto leito às águas de seu tributário (afluente), escreveu o ver. Cônego Domingos Martins.

A largura do Rio Doce na foz do rio Piracicaba deve ser mais de 500 metros e a margem oposta se nos apresenta como imensa muralha ornada por densa floresta, que se agita soberba por cima das águas que lhe dão a abundante seiva.

Essa muralha é a barreira oposta à fúria do Piracicaba, quando se avoluma e vai quebrar as ondas da cheia no dique oposto.

Deve ser uma luta terrível e majestosa esse embate das ondas dos dois rios, que nessa ocasião só tem como testemunhas o céu e a floresta virgem.”

Publicado também no meu livro “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história” – 2ª edição – páginas 66/67. Edição própria.

Do Rio Piracicaba o maquinário seguiu até o local em que seria construída a nova usina. A partir de 1828, com a chegada do maquinário, acelerou-se a construção da usina de fabricação de ferro fundido. (Veja a epopeia que foi o transporte do maquinário na página 53 deste livro).

Naquela época, a região onde se instalou a fábrica era totalmente inóspita e cercada de matas virgens. As dificuldades

eram gigantescas, a mão de obra conseguida era constituída basicamente de analfabetos e de escravos existentes em bom número, mas sem nenhuma experiência, o que demandou grandes esforços para torná-la produtiva. Raras eram as pessoas com alguma experiência e conhecimento técnico.

Contudo, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad, sabia e já havia previamente pesquisado o enorme potencial da região, incluindo jazidas de minério de ferro, água abundante, além de extensas florestas que lhe forneceriam o carvão a ser utilizado na usina.

Enfrentando imensos obstáculos, iniciou e concluiu o empreendimento considerado, pelos padrões da época, um grande avanço na siderurgia brasileira.

O QUE RICHARD BURTON ESCREVEU, EM 1867, SOBRE JEAN ANTOINE FÉLIZ DISSANDES MONLEVAD - PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO AOS SEUS ESCRAVOS.

“Aqui na paróquia e distrito de São Miguel de Piracicaba, um afluente a dez ou doze léguas do verdadeiro rio Doce, fica a fundição do sr. Monlevade, colono francês da velha escola.

Ainda octogenário, produz ele mais trabalho que qualquer dos seus vizinhos e a despeito da distância de oitenta milhas, fornece à grande mina (Morro Velho) cabeças de pilão e outros artefatos.

Seus escravos são bem alimentados (Vestidos e alojados). Por meio de pagamentos eles empregam o domingo na lavagem de ouro e muitas vezes fazem 1\$000 durante o dia.

Se compelidos durante os feriados, recebem uma pequena soma como indenização.”

O FALECIMENTO DO PIONEIRO.

Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad faleceu em 14.12.1872, aos 83 anos de idade.



Tirado da internet.



A FAMÍLIA DO PIONEIRO.

O SUCESSOR DO PIONEIRO.

Pesquisando nos anais das sessões da Assembleia Provincial de Minas encontrei interessante debates sobre a pretensão do sucessor quanto ao empreendimento.

Essa pesquisa, na íntegra, foi publicada em meu livro “São Domingos do Prata no período imperial”, páginas 67/86, edição própria.

Contudo, fiz um sumário e o Jornal de João Monlevade, o “Morro do Geo.”, de propriedade do jornalista Marcelo Melo, o publicou em uma de suas edições, que reproduzo a seguir:

Em 1872 falece, aos 83 anos, o pioneiro francês, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad, depois de ter construído, em 1826, na região hoje se localiza o Solar Monlevade (Fazenda Solar), com recursos próprios e também com o dote recebido pelo seu casamento com a sobrinha do Barão de Catas Altas, uma moderna (para os padrões da época) fábrica de aço, de origem Catalã.

Em outubro de 1879 (sete anos após o falecimento do pioneiro e 53 anos da inauguração da Usina pioneira) um indivíduo com o nome de João Antônio Monlevade solicita da Assembleia Provincial (Assembleia legislativa da Província de Minas Gerais na época do império), incentivo para, após organizar uma companhia, fundar uma fábrica de ferro na fazenda de sua propriedade, à margem do Rio Piracicaba, no município de Santa Bárbara (São Miguel de Piracicaba nesta fase, pertencia a Santa Bárbara).

Segundo João Antônio Monlevade, o seu objetivo era o de fundar uma companhia para levantar uma indústria para fabrico de ferro, através do moderno sistema catalão, construir altas fornalhas para derreter e correr o ferro fundido debaixo de todas as formas, além de extrair minério de ferro nas jazidas do Piracicaba, em terreno e áreas de sua propriedade e na melhor localidade.

Tinha o propósito ainda de assentar as máquinas a vapor para enxadas, ferraduras, cravos e tornar necessária todas as atividades da fábrica.

João Monlevade prometia não somente a introdução de forjas catalãs, como também de laminadores e outras máquinas aperfeiçoadas.

Segundo Gorceix (veio da França a convite de Dom Pedro II, para fundar em Ouro Preto a famosa Escola de Minas, existente até os dias de hoje), só em certa zona da Província de Minas havia minério de ferro bastante para abastecer os mercados do mundo inteiro, por espaço de mais de dois séculos.

LITERALMENTE CONSTOU DOS ANAIS DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL, NA SESSÃO DO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1879.

“.....João Antônio Monlevade pede..... (pelo prazo de 50 anos, um incentivo)com que pretende, ORGANIZANDO PARA ISSO UMA COMPANHIA, FUNDAR UM FABRICO NORMAL DE FERRO...” (Letra garrafal por minha conta).

DE IMEDIATO DUAS INDAGAÇÕES SE RESSALTAM:

1ª – Quem se apresentou perante a Assembleia Provincial com o nome de João Antônio Monlevade? (No final eu esclareço).

2º – De acordo do que constou dos anais da Assembleia, o pedido era com o objetivo de FUNDAR, e não ampliar, restaurar etc, a fábrica fundada pelo pioneiro Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad.

O pioneiro faleceu com 83 anos e, entre o seu falecimento e a postulação decorreram sete anos; teria a fábrica original,

neste período, tornado-se improdutivo e arcaica após 53 anos, já que no local João Antônio Monlevade desejava fundar outra?

Juliana Ma. Do Nascimento Passos, em seu livro “Monlevade, Vida e Obra”, concorda que “Durante alguns anos depois da morte de seu fundador, a Forja Monlevade ficou um pouco desleixada...mas...” – pág. 91. Porém, na página seguinte, afirma que João Monlevade procurou recursos para expandi-la.

Discordo nesse aspecto da ilustre historiadora. É que nos Anais de uma Assembleia reproduzem documentos oficiais, transcritos imediatamente após os pronunciamentos e são portadores de fé pública (cuja presunção de verdade somente é destruída por provas robustas em contrário, o que desconheço na espécie).

NA HIPÓTESE CONSTOU EXPRESSAMENTE DESTE DOCUMENTO DUAS ALTERNATIVAS CLARAS:

A 1ª Que João Antônio Monlevade iria fundar uma companhia e não dar continuidade a existente.

A 2ª, de que ele iria FUNDAR uma fábrica de ferro.

Ademais, pode ser até que ele tenha herdado a fábrica original, já que consta dos Anais, que a companhia a ser criada por ele, tinha o seguinte capital inicial:

Terrenos que iam ser explorados; as matas que iam fornecer o combustível para as forjas; os edifícios que já existiam construídos para a fábrica.

No capital da nova companhia constava edifícios já construídos, o que leva a dedução de que ele iria utilizar remanescentes da antiga fábrica.

Desde o dia 20 de outubro de 1879, os Deputados que integravam a Assembleia Provincial realizaram diversas Sessões

no decorrer do tempo, sendo que houve intensos debates entre eles. Uns a favor, outros contra.

Gorceix (Claude Henri Gorceix) deu parecer favorável, ao argumento, em síntese de que: – O estabelecimento de um alto forno na Província de Minas seria de grande vantagem, eis que a produção sendo muito maior, a agricultura não teria que lutar com as dificuldades provenientes da falta de instrumentos para a lavoura.

Naquela quadra da vida na Província mineira, havia cerca de 120 fábricas que adotavam um sistema bastante primitivo, enquanto a que se pretendia instalar utilizaria os modelos de alto-forno já utilizados entre os países adiantados da Europa.

Entre outras restrições colocadas por alguns Deputados para não se conceder o incentivo, constavam as seguintes:

Não bastava a força motriz suficiente, nem o minério em quantidade, nem as matas virgens, era necessário para o custeio do estabelecimento em grande escalas, da chamada pedra calcária, pedra esta que não era encontrada no local e nem nas adjacências de onde se pretendia instalar a fábrica, mas em São João do Morro Grande (Atual município de Barão de Cocais).

Outras restrições foram apresentadas, tais como a de que a produção de enorme quantidade de ferro, muito superior ao consumo era impossível de exportar o excedente, por falta de vias de comunicação.

Ademais, segundo a corrente contrária, iria levar à falência todos os outros fabricantes de ferro, não só da bacia do Piracicaba, mas ainda de uma extensa zona circunvizinha que ainda utilizavam o sistema primitivo de cadinhos que herdaram, talvez, dos africanos ou criaram através de grandes esforços.

Além disto, segundo esta corrente, seria preferível uma indústria mais elementar, mais atrasada, porém que satisfizesse a necessidade dos consumidores e servida por muitos

produtores, à uma indústria mais aperfeiçoada, produzindo abundantemente, mas concentrada nas mãos de um só.

OS ARGUMENTOS FAVORÁVEIS DE OUTROS DEPUTADOS PREVALECERAM.

Contudo, embora a Assembleia Provincial tenha aprovado a proposta de João Antônio Monlevade, ele não conseguiu levar avante o projeto por não ter conseguido os capitais necessários e, segundo dedução do próprio, para que fosse lucrativa teria que exportar o excedente e não havia como, por falta de vias de comunicação.

Ademais, segundo João Antônio Monlevade, antes de qualquer lucro ele prezava o próprio nome e não quis arriscar, nem os seus e nem os capitais alheios, em uma empresa que não podia dar resultado satisfatório e que, portanto, teria de sobrecarregar consideravelmente os cofres da Província.

QUEM ERA JOÃO ANTÔNIO MONLEVADE QUE, COM ESTE NOME, SE APRESENTOU À ASSEMBLEIA PROVINCIAL.

O nome completo dele, já portuguesado, era João Pascoal Monlevade, conhecido como Joãozinho Monlevade, filho e herdeiro do pioneiro Jean Monlevad. Em 1882, ele tentou novo incentivo, mas dessa vez a Assembleia recusou.

Por não conseguir realizar seu sonho, Joãozinho Monlevade vendeu a antiga fábrica, construída pelo seu pai, para a Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros que colocou à frente do empreendimento, na tentativa de soerguê-la, Francisco de Paes Leme Monlevade, filho de Joãozinho Monlevade e neto do pioneiro.

A DEBANDADA DOS ESCRAVOS.

Como dito abaixo, Jean Antoine Félix Dissandes Monlevad tornou os seus escravos especializados na arte da fabricação de aço e estes, com a desativação da fábrica em virtude do falecimento do pioneiro, debandaram e se tornaram autônomos.

Oportuno transcrever nesta quadra, o que disse João Dornas Filho:

Segundo João Dornas Filho. Em uma artigo publicado na revista Alterosa, a usina empregava 150 escravos e estes escravos tornaram-se operários especializados em metalurgia ao ponto de, depois de extinta a fábrica, continuarem a trabalhar isoladamente em pequenas forjas, de onde retiravam o sustento da família e conservavam de pai para filho, a profissão de ferreiros-fundidores.

AQUISIÇÃO DO ACERVO DA FÁBRICA PIONEIRA PELA COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS.

A nova proprietária, com sede no Rio de Janeiro, adquire todo o acervo da fábrica pioneira e coloca em sua direção, o neto do pioneiro e filho de João Pascoal Monlevade, FRANCISCO DE PAES LEME MONLEVADE que inicia a construção, no local, de uma nova fábrica, com máquinas mais modernas para os padrões da época.

A HIPOTECA DO ACERVO DA FÁBRICA.

Para tocar o empreendimento, a Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros hipoteca todo o acervo para o BANCO DA LAVOURA E COMÉRCIO, com sede no Rio de Janeiro.

O INICIO E A INAUGURAÇÃO DA NOVA FÁBRICA.

Embora com toda as dificuldades, inclusive pela perda da mão de obra escrava especializada, a Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros resolveu construir a nova fábrica, entregando o comando para Francisco de Paes Leme Monlevade, como se vê nas notícias a seguir.

FRANCISCO DE PAES LEME MONLEVADE AO ASSUMIR A DIREÇÃO DA COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS, ABANDONA A ANTIGA FÁBRICA E FUNDA UMA NOVA.

Esta notícia histórica extrai do jornal “Minas Gerais”, que por sua vez o copiou do último número da revista industrial de Minas Gerais, cujo teor sintetizo a seguir:

“Esta usina está colocada à margem esquerda do Rio Piracicaba a 14 quilômetros ao norte do Arraial de São Miguel de Piracicaba.

Ela pertence à Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros desde 1891, sendo anteriormente de propriedade de João Monlevade. (O filho de Jean Antoine).

Hoje ela acaba de passar por uma transformação completa sob a direção do dr. Francisco Monlevade, filho do precedente engenheiro da Companhia. (João Pascoal Monlevade).

Continuação da notícia anterior:

“A nova fábrica compreende 5 fornos catalões americanos (...). A oficina que ocupa uma superfície de 75 metros de comprimento sobre 31 metros de largura, estará completamente acabada no fim de maio próximo, segundo espera o dr. Francisco

Monlevade, encarregado da construção deste novo e interessante estabelecimento.”

INAUGURAÇÃO DA NOVA FÁBRICA.

Em 1894, em nova edição, o jornal “Minas Gerais”, publicou:

“Com uma modesta, mas animada e concorrida festa, foi inaugurada no dia 21 de junho esta usina, de propriedade da Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros, situada à margem do Rio Piracicaba, na antiga fazenda Monlevade, a 16 quilômetros do arraial de São Miguel...”

Já a Revista Industrial de Minas, em 1897, dá a mesma notícia mas traz fato novo, abaixo:

“(...) na usina Monlevade. Como se sabe, este estabelecimento foi inteiramente reconstruído em 1894, e dotado de todos os aparelhos necessários para aperfeiçoar e aumentar a capacidade de produção que existia no MESMO LOCAL, fundado em 1825 pelo engenheiro Monlevade (...)”

(Letra garrafal por minha conta).

NOTA: O artigo publicado na Revista e parte dele acima reproduzido, foi assinado por Francisco Monlevade. (Francisco de Paes Leme Monlevade).

A FALÊNCIA E A EXECUÇÃO JUDICIAL DO CRÉDITO HIPOTECÁRIO.

A Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros não conseguiu pagar o débito hipotecário, obrigando ao Banco, credor

hipotecário, a ingressar com a execução judicial no fórum do Rio de Janeiro.

A PENHORA DA USINA DE JOÃO MONLEVADE.

Em 1898, o jornal “O Minas Gerais” (Órgão oficial dos poderes do Estado), publicou a seguinte matéria, demonstrando o estado falimentar da Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros e o fracasso da construção da nova fábrica:

“O abaixo assinado, representante do Banco da Lavoura e do Comércio do Brasil, comunica a quem interessar que a “Usina Esperança” de propriedade da Companhia Forjas e Estaleiros, foi penhorada pelos Bancos da Lavoura e do Comércio do Brasil e do Comércio, sendo seu depositário o sr. Dr. Clodomiro Augusto de Oliveira, com quem se entenderão as pessoas que têm negócios com a mesma usina.

Ouro Preto, 2 de março de 1898.

Antônio da Costa Ayres.”

A HASTA PÚBLICA DE TODO O ACERVO. RELAÇÃO DOS BENS IMÓVEIS.

O juízo da Câmara Comercial do Tribunal Civil e Criminal do Distrito Federal (Na época, no Rio de Janeiro), onde tramitava a execução hipotecária, expediu uma Carta Precatória para a comarca de Ouro Preto a fim de levar a hasta pública o acervo penhorado.

Não tendo havido licitantes na primeira hasta pública, o jornal “O Minas Gerais”, publicou um extenso edital relacionando todo o acervo composto de bens móveis e imóveis, para realização da 2ª hasta pública, agora com abatimento de 10% sobre os bens avaliados.

A integra deste edital reproduzo no final, nas páginas 62/70 deste livro, mas permito publicar, neste tópico, em letras garrafais e separando os parágrafos, os BENS IMÓVEIS relacionados no edital:

“EDITAL DA 2ª PRAÇA COM ABATIMENTO DE 10%.

O dr. Antônio Augusto de Lima, juiz de direito da comarca de Ouro Preto, do Estado de Minas Gerais, etc.

Faço saber a todos quantos o presente edital de vinte dias de pregão e três de praça virem ou dele noticia tiverem que, em virtude de precatória expedida pelo juízo da Câmara Comercial do Tribunal Civil e Criminal do Distrito Federal, na AÇÃO EXECUTIVA HIPOTECÁRIA que à COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS movem os BANCOS DA LAVOURA E DO COMÉRCIO DO BRASIL E DO COMÉRCIO, findos que sejam os ditos pregões e praças no dia 27 de outubro do corrente ano, ao meio dia, em seguida à audiência, serão vendidos em HASTA PÚBLICA à porta da casa das mesmas audiências, os BENS PENHORADOS à dita COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS, cujos bens e avaliações são os seguintes:

UM EDIFÍCIO DE OFICINA, CONSTRUIDO EM TRÊS GALPÕES, COM VINTE E OITO METROS DE LARGURA POR TRINTA E DOIS METROS DE COMPRIMENTO,

NO GALPÃO ONDE SE ACHA COLOCADO O ALTO FORNO, ONZE METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE LARGURA POR TRINTA E DOIS METROS DE COMPRIMENTO, NO SEGUNDO GALPÃO (CENTRO).

TERCEIRO GALPÃO COM ONZE METROS E SESSENTA CENTIMETROS DE LARGURA POR DEZENOVE METROS E QUARENTA CENTIMETROS DE COMPRIMENTO, COM VINTE E QUATRO PÉ DIREITOS, DE MADEIRA DE LEI, ASSENTADOS EM PILARES DE PEDRA, PORTÕES DE FERRO E OITO COLUNAS DE FERRO, COBERTO COM TELHAS DE ZINCO, COM CINCO

PORTÕES, SENDO QUATRO DE MADEIRA E UM DE FERRO, SENDO ESTE EDIFÍCIO TODO MURADO DE TIJOLOS, COM FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, AVALIADOS EM DEZ CONTOS DE REIS.

UMA CASA CONSTRUIDA DE PEDRA E CAL, COM ESCADA DE PEDRA DE CANTARIA, ONDE ESTÁ ASSENTADA A MÁQUINA (Ilegível - marca da máquina), COM PRIMEIRO E SEGUNDOS PAVIMENTOS, AMBOS ASSOALHADOS, COM DUAS JANELAS ENVIDRAÇADAS E UMA PORTA LARGA. TAMBÉM ENVIDRAÇADA NO PRIMEIRO E NO SEGUNDO PAVIMENTO DUAS JANELAS DANDO DE FRENTE ESTE EDIFÍCIO PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, TENDO DE COMPRIMENTO SEIS METROS E CINQUENTA E CINCO CENTIMETROS POR SEIS METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE LARGURA, AVALIADOS EM QUATRO CONTOS DE RÉIS. (A mesma metragem para comprimento e largura).

CINCO GALPÕES DE PAUS A PIQUE, COBERTOS DE TELHAS DE ZINCO, MEDINDO DE LARGURA OITO METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE LARGURA POR ONZE METROS DE COMPRIMENTO, EDIFICADOS ATRAZ DO ALTO FORNO, AVALIADOS EM UM CONTO E QUINHENTOS MIL RÉIS.

UM FORNO CONSTRUIDO DE TIJOLOS DE QUEIMAR MADEIRA PARA CARVÃO, COM NOVE METROS DE DIÂMETRO, AVALIADO EM TRÊS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA CONSTRUIDA DE TIJOLO, COBERTA DE ZINCO GALVANIZADO, FORRADA E ASSOALHADA, COM TRÊS QUARTOS, SALA DE JANTAR E CORREDOR AO CENTRO, COM DUAS JANELAS E PORTA, DANDO FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, MEDINDO DE FRENTE OITO METROS E TRINTA CENTIMETROS POR OITO METROS DE TRINTA CENTIMETROS DE LARGO, COM TRÊS JANELAS PARA OS LADOS E UM PUXADO NOS FUNDOS ONDE ESTÃO A COZINHA E A DISPENSA, COBERTA DE TELHAS DE ZINCO GALVANIZADO, MEDINDO ESTE PUXADO QUATRO METROS E SESSENTA CENTIMETROS DE COMPRIMENTO POR TRÊS METROS E VINTE CINCO CENTÍMETROS DE LARGURA, CONSTRUÍDA DE TIJOLOS

DUPLOS, COM UMA PORTA E TRÊS JANELAS, AVALIADA EM QUATRO MIL RÉIS.

UM PRÉDIO COM DEPENDÊNCIA PARA ESCRITÓRIO, DEPÓSITO E LABORATÓRIO, CONSTRUÍDO DE TIJOLOS DOBRADOS E ALICERCE DE PEDRA E CAL, FORRADO E ASSOALHADO SÓ A DEPENDÊNCIA DO ESCRITÓRIO, TODO COBERTO DE ZINCO GALVANIZADO, SITUADO NA MARGEM DO RIBEIRÃO ESPERANÇA, DANDO FRENTE PARA A LINHA FÉRREA, ASSENTADA DENTRO DA USINA, COM DUAS JANELAS E UMA PORTA DE FRENTE, COM DUAS JANELAS E DUAS PORTAS DE LADO DO RIBEIRÃO ESPERANÇA E DUAS JANELAS E UMA PORTA PARA OS FUNDOS. DEPENDÊNCIA DO LABORATÓRIO E SEIS JANELAS E UMA PORTA, DANDO FRENTE PARA O LADO DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, MEDINDO DE COMPRIMENTO VINTE E CINCO METROS E DEZ CENTIMETROS E DEZ METROS E VINTE CENTIMETROS DE LARGURA, AVALIADO EM DEZ CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA CONSTRUÍDA DE PAREDES DE TIJOLOS DOBRADOS, DIVIDINDO EM DOIS CORPOS E UM PUXADO EM FORMA DE T SERVINDO ESTE DE COCHEIRA PARA OS ANIMAIS E OS DOIS CORPOS PARA GUARDAR ARREIOS E MAIS UTENSÍLIOS. COM UMA JANELA EM CADA CORPO, SITUADO ESTE PRÉDIO À MARGEM DO RIO ITABIRA, MEDINDO DE FRENTE DEZ METROS E LARGURA CINCO METROS E CIQUENTA E CINCO CENTIMETROS, SENDO QUE O CORPO DO LADO DO RIO TEM UMA PORTA E UMA JANELA E O OUTRO CORPO DOIS PORTÕES DE MADEIRA (GRADEADO) AVALIADOS EM DOIS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA SITUADA PRÓXIMO A PONTE QUE ATRAVESSA O RIO ITABIRA, CONSTRUIDA DE TIJOLOS DOBRADOS E ALICERCES DE PEDRA E CAL, ASSOALHADA E FORRADA, COBERTA DE ZINCO GALVANIZADO, COM DUAS JANELAS E UMA PORTA PARA OS LADOS DOS FUNDOS QUE DÃO PARA O RIO ITABIRA, DIVIDIDA EM QUATRO PARTES IGUAIS, MEDINDO DE COMPRIMENTO SEIS METROS E OITENTA CENTIMETROS POR SEIS METROS E SETENTA CINCO CENTIMETROS DE LARGURA, CONTENDO MAIS UM PUXADO NOS FUNDOS ONDE ESTÁ A COZINHA, MEDINDO DOIS METROS E OITENTA CENTIMETROS EM QUADRA, TAMBÉM

COBERTO EM ZINCO GALVANIZADO, AVALIADO EM TRÊS CONTOS DE RÉIS.

DUAS CASAS CONSTRUIDAS DE PAU A PIQUE, COBERTAS DE ZINCO GALVANIZADO, COM UMA PORTA E DUAS JANELAS, MEDINDO SETE METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE COMPRIMENTO POR CINCO METROS E NOVENTA CENTIMETROS DE LARGURA E UM PUXADO ONDE ESTÁ A COZINHA, COM TRÊS METROS EM QUADRO. ESTAS CASAS SERVEM PARA HABITAÇÃO DOS OPERÁRIOS, AVALIADA EM SEISCENTOS MIL RÉIS.

DUAS CASAS DE MORADA DO DIRETOR E ENGENHEIRO, CONSTRUÍDAS DE PAU A PIQUE, FORRADAS E ASSOALHADAS, COBERTAS DE ZINCO GALVANIZADO, CERCADAS DE VARANDA CIMENTADA EM TODO O PRÉDIO, COM SALAS DE VISITAS, SALA DE JANTAR, CINCO QUARTOS E UM PUXADO ONDE SERVE DE COZINHA, COM SEIS QUARTOS COM CORREDOR DE LIGAÇÃO, COBERTO DE ZINCO, TAMBÉM COM UMA PORTA E SEIS JANELAS DE FRENTE EM CADA CASA, SENDO QUE UMA ESTÁ EDIFICADA EM FRENTE AO ESCRITÓRIO JÁ MENCIONADO E A OUTRA PRÓXIMA AO RIBEIRÃO ESPERANÇA E PELO LADO DOS DOIS PRÉDIOS DUAS JANELAS E UMA PORTA EM CADA UMA E NOS FUNDOS QUATRO JANELAS E UMA PORTA, MEDINDO DE COMPRIMENTO CADA UM DOS PRÉDIOS DEZESSEIS METROS E OITO METROS DE LARGURA, AVALIADOS EM DEZESSEIS CONTOS DE RÉIS.

UM LANCE DE CASAS, CONSTRUÍDO DE TIJOLOS E ALICERCES DE PEDRA E CAL, E DEDICADO AO LADO ESQUERDO DA OFICINA QUE SERVE PARA OPERÁRIOS, COM QUATORZE COMPARTIMENTOS, SENDO QUE CADA COMPARTIMENTO TEM UMA PORTA E UMA JANELA E PARA OS FUNDOS UMA PORTA E UMA JANELA, ASSOALHADA E FORRADA DE ESTEIRA, COM QUATRO QUARTOS CADA DIVISÃO, SENDO ELE TODO COBERTO DE TELHA DE ZINCO, MEDINDO DE COMPRIMENTO QUARENTA E SETE METROS, POR SETE METROS E VINTE CENTIMETROS DE LARGURA, AVALIADO EM SEIS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA PARA NEGÓCIO COM FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, PRÓXIMO AO RIO ITABIRA,

CONSTRUÍDA SOBRE ALICERCE DE PEDRA E CAL E PAREDES DE PAU A PIQUE, COM DIVISÕES PARA NEGÓCIO, CONTENDO PRATILEIRA E BALCÃO, COM CINCO QUARTOS, QUATRO PORTAS E DUAS JANELAS, PARTE ASSOALHADA E PARTE TERRA, MEDINDO DE FRENTE QUINZE METROS E VINTE CENTIMETROS E SEIS METROS DE LARGURA, AVALIADA EM UM CONTO DE RÉIS.

UMA CASA DENOMINADA “FAZENDA VELHA” EM RUÍNAS, COBERTAS DE TELHASVAN, AVALIADA EM UM CONTO DE RÉIS, DUZENTOS ALQUEIRES MAIS OU MENOS. DE TERRAS EM MATA VIRGEM, CAPOEIRÃO E PASTO, COM TODAS AS SUAS JAZIDAS MINEROLÓGICAS, DIVIDINDO COM A FAZENDA DO MARZAGÃO E CATTÁ BRANCA ATÉ O PICO DE ITABIRA, E PELO LADO DIREITO NA ESTRADA DO PICO ATÉ A ESTRADA DE RODAGEM DE ITABIRA AO PARAOPEBA E POR ESTA ATÉ LIMITAR COM TERRENOS QUE FORAM DO BERNARDINO QUITES ATÉ TOCAR NA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, AVALIADAS DA SEGUINTE FORMA: CINQUENTA ALQUEIRES DE MATA VIRGEM A CEM MIL RÉIS POR ALQUEIRE, CEM ALQUEIRES EM CAPOERÃO A CIQUENTA MIL RÉIS POR ALQUEIRE, CINQUENTA ALQUEIRES DE PASTO A TRINTA MIL RÉIS POR ALQUEIRE, PERFAZENDO TODAS ESTAS TERRAS A QUANTIA DE ONZE CONTOS E QUINHNTOS MIL RÉIS.

TERRAS DE MIGUEL BURNIER, TRÊS ALQUEIRES DE TERRAS CONTENDO RESERVAS MINEROLÓGICAS, QUE DIVIDEM POR UM LADO COM A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, NA ANTIGA CAIXA D’ÁGUA, ABAIXO DA ESTAÇÃO MIGUEL BURNIER, SUBINDO POR UM LACRIMAL, PERTO DO NASCENTE HÁ UMA ÁRVORE QUE TEM NA BAIXADA, SUBINDO ATÉ O ESPIGÃO E DESTE DESCENDO ÁGUAS VERTENTES DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL ATÉ ENCONTRAR COM TERRAS DE ANTÔNIO DA CRUZ CARTAXO, AVALIADAS EM TRÊS CONTOS DE RÉIS, CENTO E SESSENTA QUATRO CONTOS SEICENTOS E VINTE E SEIS MIL E CEM RÉIS.

NOTA: Constou do edital ainda QUINHENTOS METROS DE LINHA FÉRREA ASSENTADA.

A ADJUDICAÇÃO DE TODO O ACERVO PELO CREDOR HIPOTECÁRIO.

Interessante noticia publicou o jornal “Minas Gerais”, em uma de suas edições no ano de 1898:

“Comunica-nos o nosso correspondente em Santa Bárbara que, em virtude de execução hipotecária, foi adjudicada aos Bancos da Lavoura e do Comércio a usina de Monlevade, sita naquele município.”

Não tendo novamente havido licitantes, o credor hipotecário adjudicou todo o acervo.

(Adjudicação, no caso, é a transferência para o credor, do bem hipotecado, extinguindo assim a dívida hipotecária)

O ACERVO ADJUDICADO, RELATIVO A USINA DE MONLEVADE, FICOU NA PROPRIEDADE DO BANCO DA LAVOURA E COMÉRCIO ATÉ POR VOLTA DE 1926.

O jornal “Almanack Laemenest, Administrativo, Mercantil e Industrial”, do Rio de Janeiro, citava que, em 1926, a propriedade do acervo ainda estava com o Banco da Lavoura e Comércio do Rio de Janeiro. (Veja a página 25 abaixo).

O VALOR PELA AQUISIÇÃO DO ACERVO PELO Dr. GASTON BARBANSON.

O então Presidente da ABERD, que esteve no Brasil, por volta de 1920, acompanhando a comitiva do rei da Bélgica adquiriu (E depois foi reembolsado pelo Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, que iniciava a sua jornada gloriosa por terras mineiras), o acervo, sem a mina de Andrade, por mil contos de réis. Porém, quanto a MINA DE ANDRADE, vizinha a usina de João

Monlevade e possuidora de uma riquíssima jazida de minério de ferro, a importância foi bem mais elevada.

434	MINAS GERAES — MUNICIPIOS	VOL. IV
<p>José Andrade. Marcolino Ferreira de Jesus. Pedro Augusto de Araujo. Pedro Ventura. Pio Firmino da Costa.</p> <p>Agricultura: Alvaro de Azevedo Barros. Antonio Francisco Gomes. Antonio Vieira da Silva. Benjamin Vieira dos Anjos. Eduardo do Morro Agudo.</p> <p>Armarinho, fazendas, ferragens, calçados, etc.: Adelino & Mesquita. Adolpho Saturnino de Freitas. Antonio Augusto de Souza. Antonio Pantusa. Durval de Barros. Felicio Antonio de Araujo. Joaquim Celestino Costa. Joaquim Ferreira Mendes Junior. José Ferreira Braga. José Maria Braga. Manoel José de Ramos. Seraphim Antonio de Azevedo.</p> <p>Barbeiros: José Raphael. José Saturnino de Freitas Mafra.</p> <p>Café (Exportador de): Jeronymo de Azevedo Barros.</p> <p>Carpinteiros e marceneiros: Emilio Fernandes Carneiro. João Justino Tavares. José Domingues de Araujo. José Geraldino dos Santos. Messias Moniz. Nicolau Damião.</p> <p>Chapéus de taquarassu' (imitação de Panamá): Senhorita Venancio de Souza.</p> <p>Cortumes (Fabricas de): Carlos Martins Souza. Francisco Barros.</p> <p>Dentistas: João Dooç. Joaquim Elias de Souza Ferreira.</p> <p>Ferreiros: Antonio Tavares & Filhos. Avelino Gomes da Silva. Inocencio Fernandes Carneiro. João Roberto dos Passos. José Antonio de Assis Soares. José Marcolino da Cunha. Manoel Fernandes Carneiro.</p> <p>Ferro (Fabrica de artefactos de): Usina Monlevade, do Banco da Lavoura e Commercio do Rio de Janeiro.</p> <p>Ferro (Fundição de): João Americano. José Gonçalves de Magalhães. Octavio Augusto de Souza. Vicente Augusto da Silva Martins.</p> <p>Fogueteiros e pyrotechnicos: Francisco Xavier de Leites. José Baptista Leite.</p> <p>Fumo (Fabricas de): João Braga. Miguel Paes de Almeida.</p> <p>Funiteiros: Deolindo Caldeira da Silva.</p>	<p>Josias Leite Monteiro. Pedro Celestino Leite.</p> <p>Hotéis: Durval de Barros. Manoel José Ramos. Misseno de Araujo.</p> <p>Medico: Joaquim Sergio de Barros.</p> <p>Olarias: Antonio do Carmo. Francisco do Carmo. João Evangelista da Costa. Luiz Augusto dos Santos.</p> <p>Ourives: Cypriano Paulo de Souza. João Antonio de Souza. Thomaz de Aquino e Silva.</p> <p>Padação: Francisco Dicursos.</p> <p>Panellas e torradeiras de pedra: Jorge Affonso de Figueiredo. José Maria de Albuquerque.</p> <p>Pedreiros: Antonio Alves de Almeida. Geraldo Quaresma. Jonathas de Oliveira. José Maria da Costa. José Sant'Anna. Raymundo Gonçalves Dias.</p> <p>Pharmaceuticos: Antonio Saturnino Figueiredo. Freitas. José Fernandes Pinto Coelho.</p> <p>Polvilho (Fabricas de): Felicio Ferreira Mendes. Germano Peixoto. José Candido Mendes. José Carlos Junior. José Ferreira Villela. Luiz Carvalho de Miranda. Manoel Conrado Luciano. Manoel Lacerda.</p> <p>Rapaduras (Fabricas de): Antonio Raymundo Braga. Camillo Athayde. Dimas Lacerda. Gervasio Carlos de Magalhães. José do Nascimento. Luiz Antonio Caldeira. Manoel Rodrigues. Pedro Firmino. Pedro Villela. Viúva de Francisco Gomes de Figueiredo.</p> <p>Sapateiros: Durval Carlos de Souza. Perciliano Baptista de Oliveira.</p> <p>Seccos e molhados: Angelo Gomes de Mello. Antonio Gomes. Geraldino Villa Nova. Cassiano Bittencourt. Jonathas & Irmão. José Raymundo. Joaquim Evangelista. Leonidas José da Silva Junior. Manoel Gomes. Mavia José de Oliveira. Mariana Rita Flaviana. Tancredo Gomes. Vicente Alves.</p> <p>Sellaria: Alcebiades Freitas Mafra.</p> <p>Solicitador: Benjamin Salles.</p>	<p>Veterinario: José Gomes Figueiredo.</p> <p>Agricultores e lavradores Antonio Fernandes Diniz. Antonio Pedro Cotta. Bernardo Ferreira Guimarães. Felicio de Abreu e Souza. Filhos de Joaquim Fagundes. Gervasio Carlos de Magalhães. Herdeiros de Antonio Marçal Cotta. Herdeiros de João Justino de Magalhães. Herdeiros de Vicente Ferreira Mendes. João Antonio de Azevedo Barros. João Ferreira da Costa. Manoel Ferreira da Costa. Joaquim Gonçalves Machado. Manoel Pedro Cotta Sobrinho. Raymundo de Souza Leal.</p> <p>Criadores Antonio Antunes de Araujo. Durval de Barros. Felicio Antonio de Araujo. Francisco Xavier Augusto de Araujo. Herdeiros de Justiniano Bastos. Jeronymo Americo de Azevedo Barros. João Bernardino. Joaquim Ferreira Guimarães. José Anastacio de Souza. José Raymundo Dias Duarte. Lucindo Augusto de Araujo.</p> <p>Capitalistas Antonio Antunes de Araujo. Antonio Moreira da Silva. Antonio Saturnino Figueiredo. Freitas. Durval de Barros. Felicio Antonio de Araujo. Franklin Theophillo Magalhães. Manoel Ferreira da Costa. Manoel Pedro Cotta Sobrinho. Viúva Gomes de Freitas & Filhos.</p> <p>RIO PRETO Município creado pela Lei n. 2210 de 2 de Junho de 1876, pertencente á comarca de Juiz de Fôra. Limita-se com os municipios Ayuruoca, Turvo, Lima Duarte, Juiz de Fôra e Estado do Rio de Janeiro. Districtos: Cidade, S. Sebastião do Taboão Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, Santa Rita de Jacutinga, Santa Barbara do Monte Verde, S. Sebastião do Barreado e Santo Antonio da Uruçaria. Viação: Rêde Sul-Mineira, estações de Imbuzeiro e Santa Rita de Jacutinga e Central do Brasil, estação do Rio Preto. Culturas: Café, canna e cereaes. Rios: Preto, Pirapetinga, Santa Clara, Tres Barras, Santa Martha, Funil, Conceição, Bananal, Jacutinga, Peixe, Nazareth, S. Jorge e outros. Povoados: Conceição do Monte Alegre, Tres Barras, Porto do Indio, Cruzeiro, S. Christovão, Varrejos, Torrao e S. Domingos do Prata. População: 28.000 habitantes.</p>

**Ferro (Fabrica de artefactos de):
Usina Monlevade, do Banco da Lavoura e Commercio do Rio de Janeiro.**

DESDE 1921 JÁ SE PENSAVA EM CONSTRUIR UMA GRANDE USINA EM JOÃO MONLEVADE. (Vê páginas 24 e 25 acima).

A ideia original era a de construir uma grande usina em João Monlevade, mas ela teve ser adiada por inexistir, na ocasião, meios adequados para escoamento da grande produção, daí ter-se priorizado a usina de Sabará, por já estar ligada por ferrovia, ser perto da Capital do Estado, conter, quase ao lado da usina, uma mina de minério, contar com água abundante e já possuir uma usina em atividade, embora em situação pré-falimentar.

João Monlevade, na realidade, já possuía alguns destes requisitos, exceto não possuir nada em atividade, não estar perto da capital, não ter os meios necessários para escoar a grande produção que se pretendia, embora já existisse a ferrovia Central do Brasil, mas em condições inadequadas e sem ligação com importantes centros, além de ter que construir uma cidade e uma usina partindo do zero e instruir a mão de obra da região.

A ORIGEM DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ E JOÃO MONLEVADE – LOUIS ENSCH –

A origem e a aquisição dos terrenos para construção da usina de Sabará, estão totalmente divorciados do acervo adquirido ao Banco da Lavoura e Comércio. A usina de Sabará tem origem no patrimônio adquirido da Companhia Siderúrgica Mineira.

Porém, mais uma vez, houve a participação decisiva do sr. Gaston Barbanson, na aquisição do patrimônio da siderúrgica até então existente.

REGISTRO DA CRIAÇÃO DA COMPANHIA SIDERÚRGICA MINEIRA.

Em 21.01.1917, foi registrada em cartório de Sabará a criação de Companhia Siderúrgica Mineira – CSM – embrião da futura Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

Em 1923, o Governo Federal expede o Decreto nº 16.103, de 18 de julho do mesmo ano, dispondo:

“Ementa

Concede a Companhia Siderurgica Belgo-Mineira, os favores constantes do decreto n. 12.944, de 30 de março de 1918, e do art. 1º do decreto legislativo n. 4.246, de 6 de janeiro de 1921, para o desenvolvimento da indústria siderúrgica nas propriedades em Sabará, Estado de Minas Geraes.”

Adquirida a siderúrgica então existente, em 10 de novembro de 1927, apareceu em Sabará o engenheiro LOUIS ENSCH, então com 30 anos de idade, com a incumbência de recuperar a pequena usina que lá existia e estava em estado pré-falimentar.

Em menos de quatro anos, este jovem engenheiro conseguiu a proeza de sanar financeiramente a usina siderúrgica, tornar os seus produtos confiáveis no mercado nacional, que até então preferiam os produtos importados.

Começou a surgir aí, o gigante que se tornou a Belgo Mineira em Minas Gerais e no Brasil, após o início de sua administração em Sabará.

Louis Ensich não parou na modernização da usina de Sabará, considerando os modelos da época. Ele, com a sua notável liderança e capacidade, construiu no Bairro Siderúrgica em Sabará, as residências para os operários, diretores, engenheiros e colaboradores em geral, que ele não cansava de elogiar e repartir com eles os frutos do sucesso.

Reformou e modernizou a Santa Casa de Misericórdia, construiu a maternidade em prédio anexo, instituiu a puericultura, creche e serviços de pré-natal e assumiu as despesas e manutenção de todo o conglomerado.

Tornou-se, o grande patrocinador do Esporte Clube Siderúrgica, arcando com todas as suas despesas e salários dos jogadores, que, já em 1930, tornou-se campeão mineiro de profissionais. O mesmo fez com campo de futebol denominado Praia do Ó, orgulho dos sabarenses que assistiram durante anos os embates do Siderúrgica contra os times da elite profissional de Minas Gerais.

No Esporte Clube Siderúrgica adotou-se o semiprofissionalismo. Os jogadores eram contratados, com carteira assinada, pela Usina de Sabará. Quando não tinham treinos ou jogos, prestavam serviços à Companhia.

Recordo, por exemplo, de Silvestre, um dos maiores jogadores do futebol mineiro na década de 1960, cobiçado até por equipes do Rio e São Paulo, nesses momentos pintava as casas de funcionários da Companhia, juntamente com outros jogadores. Outros, colaboravam no escritório, etc.

Houve investimento maciço na área educacional, construção de clubes recreativos, inclusive o famoso “Cravo Vermelho”, saúde, lactário, gabinetes médicos e dentários, locais para lojas, mercados, etc.

Realizado com sucesso o seu empreendedorismo na histórica cidade de Sabará, Louis Ensch partiu para outras iniciativas ainda mais ousadas.

Neste sentido, optou por investir e construir uma usina ainda mais moderna e mais produtiva, situada em João Monlevade.

Em 31.08.1935, foi colocada a pedra fundamental da construção da usina, próxima do Solar Monlevade, pelo então presidente da República, Getúlio Vargas.

Nesta época, colocou o engenheiro luxemburguês Albert Sharlé, como Superintendente da usina de Sabará. No mesmo período levou o engenheiro eletricista Joseph Hein (Também luxemburguês), para administrar a construção da nova usina de João Monlevade. Ele, em Sabará, foi o responsável pela instalação da usina hidroelétrica de Taquaraçu, sendo que a

hidroelétrica no rio Piracicaba em João Monlevade entrou em funcionamento em 1937.

Por sua vez, Paulo Gonzaga Mascarenhas ficou responsável para administrar as partes urbanista e residencial de João Monlevade.

A usina de João Monlevade, foi inaugurada em 1937.

Os obstáculos eram intransponíveis, mas não para LOUIS ENSCH, dotado de uma extraordinária força de vontade, espírito de liderança e inabalável confiança naquilo que propunha fazer, além do estímulo gerado pela certeza de que estava fazendo o bem.

João Monlevade foi a primeira cidade industrial previamente projetada. Anteriormente, Belo Horizonte e Goiânia haviam sido, mas para serem capitais dos respectivos Estados.

Um dos obstáculos advinha de alguns políticos que acusavam a Companhia Belgo Mineira de explorar os trabalhadores, além de fazer uma concorrência predatória com a usina de Volta Redonda e de ser um “truste estrangeiro”, etc.

Por exemplo, um ex-deputado estadual do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), publicou em 1952, nesta linha de raciocínio, o livro “Belgo Mineira ou Siderurgia Nacional”, com virulentas críticas à Companhia. (Edição da Imprensa Oficial).

Ao contrário de Sabará onde praticamente construiu um Bairro inteiro e fez obras pontuais na parte histórica da cidade, em João Monlevade ele construiu a cidade.

Além da usina, investiu pesadamente na infraestrutura necessária para o perfeito funcionamento de uma cidade. Na área social, procurou dar para os funcionários um padrão de vida que à maioria não tinha. Muitos deles vieram das cidades vizinhas, outros de áreas rurais, em cujas precárias moradias não tinham energia elétrica, água tratada e esgoto.

O famoso Centro Industrial, capitaneado pela chamada popularmente “Praça do Cinema”, foi um marco na arquitetura de João Monlevade.

Nele se incorporou o que era essencial na época para o desenvolvimento da cidade e do bem estar da população. Cinema, Clube social e recreativo, lactário, farmácia, Grupo Escolar, hotéis, o belo hotel do Cassino, igreja em local privilegiado, as ruas Siderúrgica e Beira Rio, entre outras, com residências para os funcionários. As barragens geradoras de energia elétrica para a usina, residências e outros locais, o fornecimento de água tratada, esgotos, etc.

Ademais, em contraste com os críticos, os funcionários não pagavam pelos consumos em suas residências da energia elétrica, da água e da utilização da rede de esgotos. Pagavam um pequeno aluguel, de valor simbólico. Tudo foi provido pelo espírito criador de Louis Enschedé.

A represa do Jacuí no rio Piracicaba, próxima do estádio de futebol com o mesmo nome, também foi outra grande visão deste Estadista, tornando a usina e toda a infraestrutura independentes no fornecimento da energia elétrica. O mesmo fez em Sabará com a construção da represa de Taquaraçu.

Foi ainda, pensando no bem estar dos funcionários e seus familiares, que na gestão dele se construiu o hospital Margarida, que tantos benefícios trouxe e continua trazendo para o povo de João Monlevade e de toda a região próxima. O hospital foi inaugurado em 16.11.1952.

Ainda em 1952, na comemoração dos 25 anos da sua administração, que confundia com a própria existência da Belgo Mineira em Minas e no Brasil, Louis Enschedé em um primeiro discurso, proferido em 15 de novembro de 1952, cita o nome de um grande personagem da época, sem o qual o sucesso do empreendimento poderia não se concretizar.

Ele demonstra, neste discurso, uma gratidão para um sabarense histórico, que teria dado substancial ajuda para que a usina de Sabará deslanchasse.

Vou transcrever, na íntegra, as palavras de Louis Enschedé:

“Não desejo terminar estas palavras sem expressar a minha profunda satisfação pela presença, entre nós, de um dos mais

esclarecidos estadistas brasileiros, cuja vida tem sido um constante exemplo de amor e dedicação aos mais elevados interesses da Pátria!

Quando Presidente de Minas Gerais, nos primórdios dos nossos empreendimentos, foi de sua Excia que recebemos os melhores estímulos para o real desenvolvimento da siderurgia em nosso Estado.

Quando os nossos produtos de aço – os primeiros laminados fabricados no Brasil – ainda eram recebidos com desconfiança, por se tratar de produto nacional, foi Sua Excia quem ordenou o seu emprego nas obras públicas, dando uma evidente prova de confiança na qualidade do aço mineiro.

No correr de sua longa e brilhante vida pública, tem sido um ardoroso defensor do desenvolvimento da siderurgia em Minas Gerais, bem compreendendo a sua importância para a economia do Estado e do progresso do Brasil.

Refiro-me, como vós, certamente, já o compreendestes, ao eminente Presidente Melo Viana, ilustre Senador da República, a quem agradeço, de público, por tudo que tem feito pela siderurgia em Minas Gerais e, por conseguinte, pela Belgo Mineira.”

Apenas a título de ilustração, desde que este grande sabarense é pouco conhecido atualmente, até mesmo pelos seus conterrâneos, faço uma súmula de sua trajetória de vida.

Manuel Pereira de Mello Vianna nasceu em Sabará em 15 de março de 1878, falecendo em fevereiro de 1954.

Foi, entre outras coisas, advogado, empresário, Juiz de Direito, Promotor de Justiça, Deputado Estadual, Presidente do Estado de Minas Gerais, Vice-Presidente da República, Senador Federal e Presidente da Assembleia Nacional Constituinte que, após a destituição de Getúlio Vargas, outorgou ao país a constituição Federal de 1945.



MELLO VIANNA.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1952, na inauguração do Hospital Margarida, Louis Ensich também demonstrou gratidão por Getúlio Vargas e Juscelino Kubistchek. O primeiro por determinar a conclusão da ligação ferroviária da Central do Brasil com a Vitória-Minas, obra que permitiu o início da construção da usina de João Monlevade e concluída em 1934. (Veja pág. 112).

O segundo, como governador do Estado de Minas Gerais, por ter, nas palavras de Louis Ensich, “empenhado-se para dar a Monlevade uma nova ligação rodoviária com Belo Horizonte, a fim de permitir o escoamento de grande parte da sua produção futura, aliviando, tanto quanto possível, o tráfego ferroviário, que, todavia, suportará também grande parcela da responsabilidade, no tocante ao abastecimento de matérias primas, e exportação dos produtos da usina.”

Louis Ensich nesta oportunidade, em que o povo de João Monlevade deu ao hospital o nome de sua mãe, disse em alto e bom som: “Daremos aos trabalhadores e às suas família todas as possibilidades de uma vida condigna, num ambiente de harmonia e segurança.”

Lactário.

O lactário localizado em um prédio que chamava a atenção pela imponência, tinha capacidade para produção diária de 10.000 litros de leite pasteurizado e 500 quilos de manteiga.

O leite pasteurizado era distribuído gratuita e diariamente para os filhos dos funcionários, até que completassem determinada idade.

Em 1947, contraiu no Chile, matrimônio com Ceci Coutinho.

Ainda criança, nos anos de 1954 e 1955, vivi em João Monlevade, na fase áurea da companhia e da cidade, morando com os meus pais e irmãs, em cima da farmácia da Belgo Mineira, localizada no final da galeria na Praça do Cinema. Quando mudamos para Sabará, na residência passou a funcionar a Rádio Cultura.

Na realidade, acompanhei a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira em três localidades: Coronel Fabriciano, em que meu pai, Manoel Martins Gomes Lima, ex-Prefeito de São Domingos do Prata, foi chefe do escritório, em João Monlevade, no período acima, em que foi o farmacêutico responsável pela farmácia da Belgo Mineira e, a partir de 1956, em Sabará, onde cumpriu a mesma função da de João Monlevade.

Eu mesmo, quando ainda menor, fui contínuo no escritório técnico da Belgo Mineira na usina de Sabará, onde além de ser responsável pelo arquivamento e empréstimo das plantas técnicas aos engenheiros (Na época confeccionadas em papel heliográfico, por desenhistas técnicos), tinha a missão de tirar cópias das mesmas, em uma máquina abastecida com amoníaco, sempre que solicitado por um engenheiro, técnico, ou pelos desenhistas.

LOUIS ENSCH E SUA DIRETORIA MANTINHAM UMA EXCELENTE COMUNICAÇÃO COM MUNICÍPIOS DA REGIÃO, ALGUNS DOS QUAIS FORNECEDORES DE MÃO DE OBRA E CARVÃO PARA USO NA USINA.

VISITA DA ALTA CÚPULA DA BELGO MINEIRA À FAZENDA DE WALDEMAR ROLLA E À RESIDÊNCIA DO PREFEITO MANOEL MARTINS GOMES LIMA.

A “Voz do Prata” de 21 de maio de 1944 noticiava:

“Estiveram nesta cidade os Exmos. Srs. Dr. Louis Enschedé, DD. Diretor geral da CIA. Siderúrgica Belgo Mineira, Drs. Albert Sharlé e Joseph Hein, diretores respectivamente das usinas de Sabará e Monlevade e Cel. João Horta Sobrinho, grande funcionário da grandiosa empresa siderúrgica.

Muita embora em rápida visita, após um passeio em uma das propriedades agrícolas do Sr. Waldemar Rolla, onde tiveram a oportunidade de apreciar seu gado de raça, mantiveram nossos ilustres visitantes (...) em palestra com o nosso Prefeito Manoel M. Gomes Lima, em sua residência, transmitindo-lhes esta satisfação e a honra que hora conferiam a cidade e ao município, em cujo progresso muito já tem colaborado a Belgo Mineira”.

OBS.: Por coincidência, todos os três primeiros visitantes foram diretores gerais da Belgo Mineira. Louis Enschedé que foi o grande responsável pela implantação da Belgo Mineira em Minas Gerais, tanto em Sabará como em João Monlevade e, com sua visão de futuro, pela construção do Bairro Siderúrgica em Sabará e da cidade de Monlevade com as edificações das moradias para seus funcionários e de toda a estrutura possível na época, incluindo as áreas de saúde, lazer, educação.

Nasceu em Luxemburgo em 1893 e morreu em 09.09.1953. Albert Sharlé, sucessor de Louis Enschedé, nasceu em Luxemburgo em 1898, falecendo em 30.06.1956. Joseph Hein, nascido em Luxemburgo em 1902 e falecido em 02.08.1985.

(Trecho extraído do meu livro “São Domingos do Prata: Berço e Origem”, Editora Del Rey).

O FALECIMENTO DE LOUIS ENSCH, O HOMEM NA FRENTE DE SEU TEMPO. A PARTIR DAÍ ENTROU PARA A HISTÓRIA.

Em 1953, em total ingratidão àquele que foi o grande precursor do progresso na região e da própria siderurgia

brasileira, Louis Enschedé foi demitido de todos os seus cargos na ARBED e CSBM.

Marc André Meyers, monlevadense filho de luxemburguês, escreveu um excelente romance intitulado “A dama e o luxemburguês”, no qual utilizou personagens imaginários, entremeando com algumas passagens verídicas colhidas através dos depoimentos de diversas pessoas contemporâneas aos fatos.

Ao ser demitido, Louis Enschedé, que tanto amava a Belgo Mineira e o Brasil, parece não ter aguentado o “golpe”, daí terem surgido algumas versões sobre a sua morte.

Uma delas contada pelo autor acima, cujo teor reproduzo a seguir, teria ocorrido em um quarto de hotel em Luxemburgo, onde teria ido em busca de aporte financeiro junto à cúpula da ABERD, para aumentar substancialmente a produção de aço, ocasião que teria sido comunicado de sua demissão:

“O suor escorria por seu rosto, deixando manchas no papel. Ele dobrou as cartas (As duas transcritas a seguir, que teria deixado no quarto do hotel), colocou-as em envelopes e os fechou.

Depois, caminhou até a sua maleta, pegou uma pistola e a olhou por um instante. Coragem, Jacques. Você nunca foi um covarde. Mostre-lhes do que você é feito.

Ele apontou para o peito, direto no coração e apertou o gatilho. Seu corpo foi atirado violentamente para trás. O choque da bala arrancou-lhe a dor do peito. A pressão deu lugar a uma sensação de queimadura. Eles me mataram, mas não podem matar a Belgo Mineira. Então, gradualmente, as cores se diluíram e tudo ficou branco.”

Obviamente, não sendo o autor testemunha visual do ocorrido dentro da intimidade de um quarto de hotel, ele usou de sua fértil imaginação para preencher as lacunas.

Contudo, os indícios são de que realmente se suicidou, reforçado pelas duas cartas abaixo, transcritas pelo próprio autor, na página 334 de sua obra:

“Minha amada Lelê:

Está tudo acabado. Tenho que ir, já não posso viver sem meu orgulho. Saiba que eu a amo, agora e para sempre. Você sempre estará comigo.” Jacques.

Na outra carta ele escreveu:

Para: Albert Sharlé.

Meu caro amigo de muitos anos:

Como o novo diretor geral, insisto em que leve adiante o projeto de expansão tão firme e decididamente como se eu estivesse aí agora. Ninguém poderá impedi-lo.” Jacques.

A VERSÃO DA DEMISSÃO POR MARC ANDRÉ MEYERS.

Vou contar, obviamente com as ressalvas por se tratar de um romance em que o autor mistura ficção com alguma realidade, o episódio narrado pelo autor em seu livro acima mencionado:

“(…) Quando Ensich entrou no escritório do diretor geral, guiado por uma secretária pressurosa, ele deu uma boa olhada nas paredes cobertas com retratos em tamanho natural antes de cumprimentar Hoffman. Já estive aqui antes, com homens maiores que você. O que se passa pela sua cabeça?

Então Jacques, estive lendo seu relatório para uma nova linha de produção. Quanto custará todo o projeto? – O tom de voz de Hoffman era desagradavelmente agressivo.

Mais parecia um professor cínico questionando um estudante rebelde. Ensich se sentiu desconfortável nessa posição subordinada. Ainda não recebemos os lances. Essa será a primeira usina de aço Lintz-Donavitz na América Latina.

Os Estados Unidos copiaram o processo LD e estão construindo essas usinas já por alguns anos. Seremos os pioneiros mais uma vez. Iremos...

Não me preocupo com o pioneirismo – Hoffman o interrompeu – Aqui estão os números dos lucros que recebemos. É um quadro deplorável. 1951: 18.153.000 francos. 1952: 15.297.000 francos. Ensch ofendeu-se com a interrupção. Como ousa?

Você sabe como é difícil remeter dinheiro do Brasil. Todas as normas governamentais. Galotti tem dado o melhor de si para transferir o dinheiro por baixo do pano. – Ache outros meios Jacques.

- Estamos criando uma empresa fantasma no Uruguai. Teremos condições de remeter lucros para lá e então para a Banque Internacionale de Luxembourg.

- Ouça bem, Jacques, sou uma pessoa de resultados. Por esse motivo fui escolhido para o cargo. Não porque finjo ser um visionário. Ele apontou para os quadros nas paredes. – Esses foram os pioneiros. E a ARBED está quase falida. Portanto, aqui está a minha última palavra: basta de riscos, e mais lucros remetidos para Luxemburgo.

Ensch levantou-se subitamente, o rosto em chamas. – Nós nos sacrificamos lá embaixo, trabalhando dia e noite. Como ousa nos transformar em contadores de centavos? Um sorriso perverso atravessou o rosto de Hoffman. – Bem, você deveria comprar as ações da ARBED. Elas pularam cinquenta por cento desde que assumi.

Ensch esmurrou a mesa de Hoffman com os punhos. – Tenho grandes planos para a Belgo Mineira, e você não vai me atrapalhar. Aumentaremos a produção para dez milhões por ano. O Brasil é um gigante adormecido.

- Quer se acalmar, por favor? Você não tem autoridade para iniciar a expansão, nem recursos para fazê-lo.

- Eu tenho a autoridade legal, a procuração da ARBED para decidir conforme desejar. Isso me foi outorgado por Antoine Reinisch. Hoffman sorriu. Você se esqueceu que é apenas o diretor Técnico? De que Vanhoeck é o diretor geral da Belgo Mineira?

Ele abriu a gaveta da mesa e retirou um documento. Aqui, leia isto. Os papéis já foram trocados. A procuração foi revogada. Vanhoeck é a única pessoa autorizada legalmente a tomar decisões financeiras importantes. A festa acabou.

Ensch pegou o documento, leu-o e o amassou, jogando-o sobre a mesa de Hoffman. – Você não tem o direito. Eu criei a Belgo Mineira.

Em seguida, sentiu uma pressão no peito, a mesma dor que vinha sentindo. Exceto que dessa vez era maior, mais apertada. Como respirasse com dificuldade, desabou na cadeira. Segurando o peito, respirou profunda e dolorosamente.

A seguir Hoffman faz uma acusação procurando manchar a honra de Enschede e termina:

- A partir de agora, toda a administração da Belgo Mineira está sendo informada quanto ao novo modus operandi. Tudo vai passar pelo crivo de Vanhoeck. Novamente.

A dor aumentara, e agora era como um torno de bancada apertando seu peito. O médico o havia alertado no Brasil: - “Você terá uma enfarte qualquer dia se não reduzir o ritmo”

Era isto que estava acontecendo. Enschede se levantou e cambaleou para fora. Antes de abrir a porta, ele voltou e berrou: - É isso aí. Estou me demitindo. – Não, você está sendo demitido – Acrescentou Hoffman em tom sarcástico. – Agora, deixe-me só. Estou ocupado.

(...) Peça um taxi para ele, Josi – ordenou Hoffman. Enquanto o taxi o levava (...), Enschede agarrou o colarinho e abriu a camisa. Estava molhada de suor, que também escorria pelo rosto. A dor se irradiava para o braço esquerdo. Eu não vou para o hospital, pensou ele. Minha vida acabou. Ao sair do taxi, o

porteiro o ajudou. Na recepção ele pediu a chave. – Madame ainda não voltou, monsieur. – O porteiro o ajudou a subir para o quarto. A empregada veio correndo. – Monsieur, devo chamar um médico? Ele a expulsou e trancou a porta. A dor não foi embora.

Agora se espalhava por todo o corpo, até a perna. (...)

Enfim, esse homem na frente do seu tempo ao fazer tanto bem ao Brasil, entrou para a história em 9 de setembro de 1953, enquanto...

OUTRA VERSÃO.

Outra versão, não confirmada para sua destituição, passando de mera hipótese, foi a que teria ido a Luxemburgo para tentar implantar na Belgo Mineira um método revolucionário no qual não mais se necessitaria de usar o carvão vegetal, o que traria grandes prejuízos para grandes grupos estrangeiros produtores de aço.

O jornal “O Morro do Geo.”, de propriedade do jornalista monlevadense Marcelo Melo, divulgou um interessantíssimo artigo subscrito pelo grande jornalista David Nasser e publicado na revista ‘O Cruzeiro’, que reproduzo abaixo, mas alertando que inseri no meio dois títulos com letra maiúscula:

“O engenheiro luxemburguês que transformou a pequena usina de Sabará numa verdadeira universidade siderúrgica e construiu em Monlevade a maior siderurgia a carvão vegetal de todo o mundo, preconizou, meses antes de sua morte, o fabrico de aço sem necessidade de coque ou carvão vegetal, reduzindo-se o minério com hidrogênio – Ele mesmo acrescentava: “esta solução, de certo modo revolucionário, não pode interessar aos países que lideram o programa de siderurgia...” – A vida do engenheiroensch, o homem que amou o Brasil, resume-se no milagre da ação.

Vamos contar-lhes a história de um brasileiro que nasceu no Grão-Ducado de Luxemburgo. Poucos homens que viveram no Brasil souberam amar e servir esta terra com tanto devotamento, tanta coragem e tanta inteligência como Louis J.ensch, um cavalheiro enorme de largos gestos e palavra franca, chegado a estas bandas há mais de vinte anos e que deixou ficar por aqui, enamorado de Minas Gerais e do seu povo hospitaleiro e bom.

A missão do engenheiro Louisensch, ao desembarcar no Brasil, era triste. O consórcio belgo-luxemburguês, que dirigia a usina de Sabará, o primeiro grupo industrial estrangeiro que vinha colaborar com os nacionais para estabelecer as bases da indústria siderúrgica no Brasil, mostrava-se desesperançoso e pessimista em face dos resultados adversos das experiências realizadas.

A usina siderúrgica mineira lutava com grandes dificuldades, pois o mercado consumidor era apenas uma promessa, apesar da produção anual de Sabará não ultrapassar as seis mil toneladas. Os estoques acumulavam-se nos galpões, por falta de compradores, enquanto a usina muitas vezes paralisava o seu único alto-forno e o seu laminador durante seis meses seguidos.

O capital já apresentava indícios de sangrias mais ou menos graves e a ordem que Louisensch havia recebido, na Europa, deve ter sido mais ou menos esta; – “Liquide essa experiência”.

O jovem luxemburguês chegou a Belo Horizonte e sentiu um sopro de renovação agitando a velha província brasileira. Percebeu que as dificuldades eram momentâneas e podiam ser contornadas e vencidas.

E por sua própria conta mandou dizer aos seus superiores que o Brasil era um país cheio de possibilidades. Sabará não devia ser suprimida. Sabará necessitava de um aumento na sua capacidade produtora, para que servisse de marco inicial da moderna indústria do aço no Brasil.

Poucos meses foram necessários para Louisensch demonstrar que a sua fé não era infundada. A usina foi inteiramente reorganizada, outro alto-forno foi construído, mais dois fornos de aço, e a produção subiu para 30.000 toneladas. E o mercado nacional, que não tinha capacidade para absorver as 6.000 toneladas anuais, devorou, rapidamente, as 30.000, que a energia de Louis J. Ensch arrancara da velha Sabará.

O trabalho do engenheiro luxemburguês, em terra brasileira, estava concluído com êxito e ele podia regressar; mas afeiçoara-se de tal maneira com o Brasil, que idealizou um segundo e maior empreendimento, justificando a sua demora em Minas Gerais.

Projetou e executou a universidade siderúrgica, que é Monlevade, a maior siderurgia a carvão vegetal de todo o mundo.

Quando Louis Ensch plantou a nova usina, no mesmo local em que João Monlevade há cerca de um século, montara um pequeno forno catalão de ferro, talvez não soubesse que estava integrando, definitivamente, o Estado de Minas Gerais no futuro siderúrgico do Brasil. Muitos anos depois, o Coronel Macedo Soares diria que, sem Monlevade, não teria sido possível Volta Redonda.

Os mineiros choraram na rua a morte de Louis J. Ensch, em Luxemburgo, onde fora adquirir maquinaria para ampliação da siderurgia de Monlevade.

A imprensa em peso diria, depois, que o que havia de melhor, de mais humano e de mais criador na personalidade de Louis Ensch, ele o pusera a serviço do Brasil.

Durante 25 anos, todos os atos, todas as horas, todos os pensamentos de Ensch voltaram-se para um só objetivo: a nossa emancipação econômica. Assim foi quando ele converteu (ao invés de liquidar) a pequena usina de Sabará – uma experiência de um grupo de mineiros de boa vontade – no grande parque industrial da Belgo-Mineira. Por esse motivo, Louis J. Ensch transforma-se na realidade, em fundador da siderurgia no Brasil.

Havia um segredo que Enschede guardava. Sabia que um processo revolucionário, inteiramente novo, poderia colocar o Brasil na vanguarda da siderurgia mundial, no cartel do aço.

O MÉTODO REVOLUCIONÁRIO.

Sabia que o aço poderia ser produzido não mais com o coque, não mais com o carvão vegetal, mas simplesmente com a água, com o hidrogênio.

Porém, Enschede sabia, também, que esse processo tornaria obsoleta toda maquinaria existente nos Estados Unidos e na Europa, e que uma luta surda, uma guerra fria seria travada para impedir a aplicação do novo método.

As suas únicas palavras, portanto, a esse respeito, foram estas, apenas estas: – ‘Com o progresso da ciência e da técnica, outros métodos poderão ainda vir a ser empregados, porque, nesse campo industrial, não vemos razão para a exclusividade absoluta de um sistema, com a total supressão dos demais.

Permitimo-nos, por isso, apontar à consideração dos que se interessam realmente pelo progresso de nossa siderurgia, um problema que reputamos da mais alta responsabilidade. Aos estudiosos da metalurgia do ferro não pode ter passado despercebido a feliz solução que seria a redução dos minérios pelo uso do hidrogênio. O problema está na cogitação dos técnicos, mas ainda não atingiu sequer a etapa semi-industrial.

Cumpramos, todavia, considerar que esta solução, de certo modo revolucionária, não pode interessar aos países que lideram o progresso da siderurgia no mundo, pois justamente eles é que possuem imensas reservas de bom carvão mineral e já têm empastados vultuosos capitais em suas usinas. Assim, conclamamos aos colegas a se congregarem num movimento junto aos institutos técnicos de pesquisas, às escolas e às grandes organizações industriais, no sentido de se dedicarem com afinco à solução do problema.

De nossa parte podemos afiançar que a Belgo-Mineira está disposta a lançar capital, técnico e todo o seu entusiasmo na consecução deste objetivo, sem qualquer interesse individualista, porém, sinceramente devotada ao progresso constante do Brasil.

Este foi o segredo que Louis J. Enschedé não levou para o túmulo. Seu grande amor ao Brasil (os luxemburgueses são tremendamente sentimentais e afeiçoam-se inteiramente à terra onde constroem o seu lar.)”

NOVA FÁBRICA DE AÇO A OXIGÊNIO IMPLANTADA LOGO APÓS A MORTE DE LOUIS ENSH.

Interessante noticia publicou o jornal “Tribuna de Minas”, em uma edição de novembro de 1953, da qual subtrai o seguinte:

“(…) Sabe-se que o motivo que levou à Europa, este ano, o saudoso engenheiro Louis Enschedé foi, exatamente, adquirir no velho mundo os equipamentos necessários à execução daquele programa ao qual vinha dedicando nos últimos anos todo o seu entusiasmo.

Enschedé, que idealizara o novo plano, antes de chegar a Luxemburgo, onde viria a falecer repentinamente, estivera na Alemanha e na Áustria, ali estudando a compra de equipamento, inclusive de uma nova fábrica de aço, que viria dotar Monlevade da mais avançada técnica industrial, ainda desconhecida no Brasil, que é o emprego de convertedores com a injeção de oxigênio puro (...).”

Na notícia consta ainda que o diretor geral da ARBED, o sr. Felix Chomé e Guilherme Konsbruch, diretor geral do consórcio europeu, vieram ao Brasil, além de apresentarem condolências à

diretoria e ao pessoal da Belgo Mineira, também em viagem de negócios.

Já na companhia de Albert Sharlé, como sucessor de Louisensch, estes dois diretores tomaram conhecimento dos planos de expansão da usina e teriam oferecido, na oportunidade, toda assistência técnica que viesse necessitar o empreendimento.

Segundo a notícia, o programa de expansão se baseava em três elementos:

- A sintetização.**
- O emprego do oxigênio para a fabricação do aço.**
- O reflorestamento.**

O 1º e 2º elementos, permitiam uma grande redução no uso de carvão, mas não descartavam a sua utilização, tanto que o 3º era exatamente o reflorestamento.

Esta nova técnica consistia no emprego do oxigênio que, em estado quase puro, seria soprado diretamente nos convertedores, além de dispensar o gasto com óleo combustível que era produto importado.

Portanto, a segunda versão para a morte de Louisensch não procede eis que, inclusive, este foi o seu pedido a Albert Sharlé, seu grande amigo desde Luxemburgo, para implantar esse sistema, conforme constou em um das cartas deixadas no quarto do hotel em Luxemburgo. (Pág. 36), embora, ao contrário do projeto original de Louisensch, ainda se utilizou o carvão.

Então, porque não foi dado a ele este privilégio de implantar o novo sistema, se pouco tempo após a sua morte, isto ocorreu? Teria sido por algum ciúme de seu sucesso no Brasil? Bem, a resposta fica por conta da interpretação de cada um.

JORNAL PUBLICANDO AVISO FÚNEBRE.

O jornal carioca, “Correio da Manhã”, edição do dia 10 de setembro de 1953, publicou o seguinte aviso:

“LOUIS JACQUES ENSCH.

A diretoria, o Conselho Consultivo e o Conselho Fiscal da CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, ontem, dia 9, em Luxemburgo, do inesquecível amigo Dr. LOUIS JACQUES ENSCH, Diretor Geral da Companhia. Os seus funerais serão realizados no Brasil em data que será oportunamente comunicada.”

Na edição do dia 13 de setembro de 1953, o mesmo periódico noticiou:

“A COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA, comunica que os restos mortais do seu Diretor Geral, DR. LOUIS JACQUES ENSCH, falecido no dia 9 do corrente, em Luxemburgo, deverão chegar dia 14, às 13:30 horas, pelo avião da K.L.M, voo 665, no aeroporto do Galeão, de onde serão trasladados para Belo Horizonte.

O enterramento será em Monlevade.

Por este motivo, a Família e a Companhia enlutadas justificam o pedido que fazem de não serem enviadas flores e coroas.”

O TESTAMENTO DE LOUIS JACQUES ENSCH.

O jornal “Correio da Manhã”, edição de 27.12.1953, noticiava:

“CERCA DE DOIS MILHÕES DE CRUZEIROS PARA OS EMPREGADOS DE LOUIS ENSCH.

A partilha do maior testamento do Fórum mineiro nos últimos tempos.

Foi aberto o testamento do sr. Louis Ensich, diretor da Cia. Siderúrgica Belgo Mineira, recentemente falecido no condado de Luxemburgo e cuja fortuna é estimada em cerca de 500 milhões de cruzeiros.

Os primeiros legatários do grande siderurgista brasileiro são a viúva d. Maria Coutinho Ensich e os três irmãos de Louis Ensich, que residem em Luxemburgo, os quais ficam com os bens nos Estados Unidos, Argentina, Suíça e Luxemburgo.

CONTEMPLADAS COM UM MILHÃO DUAS CAMAREIRAS.

Detalhe curioso é que duas camareiras de cor foram contempladas com um milhão de cruzeiros em ações: as irmãs Maria José de Araujo e Perciliana de Araujo, que servem na residência do morto há mais de 17 anos.

O motorista Pedro Celestino deverá receber mais de 500 mil cruzeiros, enquanto outros empregados domésticos serão também contemplados.

No testamento, é indicado como conselheiro jurídico o ex-governador de Minas, sr. Milton Campos.

ERA GUARDIÃO DE OITO TONELADAS DE OURO.

Aspecto interessante nas disposições do testamento do sr. Louis Ensich, diretor da Belgo Mineira, refere-se a bens de terceiros deixados à sua guarda.

Entre eles destaca-se um depósito de ouro no Banco Minas Gerais, pertencente ao sr. Aloísio Meyer, presidente da ARBED,

falecido há alguns meses. O depósito alcança o peso exato de oito mil 230 quilos e 371 gramas.”

INVENTÁRIO DE LOUIS ENSCH.

O mesmo periódico, na edição do dia 12.02.1955, noticiava:

“ONZE MILHÕES DE CRUZEIROS receberá o Estado de Minas Gerais da herança do presidente da Belgo Mineira.

O Estado de Minas Gerais deverá receber mais de 11 milhões de cruzeiros de impostos do inventário do sr. Louis Enschedé, presidente da Cia. Belgo Mineira, falecido há mais de um ano e meio na Europa.

Isto em virtude de um pedido de juntada de certidão apresentada nos autos do testamento pelo advogado do Estado, sr. Sebastião Lago de Souza.

Pelo testamento a esposa do grande industrial foi aquinhoadada por diversos e valiosos bens. Não encontrando nos autos a necessária certidão do casamento, requereu aquele advogado fosse procedida a anexação da mesma.

Deferido o requerimento, juntou o advogado da inventariante uma certidão de casamento passada no Chile.

Julgando inepta a prova e não certificada a condição matrimonial que isentaria a inventariante dos impostos “causa mortis” devidos, requereu o advogado fosse ela admitida no inventário como pessoa estranha, sujeita assim a tributação normal, isto é, cerca de 60 por cento do total que lhe for destinado.

Concordou o advogado da inventariante e assim ganhou o Estado, segundo cálculos oficiais, mais de 11 milhões de cruzeiros de impostos.

O total dos bens deixados pelo sr. Louis Enschedé, ainda não avaliados definitivamente, deverão superar a casa dos 30 milhões de cruzeiros.”

LOCAL DO SEPULTAMENTO.

Ensch casou-se no Chile com D. Maria Campos Coutinho Ensch e adorava a vida e os costumes tradicionais de Minas. O seu devotamento a esta terra era tanto que pediu, reiteradas vezes, que o seu corpo descansasse nas montanhas de Minas Gerais, cujo ferro ele arrancou das reservas de milênios, para transformar em base da revolução econômica que no governo de Juscelino Kubitschek atinge a fase máxima na província central do Brasil.

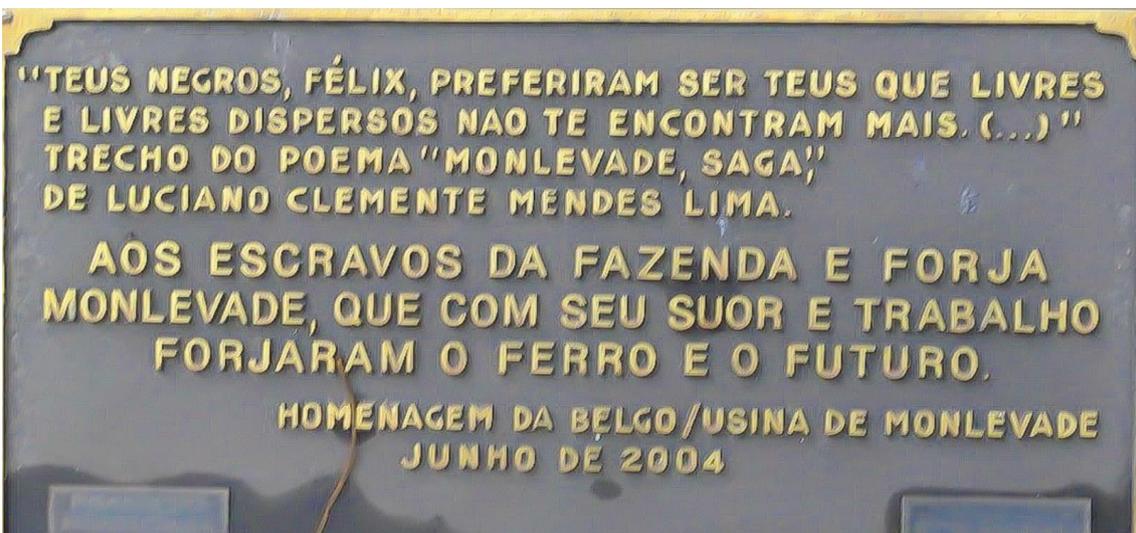
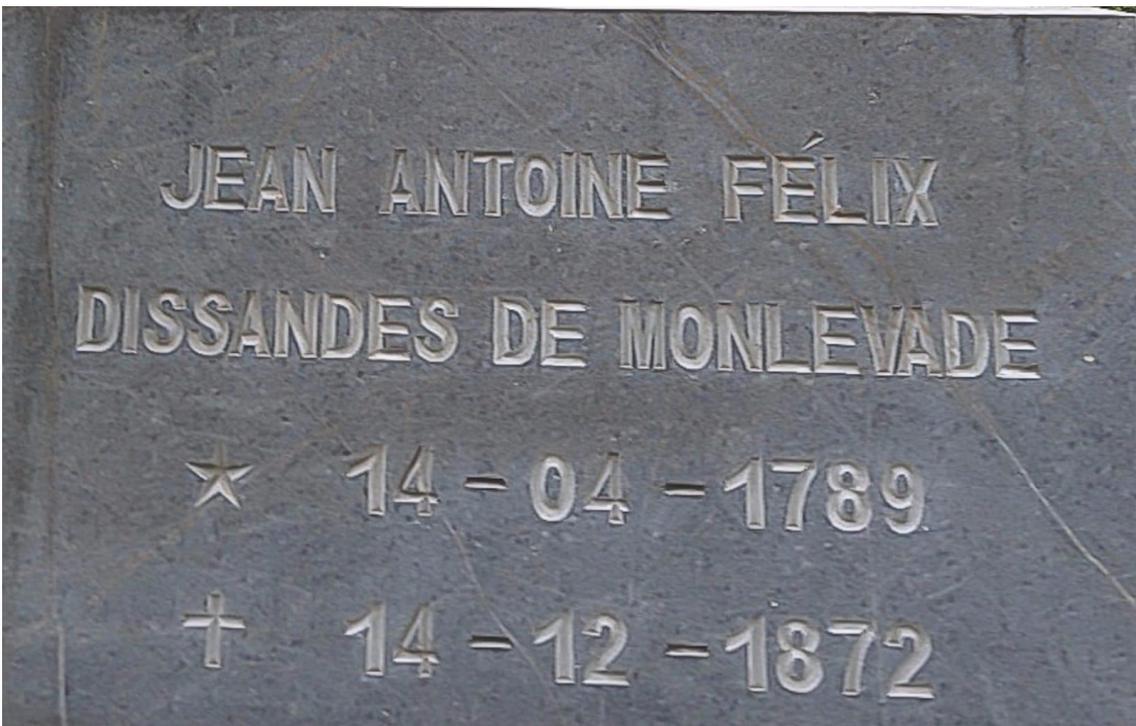
Ensch elegeu Minas Gerais para abrigo dos seus despojos, talvez porque desejasse que a lembrança da sua energia e da sua fé no futuro siderúrgico desta terra estivesse presente.

Resta saber se a sua palavra reveladora sobre a produção do aço com a ajuda do hidrogênio, alternativa magnífica para este país no campo industrial, será ouvida ou se morrerá com ele nas montanhas de ferro de Minas Gerais”.

O CEMITÉRIO EM JOÃO MONLEVADE.

Louis Ensch, esposa e Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad foram enterrados, juntamente com alguns escravos que trabalhavam na usina pioneira, no cemitério histórico de João Monlevade, cujas fotos a seguir são autoexplicativas.







LOUIS ENSCH E ESPOSA.

OUTRO LEGADO DE LOUIS ENSCH.

Do jornal “Repórter”, em uma edição de 20.02.1960, extrai algumas passagens de um artigo de Victor do Espírito Santo:

“(...) Esta que li, há dias, nos jornais pela qual fiquei sabendo de que Monlevade é, no Brasil, a cidade que apresenta menor índice de analfabetização.

Monlevade supera Rio e São Paulo, que são as metrópoles mais alfabetizadas do Brasil.

(...) cada ano renovava as minhas visitas a Monlevade, de maneira a poder acompanhar o progresso da cidade.

Testemunhei a maneira porque ali se cuida da saúde, da educação e do conforto dos operários e suas famílias (...).”

NOTAS BIOGRÁFICAS DE LOUIS ENSCH.

Engenheiro metalurgista, empresário e fazendeiro, nasceu no Grão-Ducado do Luxemburgo, a 25 de junho de 1895, e ali faleceu em 9 de setembro de 1953, filho de Jean Pierre Ensch e de Margueritte Ensch.

Fez todos os estudos no país natal, tendo-se diplomado como engenheiro metalurgista pela Escola Politécnica de Aix-la-Chapelle, em 1920.

No ano seguinte iniciou a carreira profissional como contramestre na fábrica de aço do consórcio luxemburguês Aciéries Réunies de Busbach-Eich-Dudelange (ARBED), com o objetivo de desenvolver seus conhecimentos práticos.

Transferido ao fim de dois anos, para os altos fornos, dois meses depois era promovido a engenheiro-chefe da usina de Burbach.

Em novembro de 1927 veio para o Brasil a fim de assumir a direção da usina siderúrgica que, instalada por um grupo de empresários mineiros liderado por Cristiano França Teixeira Guimarães, em Sabará, MG, entre os anos de 1917 e 1919, desde 1921 era operada pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, constituída por capitais brasileiros, belgas e luxemburgueses.

Nos quatros primeiros anos de gestão ampliou a indústria, aumentando-lhe a capacidade de seis mil para 30 mil toneladas e aprimorando-lhe o produto a ponto de equipá-lo ao estrangeiro.

Já em 1934 podia iniciar a montagem na localidade de João Monlevade, MG, de nova usina, que viria a inaugurar-se em 1940, como a maior siderúrgica de carvão vegetal então existente em todo o mundo.

Membro, desde 1951, do Conselho de Administração da Arbed, foi, ainda, Presidente do mesmo órgão na Companhia Industrial e Mercantil e Artefatos de Ferro, Diretor da Companhia Industrial e Mercantil de Artefatos de Ferro, Diretor da Companhia Ferro Brasileiro, administrador da Companhia Central de Administração e Participações, Vice-Presidente da Companhia Agro-pastoril Rio Doce e Vice-Presidente da Magnesita S.A.

Encontrava-se na Europa para encomendar estudos definitivos e equipamentos que deveriam duplicar, em três anos, a produção da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, quando veio a falecer.

Conforme desejo que em vida manifestara, seu corpo foi trasladado para Monlevade e inumado no cemitério em que está sepultado João Monlevade (Jean), o pioneiro que, cerca de um século antes, montara no lugar um pequeno forno catalão de ferro.

Dedicado, ainda, a atividades rurais, contribuiu decididamente para o progresso agropastoril da Zona Metalúrgica, do mesmo modo que para o desenvolvimento das cidades em que atuou como metalurgista.

Foi ele quem doou ao então Ministério da Educação e Saúde o prédio da antiga Intendência de Sabará, para ali instalar o Museu do Ouro.

Em reconhecimento por sua contribuição ao progresso industrial do Brasil, em 1940, o Presidente Getúlio Vargas conferiu-lhe o título de Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Era portador também de condecorações dos Governos belga e luxemburguês.”

(In Dicionário Biográfico da Assembleia Legislativa de Minas Gerais).

**A EPOPEIA DO TRANSPORTE DO MAQUINÁRIO
NECESSÁRIO PARA CONSTRUÇÃO DA USINA DE JEAN ANTOINE
FÉLIX DISSANDES DE MONLEVAD.**

**ESSA NOTICIA ESTÁ NA PÁGINA 64 DO LIVRO
“MONLEVADE VIDA E OBRA”, DE JULIANA Ma. DO NASCIMENTO
PASSOS.**

Conta a autora que “O Universal”, jornal publicado em Ouro Preto, lançou em edição extraordinária a seguinte matéria enviada pelo senhor Marlière (Guido Thomaz Marlière):

Ouro Preto, 18 de abril de 1828.

Queira vossa mercê em ocasião oportuna inserir no seu prestante Periódico a notícia não pouco interessante para esta Província, que acabo de receber, de haverem chegado a salvamento a 8 do corrente no Porto da Onça Pequena abaixo d'Antônio Dias umas máquinas cilíndricas para a Fábrica de Ferro de Mr. de Monlevade (*) no sítio do seu nome na Freguesia de S. Miguel, do peso de perto de 500 arrobas (7.500 Kg) vindas d'Inglaterra por escala ao Rio de Janeiro, donde saíram a 18 de setembro do ano p. p. em uma Sumaca (pequeno barco de dois mastros) para a costa do Espírito Santo em que tiveram demora talvez por temor dos corsários, e falta de embarcações pequenas para transportar tão pesadas máquinas à Barra do Rio Doce, pelo qual subirão até o Sítio do Pau Gigante, muito abaixo das escadinhas, e foram recebidas as Cargas em Canoas Militares da 6ª Divisão guarnecidas de bons canoeiros, todos soldados habilmente dirigidos pelo Sargento da mesma Manuel Antonio, auxiliados nos varadouros por outros soldados e Índios Botocudos, e que independentemente do auxílio ordenado prestassem às outras divisões estacionadas no Rio Doce, quiseram conduzir pessoalmente as cargas ao sobredito Porto da Onça Pequena, no Piracicaba.

O auxílio que por ordem deste Governo dei a Mr. de Monlevade (que bem lhe merece) foi prestado galantemente.

Nota de quem nos remeteu a Carta (*) Sr. de Monlevade, que é quase nosso compatriota, por ter-se casado com uma ilustre brasileira, e residir há muitos anos no Brasil; é aquele mesmo que gratuita, e espontaneamente foi às Minas do Abaeté, apurou e remeteu mais de 600 (9.000 Kg) arrobas de chumbo, e delas extraído nesta Cidade uma porção de finíssima prata que se apresentara no Rio de Janeiro pelo Exmo. Sr. Visconde de Caeté. Tudo isto fez o Sr. de Monlevade com módica prestação pecuniária da Fazenda Pública, e entregou o restante logo que aqui chegou.

Bem haja este sábio francês que tão relevante serviço fez ao Brasil; outro tanto não fizera algum dos que gritam contra a admissão dos Estrangeiros.

Os profundos conhecimentos metalúrgicos que possui, coadjuvados com a grande máquina, que recebera da Inglaterra, nos darão em pouco tempo uma Soberba Fábrica de Ferro, tão necessária à exploração das Minas, e aos trabalhos rurais sem custo da nação, pelos intrépidos Canoeiros da 6^a. Divisão e o seu benemérito Alferes Comandante Joaquim Rodrigues de Vasconcellos, que pela sua atividade, zelo do bem público, e da Civilização dos Índios, merece os agradecimentos da sua Pátria, e recompensa de S. M. O IMPERADOR, que mais de uma vez tem premiado as virtudes de vários Soldados da 6.^a Divisão do Rio Doce, por salvarem de naufrágios a muitos Brasileiros naquele soberbo rio, cuja navegação, cultura, e comércio desejamos ver animados pelo Corpo Legislativo, e o mesmo AUGUSTO SENHOR.

Sou com muita estima –Sr. Editor-

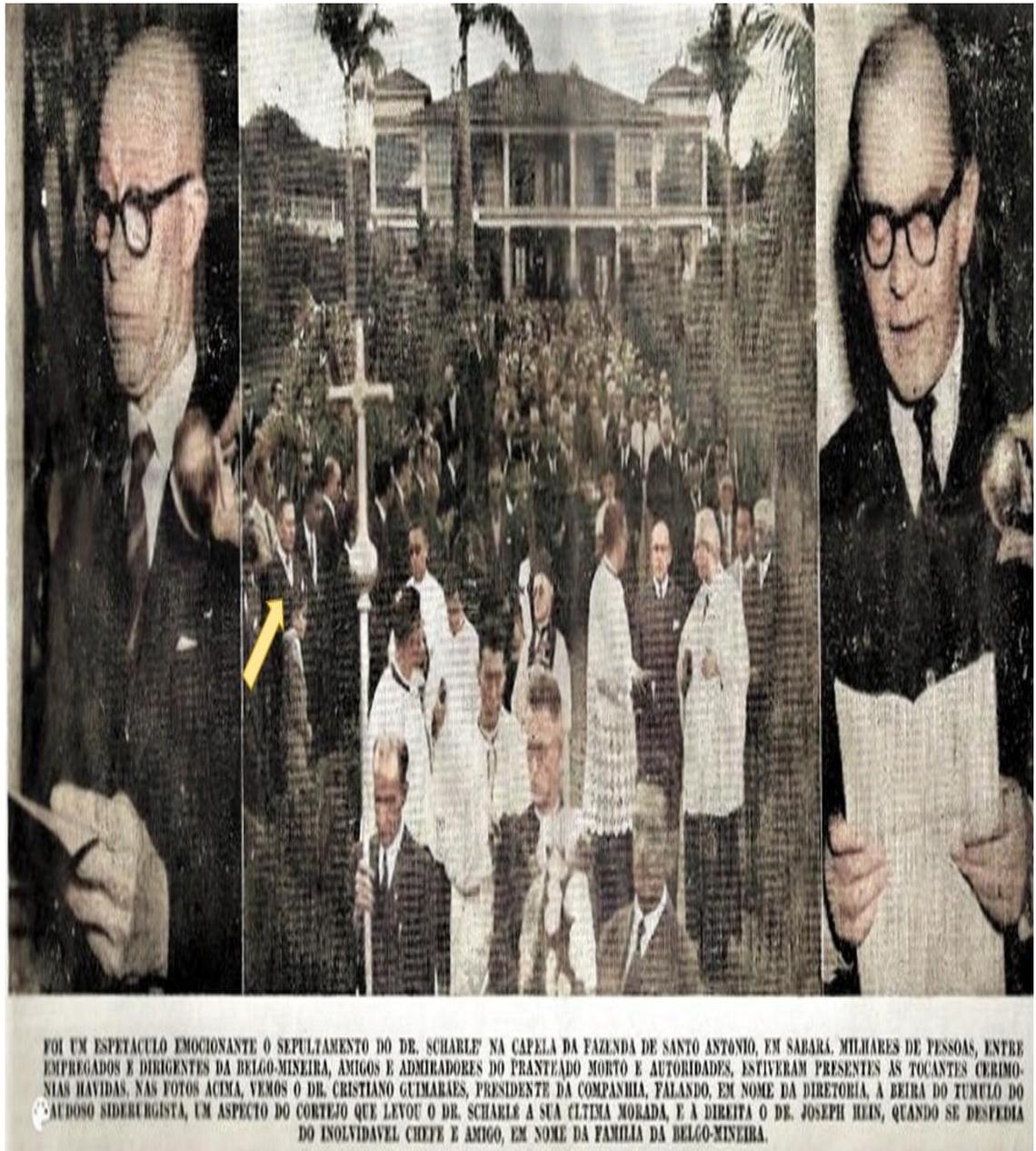
De vm. Atento Venerador.

O Coronel Comandante das divisões Militares do Rio Doce, e Diretor Geral dos índios.

Marlière.”

ENTERRO DE ALBERT SHARLÉ, SUCESSOR DE LOUIS ENSCH, FALECIDO EM SABARÁ, ONDE RESIDIA, EM 30.06.1956, SENDO SUCEDIDO POR JOSEPH HEIN.

A foto a seguir foi publicada no jornal da Belgo Mineira, denominado “O Pioneiro”, e nela aparece à esquerda, indicado por uma seta, o meu pai com a mão em meu ombro. Albert Sharlé foi sepultado na capela de sua própria residência, ao fundo. Hoje o local abriga um clube recreativo com o mesmo nome.



A ORIGEM DO TERRITÓRIO DE JOÃO MONLEVADE.

Extraio do meu livro “Comentário as sesmarias de 1758, 1771, curatela, testamento e inventário envolvendo Domingos Marques Afonso e seu irmão – 3ª edição, o seguinte trecho:

Na edição do dia 07 de agosto de 1932, o jornal “A Voz do Prata”, consta a seguinte história:

“PRIMEIROS DESCOBRIDORES.

Andando em pesquisa do ouro o paulista capitão-mor João dos Reis Cabral abarracou-se em um pequeno córrego nas imediações do (ilegível) Vila Piracicaba, no dia 29 de setembro de 1713, dia em que a igreja comemora a festa de São Miguel, dando àquele córrego o nome do grande arcanjo.

Continuando a explorar o vale do Piracicaba que corria então no meio de florestas virgens, foi deparar com a nascente povoação de Nossa Senhora do Nazareth, de Antônio Dias, cuja fundação foi iniciada por um outro paulista Antonio Dias de Oliveira que margeando o Piracicaba..... até descobrir ouro, precioso metal muito cobiçado naquele tempo.

Foi em tal ocasião que se descobriu o rio de águas brancas como prata, passando a denominá-lo RIO DA PRATA e posteriormente São Domingos do Rio da Prata, e hoje do Prata...”

Por ai dá para se concluir que João dos Reis Cabral foi o primeiro homem dito “civilizado”, a descobrir o território atual município de Rio Piracicaba e, ao margear o rio do mesmo nome, deve ter tido contado com o território onde hoje se localiza o município de João Monlevade.

Obviamente, era uma área cercada de florestas virgens e ainda desabitada, exceto pelos índios botocudos, abundantes na região desde priscas eras.

Quando, em 1817, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad chegou a esta região já deve ter encontrado pequenos e esparsos grupos de pessoas, mormente na localidade que, no futuro, se convencionou chamar-se de Carneirinhos.

Como a região era inóspita, ela ficou fazendo parte integrante do território de São Miguel do Piracicaba, que por sua vez era distrito de Santa Bárbara.

JOÃO MONLEVADE JÁ PERTENCEU AO TERRITÓRIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

No meu livro “Noticias do antigo São Domingos do Prata e seus distritos...”, consta na página 225:

VOCÊ SABIA QUE A REGIÃO DE JOÃO MONLEVADE JÁ PERTENCEU A SÃO DOMINGOS DO PRATA?

Em 1890, quando da criação do município de São Domingos do Prata, São Miguel de Piracicaba, do qual fazia parte o território de João Monlevade, passou a pertencer a São Domingos do Prata.

Pouco tempo após São Miguel de Piracicaba (atual município de Rio Piracicaba), tornou a pertencer a Santa Bárbara.

Porém, parece que não gostando, em 1901, os habitantes de Carneirinhos (João Monlevade) pedem, como se demonstra abaixo, o retorno ao município de São Domingos do Prata.

HABITANTES DE CARNEIRINHOS (JOÃO MONLEVADE), QUANDO A LOCALIDADE PERTENCIA A SANTA BÁRBARA, REQUERENDO TRANSFERÊNCIA PARA SÃO DOMINGOS DO PRATA.

O Deputado estadual José Gonçalves, na Sessão de 1º de agosto de 1901 da então Câmara de Deputados de Minas Gerais (atual Assembleia Legislativa), fez a seguinte comunicação, a meu juízo histórica:

Envia à Mesa as seguintes representações de habitantes dos CARNEIRINHOS, município de Santa Bárbara, pedindo transferência para SÃO DOMINGOS DO PRATA; de habitantes de

São Sebastião da Onça município de Itabira, pedindo transferência para São Domingos do Prata...”

NOTA: Fonte: Anais da Câmara de Deputados, atual Assembleia Legislativa.

Seleção de notícias sobre São Domingos do Prata antigo – página 66 e “São Domingos no período imperial” - 2ª edição – páginas 174/175.

VOCÊ SABIA QUE HÁ UMA GRANDE POSSIBILIDADE DE QUE TODA ESTA REGIÃO, QUE VAI DE CAETÉ ATÉ SÃO DOMINGOS DO PRATA, JÁ TER PERTENCIDO AO MUNICÍPIO DE SABARÁ?

Ao ler a notícia adiante, o leitor pode tirar uma conclusão. São Miguel na notícia se enquadra na probabilidade acima, sem perder de vista que São Miguel é o atual município de Rio Piracicaba, em cujo território pertencia João Monlevade.

Embora o artigo a seguir se refira a São Domingos do Prata eis que foi escrito para um livro desta localidade, ele se enquadra também para João Monlevade.

MUNICÍPIOS QUE, A MEU JUÍZO, SÃO DOMINGOS DO PRATA ESTEVE VINCULADO TERRITORIALMENTE, TANTO POLÍTICA COMO ADMINISTRATIVAMENTE.

A GIGANTESCA DIMENSÃO DO MUNICÍPIO DE SABARÁ.

Disse na introdução da primeira edição, que a história é dinâmica, à medida que evoluímos nas pesquisas, vamos descobrindo novos dados. É o que ocorre quanto ao tema em tela.

Já tinha escrito em outro de meus livros que, no campo da interpretação e da dedução, pensava que o povoado de São Domingos do Prata, originalmente, sempre pertenceu ao

território de Santa Bárbara (somente por pequeno período se vinculou ao território de Itabira), eis que São Miguel do Piracicaba, também pertencia a Santa Bárbara, até a emancipação do município de São Domingos do Prata, ocorrida em 1890, quando São Miguel do Piracicaba, tornou-se seu distrito.

Porém, com novas pesquisas, cheguei a dedução que o futuro território de São Domingos do Prata já esteve incorporado ao de Caeté e, quiçá, até ao de Sabará.

Caeté (Vila Nova da Rainha), foi elevado a VILA em 1714, enquanto Sabará (Vila Real de Sabarabussú) o foi em 1711 e Santa Bárbara do Mato Dentro em 1839.

Em virtude de ter participado de uma rebelião para destituir do trono Dom Pedro II e retorno de Dom Pedro I, pela Revolução de 30 de junho de 1833, Caeté teve seus foros de Vila suprimidos.

Somente em 1840, através da Lei Provincial nº 171, de 23 de março do mesmo ano, foi restaurada a Vila de Caeté.

Vou transcrever o texto da lei em ortografia atual.

Art. 1º - Fica restaurada a Vila de Caeté, compreendendo no seu novo município:

§ 1º - A Freguesia do mesmo nome, a que ficam anexos os Distritos de Socorro desmembrado da Freguesia de São João do Morro Grande (Atual município de Barão de Cocais), do município de Santa Bárbara, o Distrito da Conceição desmembrado da Freguesia de S. Bartholomeu e município de Ouro Preto.

§ 2º - Os Distritos de Taquaraçu, Lapa e Roças Novas, que ficam desmembrados do município de Sabará.”

Por outro lado, pode-se deduzir também, que tendo Sabará se emancipado antes de Caeté, tanto o de Santa Bárbara como o de Caeté terem pertencidos ao território de Sabará (o que incluiria o futuro território de São Domingos do Prata), antes de 1714.

Consta ainda no Arquivo Público Mineiro a seguinte notícia, embora não tenha tido acesso ao conteúdo da mesma:

“Registros de licenças para venda solicitada pelos moradores da Vila Nova da Rainha de Caeté e sua freguesia (Vila Penha, Brumado, Ribeirão Comprido, Barra, Cocais, Cuiabá, Socorro, Santa Bárbara, São João e São Miguel) – Câmara Municipal de Caeté. Data limite 1799 – 1807)”

(No original as letras são todas maiúsculas)

Teria sido por isto que Borba Gato se refugiou na região do Vale do Rio Piracicaba por volta de 1701, quando esta estaria vinculada ao território de Sabará?

CAETÉ JÁ PERTENCEU AO TERRITÓRIO DE SABARÁ.

Ocorre que, em que pese não ter citado a fonte, a própria Câmara de Vereadores de Caeté, em seu “site” no geogle, anunciou:

“(...) E foi em 1840, que a cidade foi emancipada do município de Sabará (...)”

Uma Câmara de Vereadores, penso eu, jamais iria dar publicidade a uma novidade dessa, se não estivesse segura da fonte, embora não a tenha informado.

Por sua vez, Santa Bárbara desmembrou-se de Caeté, um ano antes, em 1839 quando, através da lei provincial nº 134, de 16 de março do mesmo ano, o povoado foi elevado à vila, como se depreende da leitura do seu texto a seguir:

“Artigo 1º - Ficam elevadas à vilas as seguintes povoações:

§ 1º -

§ 2º - A de Santa Bárbara, compreendendo no seu município a freguesia do mesmo nome e as de São João do Morro Grande (atual Barão de Cocais), de São Miguel do Piracicaba (atual Rio Piracicaba) e de Catas Altas do Mato Dentro (atual Catas Altas).”

Diz ainda o artigo 7º, que a vila de Santa Bárbara passaria a pertencer a comarca do Rio das Velhas.

Embora o referido diploma legal tenha criado diversas vilas na Província de Minas Gerais, em nenhum de seus artigos menciona de qual (is) município (os) eles foram desmembrados.

Assim como não menciona, em seu artigo 2º acima transcrito, o povoado (ou Aplicação) de São Domingos do Prata.

Todavia, quatro anos após, através da lei nº 247, de 20 de julho de 1843, adveio o artigo 9º, com a seguinte redação:

“Fica elevada à Paroquia a Aplicação de São Domingos do Prata no município de Santa Bárbara.”

A partir daí, pode-se aventar a hipótese de que antes de 1839, quando ainda o povoado (Aplicação), São Domingos do Prata já pertencia a Santa Bárbara, que por sua vez pertencia a Caeté e este a Sabará.

A outrora imensidão do território de Sabará, torna plausível esta tese.

Na sessão da Assembleia Provincial de 17 de novembro de 1880, quando se debatia a transferência da freguesia de Cuiabá (Atual distrito de Mestre Caetano) de Caeté para Sabará, o deputado Drummond (José Antônio da Silva Drummond), natural de Itabira, discordava, argumentando, em face da dimensão do município:

“O município de Sabará, sr. Presidente, quase que pode formar uma província. Além destas freguesias (transcritas a seguir) tem ainda aquele município o distrito de Pindaíbas, pertencente à paróquia de Curral D’El Rey.”

O referido Deputado listou as seguintes freguesias incorporadas ao território de Sabará em 1880:

- Deputado Drummond – O município de Sabará compõe-se de 10 freguesias riquíssimas, srs!

Nossa Senhora da Conceição de Sabará, com 6181 habitantes livres e 684 escravos.

Lapa (atual distrito de Ravena), com 2778 habitantes livres e 221 escravos.

Santa Quitéria (atual município de Esmeraldas), com 8840 habitantes livres e 1861 escravos.

Raposos (atual município com o mesmo nome), com 4971 habitantes livres e 1032 escravos.

Congonhas (atual município de Nova Lima), com 6417 habitantes livres e 3284 escravos.

Santo Antônio do Rio Acima (atual município de Rio Acima), com 1021 habitantes livres e 520 escravos.

Curral Del Rey (atual município de Belo Horizonte), com 5178 habitantes livres e 366 escravos.

Betim (atual município com o mesmo nome), com 4167 habitantes livres e 755 escravos.

Contagem (atual município com o mesmo nome), com 6294 habitantes livres e 586 escravos.

Total – 46.467 habitantes livres e 5.072 escravos.

Soma geral – 55.449 habitantes.

Ora, pergunto eu aos meus nobres colegas: quantos municípios teremos na província nas condições deste, constituídos com estas proporções, com estes elementos de riqueza e prosperidade?”

Extraído do meu livro “Sabará na imprensa do império”. 2ª edição, páginas 131/132.

NOTA: Antes de 1880, outras freguesias foram desincorporadas do território sabarense. Entre elas, Curvelo, Sete Lagoas, Santa Luzia, Lagoa Santa, Sarzedo, Prudente de Moraes, Paraopeba, Mateus Leme, etc.

Daí, embora não tenha encontrado documento confirmando, a hipótese de Caeté, Santa Bárbara, Catas Altas e até São Domingos do Prata já terem pertencido a Sabará, não soa muito estranho.

Por sua vez, Itabira (Itabira do Mato Dentro), esteve vinculado a Caeté de 1827 até junho de 1833, quando em 30 de junho de 1833, foi elevado a VILA.

Geralmente, era a partir da elevação a VILA que o território adquiria a sua administração política administrativa, cuja principal instituição era a Câmara de vereadores.

A elevação à cidade (No caso de Sabará somente ocorreu um século depois) este título apenas conferia uma qualificação honorífica.

O EDITAL, NA ÍNTEGRA, DA 2ª HASTA PÚBLICA DE TODO O ACERVO DA ANTIGA USINA DE JOÃO MONLEVADE.

Juridicamente, os editais são escritos de forma continua, sem parágrafos, mas para atenuar a rigidez da leitura, separei e digitei em letra garrafal a parte relativa as descrições dos IMÓVEIS.

EDITAL DA 2ª HASTA PÚBLICA DA USINA DE JOÃO MONLEVADE – redigido pelo escrivão em 23.09.1898 –

“EDITAL DA 2ª PRAÇA COM ABATIMENTO DE 10%.

O dr. Antônio Augusto de Lima, juiz de direito da comarca de Ouro Preto, do Estado de Minas Gerais, etc.

Faço saber a todos quantos o presente edital de vinte dias de preção e três de praça virem ou dele noticia tiverem que, em virtude de precatória expedida pelo juízo da Câmara Comercial do Tribunal Civil e Criminal do Distrito Federal, na AÇÃO

EXECUTIVA HIPOTECÁRIA que à **COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS** movem os **BANCOS DA LAVOURA E DO COMÉRCIO DO BRASIL E DO COMÉRCIO**, findos que sejam os ditos pregões e praças no dia 27 de outubro do corrente ano, ao meio dia, em seguida à audiência, serão vendidos em **HASTA PÚBLICA** à porta da casa das mesmas audiências, os **BENS PENHORADOS** à dita **COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS**, cujos bens e avaliações são os seguintes:

Um alto forno, uma máquina (ilegível – marca da máquina), um aparelho de ar quente, dois guindastes, sendo um de pau e um de ferro, um locomóvel de força de seis cavalos (Máquina a vapor), um amassador de terra para fundição, um tambor para limpar obras miúdas, cinco caçambas para fundição, um guincho aéreo americano, um elevador, um cubilot grande, avaliado em quarenta e três contos e quatrocentos mil réis, uma estufa para secar os moldes, uma turbina Girand, desmontada, uma balança assentada para pesar vagonetes, dois tornos paralelos, sendo um pequeno e um grande, um rebolo de esmeril com montantes de ferro, uma máquina de furar, dois ventiladores, um grande assentado e um pequeno desmontado, oito rodas eixadas para vagão, cinco tornos de bancada, duas bigornas de ferreiro, duas tendas de ferreiro completas, duas toneladas de ferro maleável e duas toneladas de ferro gusa, avaliados em quatorze contos de réis, três armários contendo ferramentas de ferreiro, seis lanternas de ferro, duas transmissões de ferro com dez polias, dois troles, sendo um grande e um pequeno, uma roda motor, construída de madeira de lei, com oito metros de diâmetro por um e trinta centímetros de largura, vinte cinco cano de ferro fundido de quarenta centímetros de diâmetro por dois metros e sessenta centímetros de diâmetro de comprimento, **QUINHENTOS METROS DE LINHA FÉRREA ASSENTADA**, duas taxas de ferro fundido, avaliadas em sete contos duzentos e cinquenta mil réis, duzentos moldes de madeira, duzentos moldes de madeira (mais ou menos), diversas ferramentas, sessenta tábuas de cedro, um banco de carpinteiro e diversas ferramentas pertencentes ao mesmo, cinquenta e nove rodas grandes para trole, pesando quarenta quilos cada uma, cento e vinte rodas

pequenas para trole, pesando cada uma vinte quilos, cento e trinta jogos de mancais para rodas de trole, cento e cinquenta tijolos refratários, sete toneladas de ferro fundido em diversas obras, uma caldeira de ferro, cinquenta sacos de carvão coque, avaliados em seis contos novecentos e vinte oito mil réis, cento e cinquenta arroubas de aço pouco mais ou menos, avaliadas em um conto cento e vinte cinco mil réis, 12 barras de ferro quadrado, seis barras de ferro redondo e mais duas barras de ferro quadrado, seis chapas de ferro batido, um rodeiro para trole, duas balanças pequenas com seus pesos, uma balança grande para mil quilos, quatro chapas de ferro com cantoneiras, doze barras de ferro redondo, cinquenta barras de ferro quadrado, dez alavancas de ferro, quarenta e dois pés de ferro para banco, trinta quilos de ferro velho, vinte e nove pesos de ferro fundido, setenta chapas para fogão (de vários tamanhos), um engenho grande para cana, três engenhos para cana (de diversos tamanhos) e mais um pequeno incompleto, uma máquina para padaria, quatro cilindros de ferro fundido, duas rodas de ferro fundido com engrenagem, avaliadas em cinco contos setecentos e vinte oito mil e cem réis, cento em quinze lanças de ferro fundido, cento e trinta quilos de aço em barras quadradas, um caixão grande de madeira para depósito de milho, seis caldeirões de ferro fundido, dois amarrados de ferro, um triângulo de aço, sete tapaventos para forno, dez metros de corrente, quarenta e nove enxadas, dois moitões pequenos, quarenta quilos de arame farpado, um rolo de arame simples e grosso, 50 quilos de canos de chumbo, 2 ½ latas de óleo gasosian para máquinas, 2 latas de querosene, quatro siglavos de bronze para alto forno, uma barrica de sal-amoniaco, (Com alguma falta), dez quilos de enxofre, uma arrouba de breu, um caixão contendo várias lanternas de papel, cinco pás de aço, onze pás velhas, cinco rolos de arame de aço, dez rolos de arame amarelo, três caixas (Incompletas) com ferramentas para fazer parafuso e com caçonetes, quatorze algaraviz (Algaraviz (também chamado alcaravez ou alcaraviz) é um tubo por meio do qual o ar é soprado para dentro de uma forja ou alto-forno ou que serve de ligação entre o fole e a câmara de fundição), de ferro fundido, avaliados em um conto quatrocentos sessenta e um mil réis, dez quilos de estanhos, um galpão para traçar madeira, cinco serras

circulares, mais cinco serras paralelas, um serrote, uma serra de mão, três folhas de papelão de amianto, três metros de arame para peneira, duas peneiras de arame, dois fogareiros de ferro fundido, vinte maços de dobradiças para portas, vinte e sete ditas para janelas, duas chapas para letreiros, dois maços de parafusos, onze peças de papel para forração, cinco cadinhos de plumbaginas, quatro pacotes de tinta, um maço de goma arábica, quatro lampiões de folhas de flandres (Para cima de mesa), três caixas de vidro para vidraça, trinta e três maços de espoletas de dinamite, uma lata com pólvora, quatro vidros para lampiões, avaliados em trezentos e trinta e quatro mil réis, um laboratório químico, regularmente montado com todos os utensílios e pertences, avaliados em três contos de réis, duas mesas simples com gavetas (Para desenho), um armário grande com sete divisões, uma burra de ferro, um relógio pêndulo com caixa de madeira envernizada, uma secretaria de vinhático, uma mesa grande com cinco gavetas (De madeira de lei), com quatorze palmos de comprimento e cinco palmos de largura, uma mesa pequena simples (Com gaveta), um banco com uma prensa para copiar, um armário de madeira com gavetas e divisão para guardar papéis (ilegível), oito taboinhas com mola e gancho para correspondência, quatro tinteiros de vidro, um dito pequeno com uma balancinha de metal com os seus competentes pezes, uma balança pequena com concha e seis competentes pezes, um relógio marítimo, uma tabuleta de madeira para chapas de operários, um nível com pé e mira, um esquadro e tripé, um transito com tripé, uma corrente de medição, seis cadeiras austríacas, avaliadas em um conto oitocentos setenta e oito mil réis, seis folhas de cinco em mau estado, dois pares de arreios para carroça (Em mau estado), quatro animais de carroça, sendo três bestas e um burro com os seguintes sinais: uma besta vermelha com marca L.C. no quarto direito e crina preta, uma mula rosada grande, sem marca, tendo uma mancha escura no quarto direito, uma outra besta vermelha, alta e reforçado, um macho preto, reforçado quatro carroças, avaliados em um conto setecentos e oitenta mil reais, um guarda pratos de vinhático com portas de vidro, um guarda comida com telas de arame, um guarda vestido de vinhático, três lavatórios com pedra mármore,

espelhos e dois criados mudos, um aparador com pedra mármore, uma guarda casaca de vinhático com divisões, uma mesa clássica de vinhático, com três tabuas, um relógio marítimo, um relógio de madeira (Estragado), dez cadeiras austríacas (Sendo quatro de braço), uma cômoda grande de vinhático com duas portas e duas gavetas, seis mesas pequenas (Sendo três envernizadas e três simples), uma mesinha envernizada com gaveta, para escritório, uma cadeira de viagem com acento de lona, dois bancos de ferro para jardim, cinco colchões de crina, quatro cobertores franceses, seis fronhas, seis travesseiros de paina de seda e cinco lenções de algodão (Estes objetos usados), uma lanterna pequena (De mão um lampião Belga, com abajur, doze lampiões grandes para iluminação, uma mesa de vinhático, pequena, envernizada (Com duas gavetas e pés torneados), uma dita sem gaveta (de madeira de lei), uma mesa de jantar com gaveta (De madeira de lei), com oito palmos de comprimentos e quatro palmos e meio de largura, avaliado em um conto quinhentos e sete mil réis.

UM EDIFÍCIO DE OFICINA, CONSTRUIDO EM TRÊS GALPÕES, COM VINTE E OITO METROS DE LARGURA POR TRINTA E DOIS METROS DE COMPRIMENTO,

NO GALPÃO ONDE SE ACHA COLOCADO O ALTO FORNO, ONZE METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE LARGURA POR TRINTA E DOIS METROS DE COMPRIMENTO, NO SEGUNDO GALPÃO (CENTRO).

TERCEIRO GALPÃO COM ONZE METROS E SESSENTA CENTIMETROS DE LARGURA POR DEZENOVE METROS E QUARENTA CENTIMETROS DE COMPRIMENTO, COM VINTE E QUATRO PÉ DIREITOS, DE MADEIRA DE LEI, ASSENTADOS EM PILARES DE PEDRA, PORTÕES DE FERRO E OITO COLUNAS DE FERRO, COBERTO COM TELHAS DE ZINCO, COM CINCO PORTÕES, SENDO QUATRO DE MADEIRA E UM DE FERRO, SENDO ESTE EDIFÍCIO TODO MURADO DE TIJOLOS, COM FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, AVALIADOS EM DEZ CONTOS DE REIS.

UMA CASA CONSTRUÍDA DE PEDRA E CAL, COM ESCADA DE PEDRA DE CANTARIA, ONDE ESTÁ ASSENTADA A MÁQUINA (Ilegível - marca da máquina), COM PRIMEIRO E SEGUNDOS PAVIMENTOS, AMBOS ASSOALHADOS, COM DUAS JANELAS ENVIDRAÇADAS E UMA PORTA LARGA. TAMBÉM ENVIDRAÇADA NO PRIMEIRO E NO SEGUNDO PAVIMENTO DUAS JANELAS DANDO DE FRENTE ESTE EDIFÍCIO PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, TENDO DE COMPRIMENTO SEIS METROS E CINQUENTA E CINCO CENTÍMETROS POR SEIS METROS E CINQUENTA CENTÍMETROS DE LARGURA, AVALIADOS EM QUATRO CONTOS DE RÉIS. (A mesma metragem para comprimento e largura).

CINCO GALPÕES DE PAUS A PIQUE, COBERTOS DE TELHAS DE ZINCO, MEDINDO DE LARGURA OITO METROS E CINQUENTA CENTÍMETROS DE LARGURA POR ONZE METROS DE COMPRIMENTO, EDIFICADOS ATRAZ DO ALTO FORNO, AVALIADOS EM UM CONTO E QUINHENTOS MIL RÉIS.

UM FORNO CONSTRUÍDO DE TIJOLOS DE QUEIMAR MADEIRA PARA CARVÃO, COM NOVE METROS DE DIÂMETRO, AVALIADO EM TRÊS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA CONSTRUÍDA DE TIJOLO, COBERTA DE ZINCO GALVANIZADO, FORRADA E ASSOALHADA, COM TRÊS QUARTOS, SALA DE JANTAR E CORREDOR AO CENTRO, COM DUAS JANELAS E PORTA, DANDO FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, MEDINDO DE FRENTE OITO METROS E TRINTA CENTÍMETROS POR OITO METROS DE TRINTA CENTÍMETROS DE LARGO, COM TRÊS JANELAS PARA OS LADOS E UM PUXADO NOS FUNDOS ONDE ESTÃO A COZINHA E A DISPENSA, COBERTA DE TELHAS DE ZINCO GALVANIZADO, MEDINDO ESTE PUXADO QUATRO METROS E SESSENTA CENTÍMETROS DE COMPRIMENTO POR TRÊS METROS E VINTE CINCO CENTÍMETROS DE LARGURA, CONSTRUÍDA DE TIJOLOS DUPLOS, COM UMA PORTA E TRÊS JANELAS, AVALIADA EM QUATRO MIL RÉIS.

UM PRÉDIO COM DEPENDÊNCIA PARA ESCRITÓRIO, DEPÓSITO E LABORATÓRIO, CONSTRUÍDO DE TIJOLOS DOBRADOS E

ALICERCE DE PEDRA E CAL, FORRADO E ASSOALHADO SÓ A DEPENDÊNCIA DO ESCRITÓRIO, TODO COBERTO DE ZINCO GALVANIZADO, SITUADO NA MARGEM DO RIBEIRÃO ESPERANÇA, DANDO FRENTE PARA A LINHA FÉRREA, ASSENTADA DENTRO DA USINA, COM DUAS JANELAS E UMA PORTA DE FRENTE, COM DUAS JANELAS E DUAS PORTAS DE LADO DO RIBEIRÃO ESPERANÇA E DUAS JANELAS E UMA PORTA PARA OS FUNDOS. DEPENDÊNCIA DO LABORATÓRIO E SEIS JANELAS E UMA PORTA, DANDO FRENTE PARA O LADO DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, MEDINDO DE COMPRIMENTO VINTE E CINCO METROS E DEZ CENTIMETROS E DEZ METROS E VINTE CENTIMETROS DE LARGURA, AVALIADO EM DEZ CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA CONSTRUÍDA DE PAREDES DE TIJOLOS DOBRADOS, DIVIDINDO EM DOIS CORPOS E UM PUXADO EM FORMA DE T SERVINDO ESTE DE COCHEIRA PARA OS ANIMAIS E OS DOIS CORPOS PARA GUARDAR ARREIOS E MAIS UTENSÍLIOS. COM UMA JANELA EM CADA CORPO, SITUADO ESTE PRÉDIO À MARGEM DO RIO ITABIRA, MEDINDO DE FRENTE DEZ METROS E LARGURA CINCO METROS E CQUENTA E CINCO CENTIMETROS, SENDO QUE O CORPO DO LADO DO RIO TEM UMA PORTA E UMA JANELA E O OUTRO CORPO DOIS PORTÕES DE MADEIRA (GRADEADO) AVALIADOS EM DOIS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA SITUADA PRÓXIMO A PONTE QUE ATRAVESSA O RIO ITABIRA, CONSTRUIDA DE TIJOLOS DOBRADOS E ALICERCES DE PEDRA E CAL, ASSOALHADA E FORRADA, COBERTA DE ZINCO GALVANIZADO, COM DUAS JANELAS E UMA PORTA PARA OS LADOS DOS FUNDOS QUE DÃO PARA O RIO ITABIRA, DIVIDIDA EM QUATRO PARTES IGUAIS, MEDINDO DE COMPRIMENTO SEIS METROS E OITENTA CENTIMETROS POR SEIS METROS E SETENTA CINCO CENTIMETROS DE LARGURA, CONTENDO MAIS UM PUXADO NOS FUNDOS ONDE ESTÁ A COZINHA, MEDINDO DOIS METROS E OITENTA CENTIMETROS EM QUADRA, TAMBÉM COBERTO EM ZINCO GALVANIZADO, AVALIADO EM TRÊS CONTOS DE RÉIS.

DUAS CASAS CONSTRUIDAS DE PAU A PIQUE, COBERTAS DE ZINCO GALVANIZADO, COM UMA PORTA E DUAS JANELAS,

MEDINDO SETE METROS E CINQUENTA CENTIMETROS DE COMPRIMENTO POR CINCO METROS E NOVENTA CENTIMETROS DE LARGURA E UM PUXADO ONDE ESTÁ A COZINHA, COM TRÊS METROS EM QUADRO. ESTAS CASAS SERVEM PARA HABITAÇÃO DOS OPERÁRIOS, AVALIADA EM SEISCENTOS MIL RÉIS.

DUAS CASAS DE MORADA DO DIRETOR E ENGENHEIRO, CONSTRUÍDAS DE PAU A PIQUE, FORRADAS E ASSOALHADAS, COBERTAS DE ZINCO GALVANIZADO, CERCADAS DE VARANDA CIMENTADA EM TODO O PRÉDIO, COM SALAS DE VISITAS, SALA DE JANTAR, CINCO QUARTOS E UM PUXADO ONDE SERVE DE COZINHA, COM SEIS QUARTOS COM CORREDOR DE LIGAÇÃO, COBERTO DE ZINCO, TAMBÉM COM UMA PORTA E SEIS JANELAS DE FRENTE EM CADA CASA, SENDO QUE UMA ESTÁ EDIFICADA EM FRENTE AO ESCRITÓRIO JÁ MENCIONADO E A OUTRA PRÓXIMA AO RIBEIRÃO ESPERANÇA E PELO LADO DOS DOIS PRÉDIOS DUAS JANELAS E UMA PORTA EM CADA UMA E NOS FUNDOS QUATRO JANELAS E UMA PORTA, MEDINDO DE COMPRIMENTO CADA UM DOS PRÉDIOS DEZESSEIS METROS E OITO METROS DE LARGURA, AVALIADOS EM DEZESSEIS CONTOS DE RÉIS.

UM LANCE DE CASAS, CONSTRUÍDO DE TIJOLOS E ALICERCES DE PEDRA E CAL, E DEDICADO AO LADO ESQUERDO DA OFICINA QUE SERVE PARA OPERÁRIOS, COM QUATORZE COMPARTIMENTOS, SENDO QUE CADA COMPARTIMENTO TEM UMA PORTA E UMA JANELA E PARA OS FUNDOS UMA PORTA E UMA JANELA, ASSOALHADA E FORRADA DE ESTEIRA, COM QUATRO QUARTOS CADA DIVISÃO, SENDO ELE TODO COBERTO DE TELHA DE ZINCO, MEDINDO DE COMPRIMENTO QUARENTA E SETE METROS, POR SETE METROS E VINTE CENTIMETROS DE LARGURA, AVALIADO EM SEIS CONTOS DE RÉIS.

UMA CASA PARA NEGÓCIO COM FRENTE PARA A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, PRÓXIMO AO RIO ITABIRA, CONSTRUÍDA SOBRE ALICERCE DE PEDRA E CAL E PAREDES DE PAU A PIQUE, COM DIVISÕES PARA NEGÓCIO, CONTENDO PRATILEIRA E BALCÃO, COM CINCO QUARTOS, QUATRO PORTAS E DUAS JANELAS, PARTE ASSOALHADA E PARTE TERRA, MEDINDO DE FRENTE QUINZE METROS E VINTE

CENTIMETROS E SEIS METROS DE LARGURA, AVALIADA EM UM CONTO DE RÉIS.

UMA CASA DENOMINADA “FAZENDA VELHA” EM RUÍNAS, COBERTAS DE TELHASVAN, AVALIADA EM UM CONTO DE RÉIS,

Trinta mil tijolos em depósito de construção, dois troles desmanchados, duas carroças velhas, quatrocentos e doze caixas de ferro para fundição, quatro camas de ferro modernas, com esteira de arame e mola, mais uma cama de ferro ordinária, cento e trinta e nove balaústres de ferro para varanda, três dúzias de ripas ordinárias, cento e cinquenta telhas de zinco em diversos ranchos, avaliadas em seis contos setecentos e trinta e cinco mil réis, duas pontes de madeira de lei, construídas uma sob o rio Itabira e a outra atravessando o ribeirão Esperança, obras de alvenaria nas margens do ribeirão Esperança, um rego que conduz água para as máquinas et coetera (E assim por diante), avaliados em dois contos de réis,

DUZENTOS ALQUEIRES MAIS OU MENOS. DE TERRAS EM MATA VIRGEM, CAPOEIRÃO E PASTO, COM TODAS AS SUAS JAZIDAS MINEROLÓGICAS, DIVIDINDO COM A FAZENDA DO MARZAGÃO E CATTÁ BRANCA ATÉ O PICO DE ITABIRA, E PELO LADO DIREITO NA ESTRADA DO PICO ATÉ A ESTRADA DE RODAGEM DE ITABIRA AO PARAOPEBA E POR ESTA ATÉ LIMITAR COM TERRENOS QUE FORAM DO BERNARDINO QUITES ATÉ TOCAR NA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, AVALIADAS DA SEGUINTE FORMA: CINQUENTA ALQUEIRES DE MATA VIRGEM A CEM MIL RÉIS POR ALQUEIRE, CEM ALQUEIRES EM CAPOERÃO A CIQUENTA MIL RÉIS POR ALQUEIRE, CINQUENTA ALQUEIRES DE PASTO A TRINTA MIL RÉIS POR ALQUEIRE, PERFAZENDO TODAS ESTAS TERRAS A QUANTIA DE ONZE CONTOS E QUINHNTOS MIL RÉIS.

TERRAS DE MIGUEL BURNIER, TRÊS ALQUEIRES DE TERRAS CONTENDO RESERVAS MINEROLÓGICAS, QUE DIVIDEM POR UM LADO COM A ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL, NA ANTIGA CAIXA D’ÁGUA, ABAIXO DA ESTAÇÃO MIGUEL BURNIER, SUBINDO POR UM LACRIMAL, PERTO DO NASCENTE HÁ UMA ÁRVORE QUE TEM NA BAIXADA, SUBINDO ATÉ O ESPIGÃO E DESTE DESCENDO ÁGUAS VERTENTES DA ESTRADA DE FERRO

CENTRAL DO BRASIL ATÉ ENCONTRAR COM TERRAS DE ANTÔNIO DA CRUZ CARTAXO, AVALIADAS EM TRÊS CONTOS DE RÉIS, CENTO E SESENTA QUATRO CONTOS SEICENTOS E VINTE E SEIS MIL E CEM RÉIS.

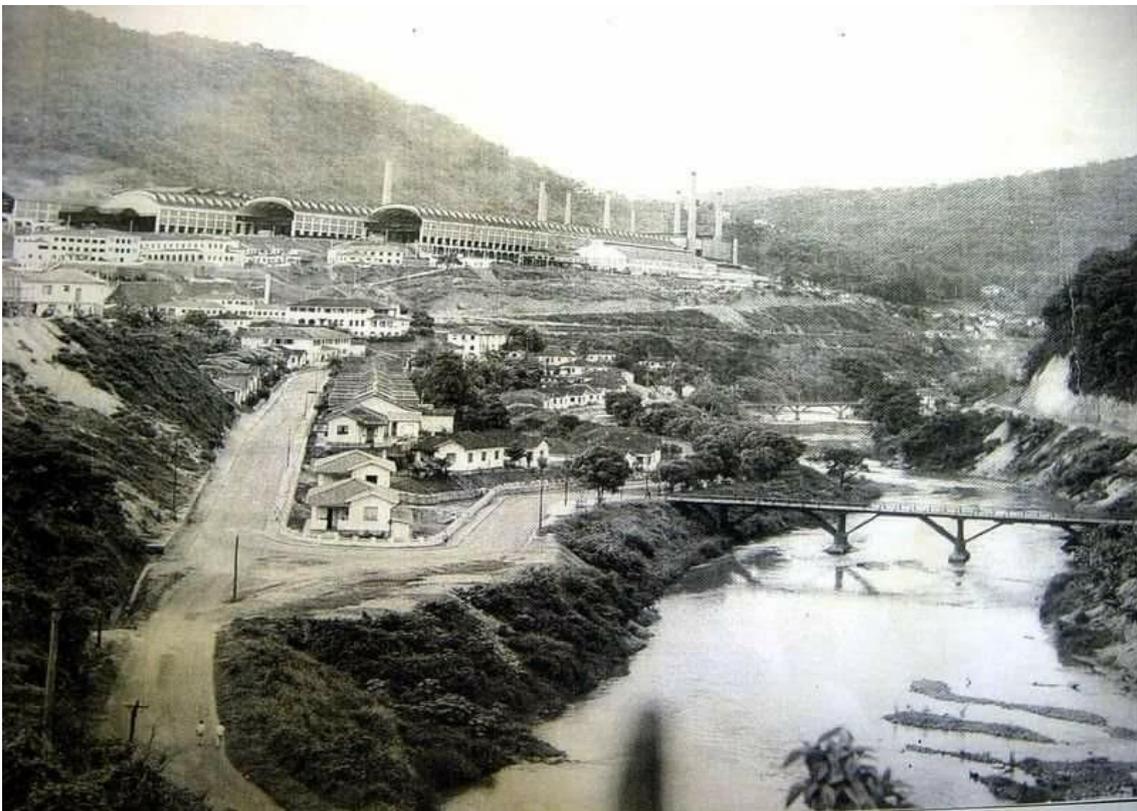
Assim, pois, serão os referidos arrematados e vendidos por quem mais der e maior lance oferecer, com o abatimento de 10 por cento sobre a avaliação dos mesmos nos mencionados dias, hora e lugar. E para que se chegue ao conhecimento e notícia de todos se passa o presente, que será publicado e afixado, dando o oficial de semana a competente certidão para ser juntada aos autos. Dado e passado nesta cidade de Ouro Preto, aos vinte e três dias do mês de dezembro de 1898.

Eu, Agostinho José dos Santos, escrivão, que subscrevi. Antônio Augusto de Lima. Estavam coladas e devidamente inutilizadas oito estampilhas estaduais no valor de dois mil e quatro centos réis e uma de quinhentos de custas judiciais. Bem e fielmente fiz extrair o presente traslado, que conferi, subscrevo e assino. Eu Agostinho José dos Santos, escrivão, que conferi e assino. – Agostinho José dos Santos.”

GALERIA DE FOTOS DE JOÃO MONLEVADE.



ACIMA JOGADORES DO GRÊMIO MONLEVADENSE - 1954/1955.



USINA DE JOÃO MONLEVADE.



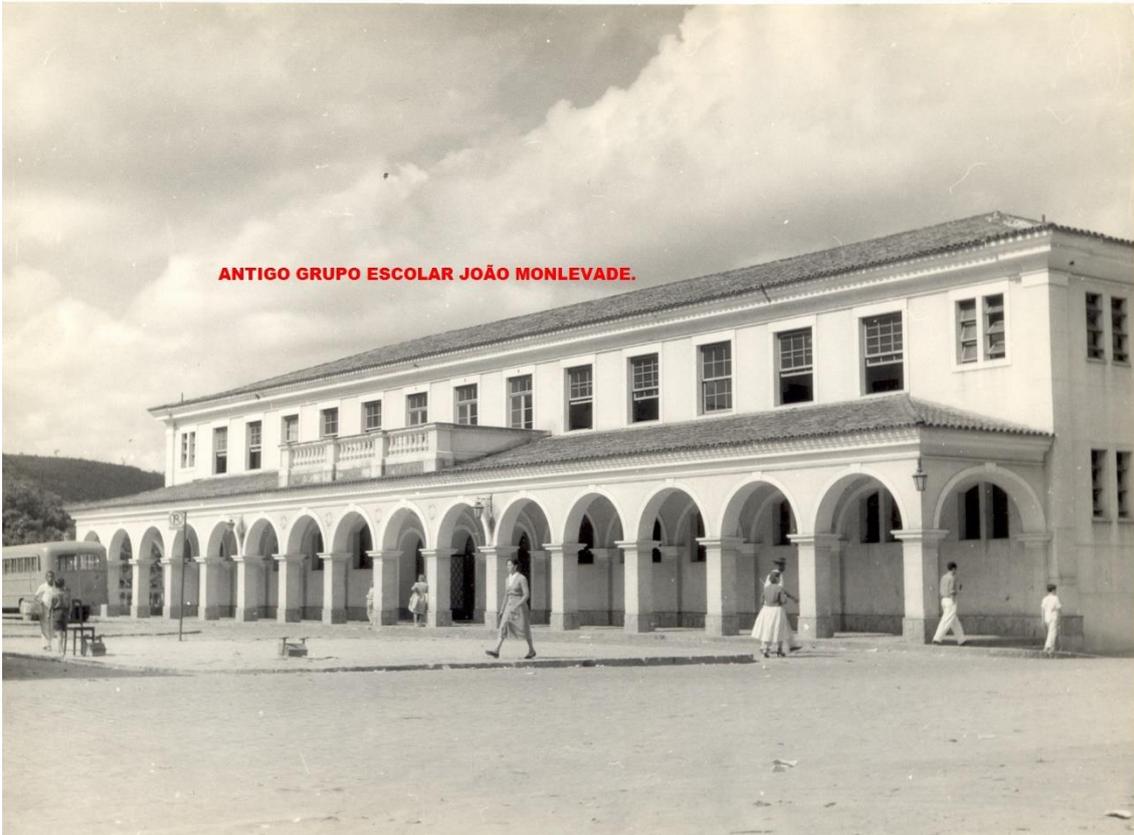
QUANDO CRIANÇA MOREI NAS TRÊS JANELAS ACIMA. EMBAIXO FICAVA A FARMÁCIA DA BELGO MINEIRA E AO LADO A AGÊNCIA DO CORREIO. NA FOTO JÁ DEVIA SER A RÁDIO CULTURA QUE SE INSTALOU NO LOCAL, EIS QUE NA MINHA ÉPOCA NÃO TINHA O ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS AO LADO E ATRÁS E NEM A PASSARELA NA FRENTE.



NA MINHA ÉPOCA ERA GRUPO ESCOLAR JOÃO MONLEVADE. FIZ O SEGUNDO E TERCEIRO ANO PRIMÁRIO. 1954 E 1955.



OUTRA VISÃO DO GRUPO ESCOLAR.



ANTIGO GRUPO ESCOLAR JOÃO MONLEVADE.

FRENTE DO GRUPO ESCOLAR.



REUNIÃO DAS PROFESSORAS DO GRUPO ESCOLAR, POR VOLTA DE 1954/1955. MINHA MÃE ESTÁ ENTRE ELAS.

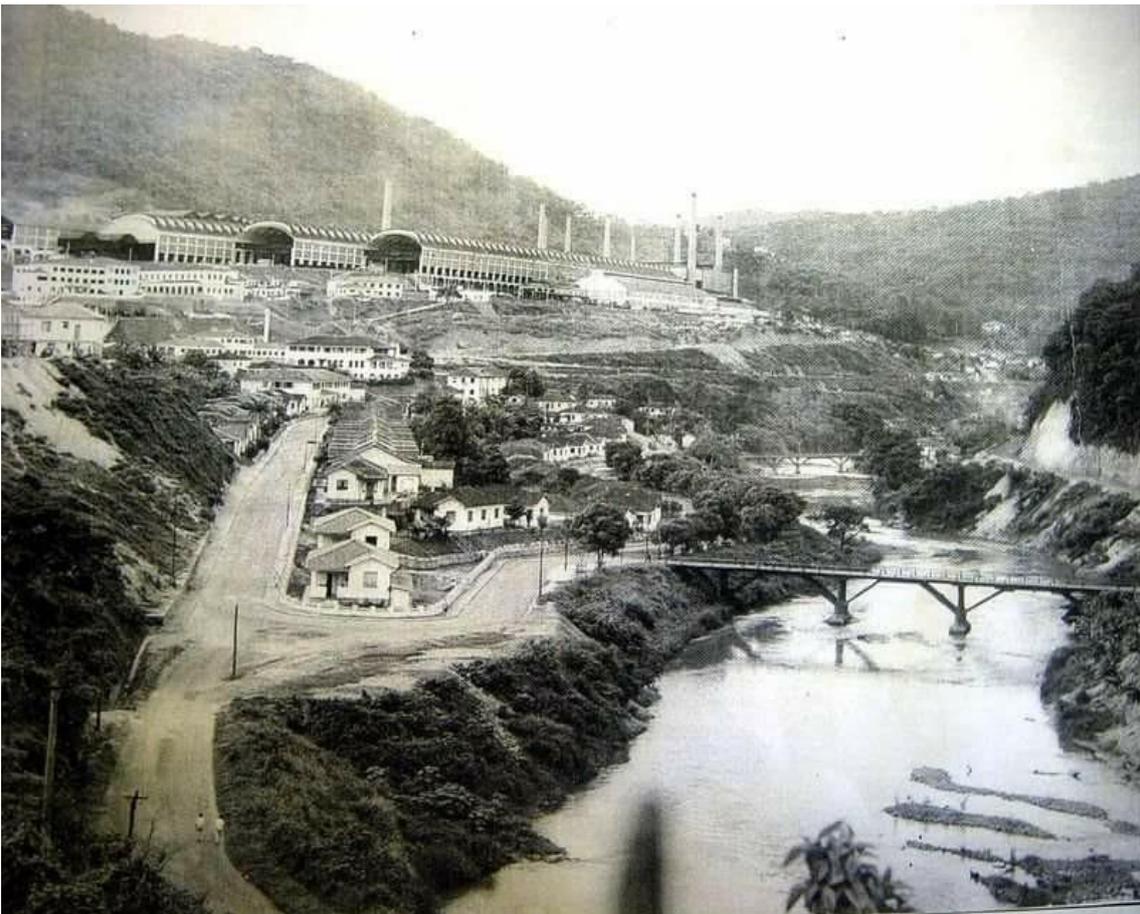


GALERIA DA PRAÇA DO CINEMA.

Praça Ayres Quaresma, tinha o nome popular de Praça do Cinema. Ela abrigou grande parte da história antiga de João Monlevade. Nela havia, entre outras coisas, o ideal Clube, o União Operário, o Bar para Todos, Bar de Seu Simões, Foto Diló, a Farmácia da Belgo comandada pelo farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima e depois pelo também farmacêutico Sr. Vicente, a agência do Correio, agência bancária, o antigo INSS, Barbearia do Bramante, a Rádio Cultura que ficava em cima da farmácia da Belgo Mineira, antiga residência do farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima e o Cine Monlevade. Ainda na praça existia o imponente grupo Escolar, depois ginásio e escola estadual, o único que não foi destruído por um pretenso progresso e hoje serve de escritório para a companhia Arcelor Mittal, sucessora da Belgo Mineira.



ESCOTEIROS DESCENDO O MORRO DO GEO.



VISTA DA USINA A PARTIR DA CONFLUÊNCIA ENTRE AS RUAS SIDERÚRGICA E BEIRA RIO.



GALERIA DA PRAÇA DO CINEMA.



CINE MONLEVADE NA PRAÇA DO CINEMA.



REPRODUÇÃO ARTÍSTICA DE LEV VERTCHENKO.



BARBEARIA LOCALIZADA NA GALERIA DA PRAÇA DO CINEMA.



RUA BEIRA RIO.



HOTEL MONLEVADE.



HOTEL CASSINO.





A ESQUERDA HOTEL SIDERÚRGICA. À DIREITA O HOTEL CASSINO.



HOTEL SIDERÚRGICA.



PRÉDIO DO LACTÁRIO. EM CIMA, PARTE DO PRÉDIO DA GALERIA DA PRAÇA DO CINEMA.



GARRAFAS DE LEITE DISTRIBUIDAS GRATUITAMENTE.



QUADRAS DO GRÊMIO ESPORTIVO MONLEVADENSE.



O MERCADO. PASSAVA-SE POR DENTRO PARA CHEGAR ATÉ O GRÊMIO



RUA BEIRA RIO.



RUA BEIRA RIO.



PARA VISITAR AMIGOS QUE MORAVAM DEPOIS DESTAS ESCADARIAS, A GENTE PASSAVA POR CIMA DE UM TRECHO DA USINA.



PARA IR ASSISTIR JOGOS NO CAMPO DO JACUI, A BELGO MINEIRA OFERECIA DIVERSOS CAMINHÕES PARA LEVAR E TRAZER TORCEDORES. EU MESMO ASSISTIA MUITOS JOGOS NA INFÂNCIA. TORCIA PARA O VASQUINHO E OS GRANDES RIVAIS ERAM O BELGOMINAS E O METALÚRGICO.



USINA GERADORA DE ENERGIA ELÉTRICA PARA A USINA E CIDADE, ANTES DA CHEGADA DA CEMIG.



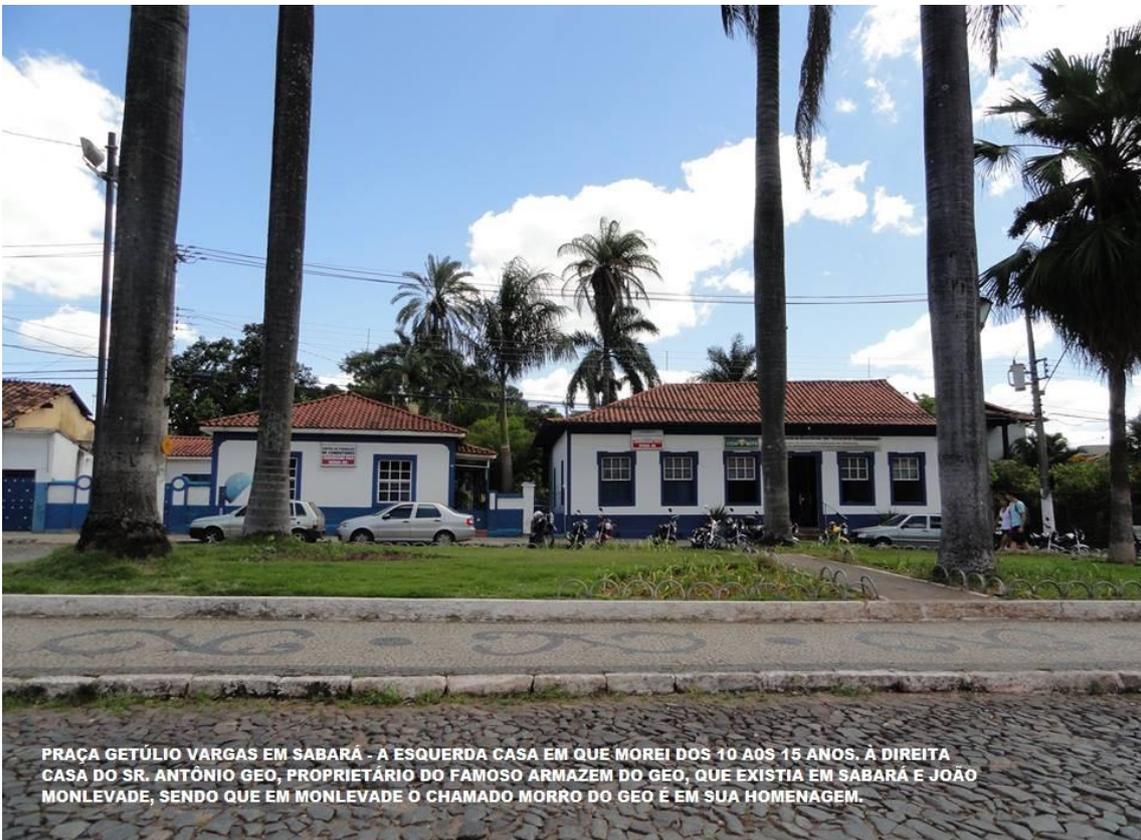
IGREJA SÃO JOSÉ OPERÁRIO – CONSTRUÍDA NA GESTÃO DE LOUIS ENSCH.



PARTE DO SOLAR DE JEAN MONLEVAD.



HOSPITAL MARGARIDA – NOME DA MÃE DE LOUIS ENSCH.



PRAÇA GETÚLIO VARGAS EM SABARÁ - À ESQUERDA CASA EM QUE MOREI DOS 10 AOS 15 ANOS. À DIREITA CASA DO SR. ANTÔNIO GEO, PROPRIETÁRIO DO FAMOSO ARMAZEM DO GEO, QUE EXISTIA EM SABARÁ E JOÃO MONLEVADE, SENDO QUE EM MONLEVADE O CHAMADO MORRO DO GEO É EM SUA HOMENAGEM.



FAMOSO SOLAR MONLEVADE, PRESERVADO ATÉ OS DIAS DE HOJE.

GALERIA DE FOTOS DE SABARÁ –



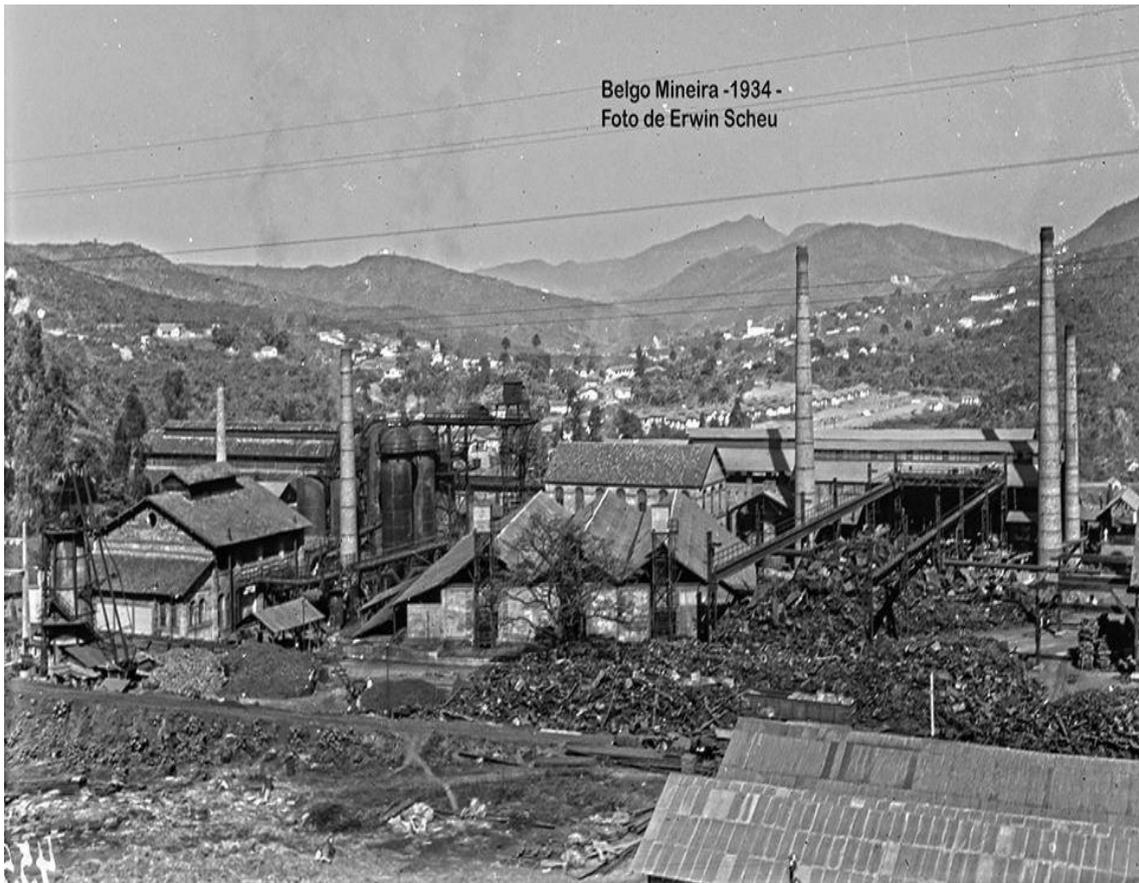
CAMPO DO ESPORTE CLUBE SIDERÚRGICA COM VISTA PARA A USINA DE SABARÁ.



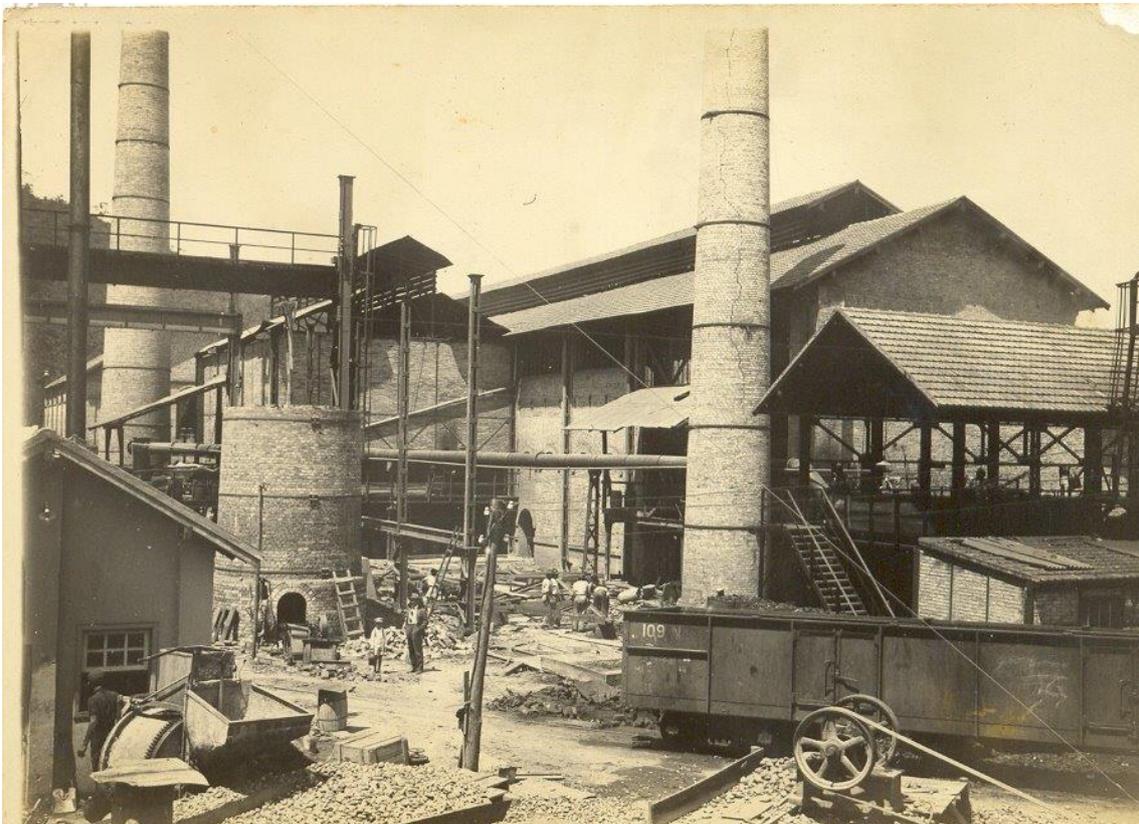
ESCRITÓRIO CENTRAL DA BELGO MINEIRA NA USINA DE SABARÁ. NELE TRABALHARAM LOUIS ENSH E ALBERT SHARLÉ, ATÉ A SEDE SER TRANSFERIDA PARA BELO HORIZONTE.



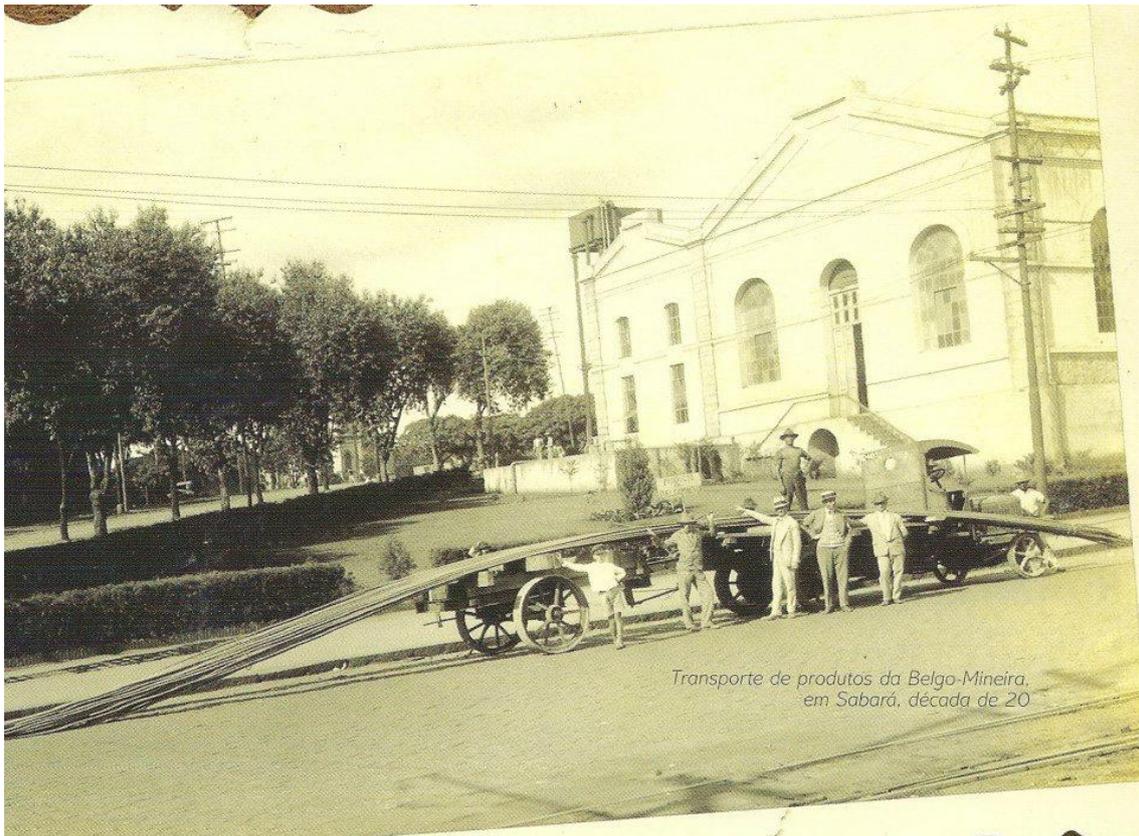
POSTO MÉDICO DENTRO DAS DEPENDÊNCIAS DA USINA. AO FUNDO A PENSÃO DE DONA ISABEL.



A USINA DE SABARÁ EM 1934.



USINA DE SABARÁ.



TRANSPORTE DE PRODUTOS DA USINA DE SABARÁ NA DÉCADA DE 1920.



USINA DE SABARÁ.



CARVÃO PARA A USINA, TANTO NA DE SABARÁ, QUANTO NA DE JOÃO MONLEVADE.





COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ.



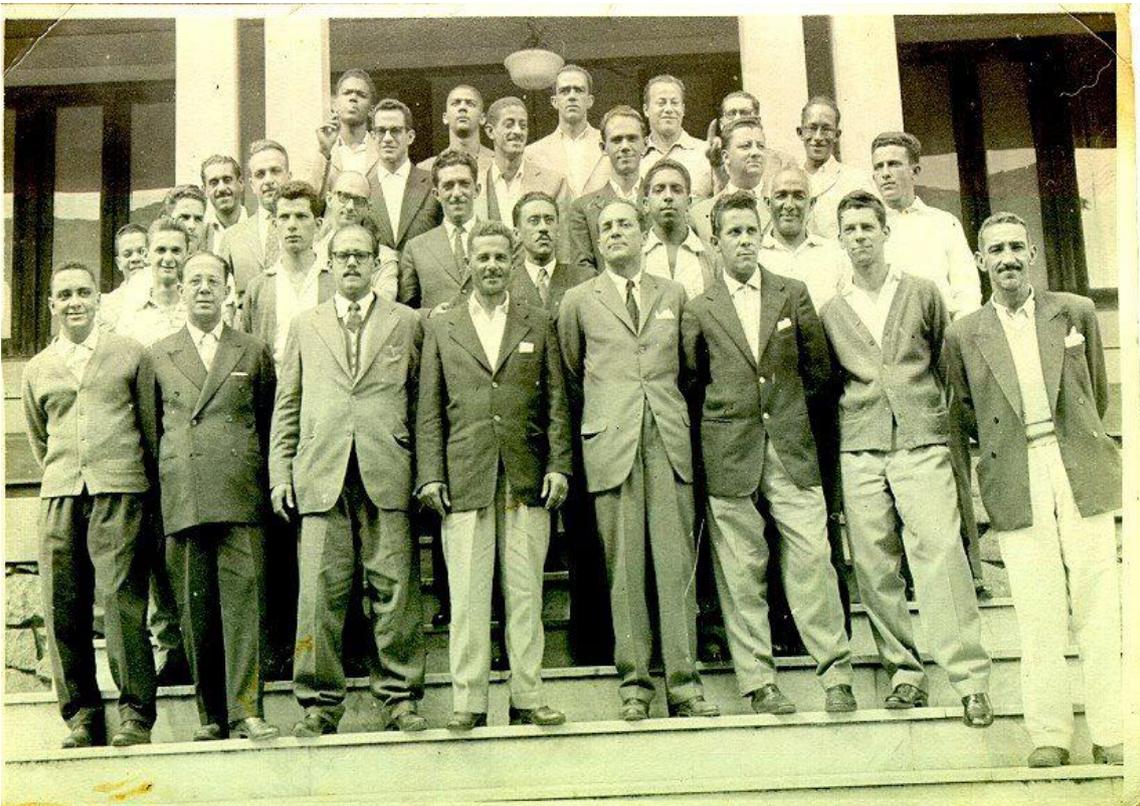
GRUPO ESCOLAR DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ.



RUA DA USINA EM SABARÁ.



RUA DA USINA EM SABARÁ.



FUNCIONÁRIOS DO ESCRITÓRIO DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ.



LOUIS ENSCH APRECIANDO A SUA OBRA. EMBAIXO A RUA DA USINA.



SANTA CASA DE SABARÁ.



MG

NOSSO PASSADO, NOSSO FUTURO, NOSSA GENTE.

Estádio Praia do Ó

ESTÁDIO DO ESPORTE CLUBE SIDERÚRGICA.



ESTÁDIO DA PRAIA DO Ó.





VARANDA DO CLUBE CRAVO VERMELHO.



CLUBE CRAVO VERMELHO À DIREITA NA PINTURA DO ARTISTA SABARENSE DAVI JUPIRA.



LABORÁRIO QUÍMICO DA USINA. EM CIMA, ESCRITÓRIO TÉCNICO E GABINETE PARA ENGENHEIROS. NO ESCRITÓRIO TÉCNICO TRABALHEI, QUANDO MENOR, COMO CONTINUO.



RUA DA USINA EM SABARÁ COM A USINA AO FUNDO.



POSTO MÉDICO INAUGURADO PELA BELGO MINEIRA POR VOLTA DE 1956. NA PRIMEIRA PORTA À ESQUERDA, FUNCIONAVA A FARMÁCIA, QUE VENDIA OS REMÉDIOS, A PREÇO DE CUSTO, COM DESCONTO NA FOLHA DE PAGAMENTO PARA OS FUNCIONÁRIOS DA BELGO. FUNCIONAVA DIA E NOITE, COM PLANTÃO NOTURNO. HAVIA AINDA CONSULTÓRIOS MÉDICOS E DE DENTISTA, ENFERMARIA E ATÉ LACTÁRIO. ESSES GRATUITOS.

RUA BEIRA RIO



JORNAL “O PIONEIRO”, EM UMA DE SUAS EDIÇÕES RETORNA A 1921, QUANDO TUDO COMEÇOU.

(Nas páginas 109/111, reproduzo as fotos e textos dos artigos abaixo, aprimorados por Elaine Costa Braga).

“1921 é uma data na história da siderurgia nacional. Naquele ano, efetivamente, capitais e técnicas do grupo siderúrgico europeu “Aciéries Réunis du Burbach, Eich, Dudelange” (ARBED) se fundiram com a Cia. Siderúrgica Mineira, para constituírem o que ficou denominado Cia. Siderúrgica Belgo Mineira.

O capital inicial de empresa era de 15 mil contos, logo em seguida aumentado para 20 mil contos, bastantes elevado desde que se considere o valor da moeda no tempo.

Projetara a empresa a construção de uma nova usina siderúrgica, em terras adquiridas no município de Rio Piracicaba, no local onde, um século antes, João Antônio Monlevade (Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevad) instalara seus famosos fornos catalães, junto de uma bela casa grande colonial que jazia abandonada.

Não havia, porém, ligação ferroviária para Monlevade e até que esta se fizesse a Companhia tratou de agir reformando e ampliando a usina Siderúrgica em Sabará. A foto acima (Está muito apagada, na página 109 abaixo) batida em 1923, dá uma ideia das transformações que já começavam a tomar corpo na veterana usina, vendo-se o alto forno pioneiro, seguido do edifício da aciaria, do galpão em obras do laminadouro e no fundo a fábrica de cimento, onde se acha instalado atualmente a garagem.

O pequeno prédio que se vê em primeiro plano da fotografia, com a sua única janela semiaberta era o escritório da usina.”

1925 – VISITAS OFICIAIS À USINA DE SABARÁ.

É ainda o jornal “O Pioneiro”, a noticiar:

“Os srs. Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, e José Pires do Rio, ministro da Viação e Obras Públicas, foram as duas primeiras autoridades federais a fazer uma visita oficial à Usina de Siderúrgica.

Fizeram-no em 1925, em companhia do sr. Melo Viana, então Presidente do Estado e de outras autoridades mineiras. Foram recebidos pelo Eng. Pierre Delville, superintendente da usina, em cuja companhia percorreram todas as instalações da usina, dos altos fornos ao laminador, oficina mecânica, etc.

É desta visita histórica a foto acima, em que vemos os dois ministros e o presidente Melo Viana em grupo com autoridades que os acompanharam na visita e de engenheiros da usina.

Na extremidade à direita, está o Eng. Jean Thirv, que ingressara naquele anos nos serviços da Companhia.”

1936 – O ESCRITÓRIO CENTRAL DA USINA DE SABARÁ E OS FUNCIONÁRIOS DA ÉPOCA.

Em outra edição, publicou o jornal “O Pioneiro”:

“SEDE DO ESCRITÓRIO EM SIDERÚRGICA.

“(…) Em 1936, o quadro de funcionários daquela unidade deixava as velhas instalações localizadas perto da Oficina Mecânica e do Alto Forno, transferindo-se para o novo prédio onde teriam, além de mais conforto, melhores condições de funcionamento e maior rendimento de trabalho.

A inauguração da nova sede foi simples, sem solenidades e discursos. O acontecimento em si, pela sua significação, dispensava festividade, a não ser uma cerveja que se seguiu à inauguração.

Estiveram presentes os engenheiros Louis Enschedé, Albert Sharlé e Joseph Hein, que aparecem na foto, o primeiro ao centro, entre os dois últimos, cercado pelos funcionários e demais responsáveis pela administração de Siderúrgica, inclusive o sr. Saturnino de Oliveira Lima, que gentilmente nos cedeu esta foto.

Muitos componentes desta equipe pioneira continuam até hoje em serviço ativo, dando à Companhia os estímulos de seus esforços e o exemplo de sua dedicação e experiência.”



FOTO-HISTÓRIA DA CSBM

II



1921 é uma data na história da siderurgia nacional. Naquele ano, efetivamente, capitais e técnicas do grupo siderúrgico europeu «Aciéries Réunis du Burbach, Eich, Dudelange» (ARBED) se fundiram com a Cia. Siderúrgica Mineira, para constituírem o que ficou denominado Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira. O capital inicial da empresa era de 15 mil contos, logo em seguida aumentado para 20 mil contos, bastante elevado desde que se considere o valor da moeda no tempo. Projeta- ra a empresa a construção de uma nova usina siderúrgica, em terras adquiridas no município de Rio Piracicaba, no local onde, um século antes, João Antônio Monlevade instalara seus famosos fornos catalães, junto de uma bela casa grande colonial, que jazia abandonada. Não havia, porém, ligação ferroviária para Monlevade e até que esta se fizesse, a Companhia tratou de agir, reformando e ampliando a usina Siderúrgica em Sabará. A foto acima, batida em 1923, dá uma idéia das transformações que já começavam a tomar corpo na veterana usina, vendo-se o alto forno pioneiro, seguido do edifício da aciaria, do galpão em obras do laminadouro e no fundo a fábrica de cimento, onde se acha instalado atualmente a garagem. O pequeno prédio, que se vê em primeiro plano na fotografia, com a sua única janela semi-aberta, era o escritório da usina.

FOTO-HISTÓRIA DA CSBM

V



Os srs. Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, e José Pires do Rio, ministro da Viação e Obras Públicas, foram as duas primeiras autoridades federais a fazer uma visita oficial à Usina de Siderúrgica. Fizeram-no em 1925, em companhia do sr. Melo Viana, então Presidente do Estado e de outras autoridades mineiras. Foram recebidos pelo Eng. Pierre Delville, superintendente da usina, em cuja companhia percorreram tôdas as instalações da usina, dos altos fornos ao laminador, oficina mecânica, etc. É desta visita histórica a foto acima, em que vemos os dois ministros e o presidente Melo Viana em grupo com autoridades que os acompanharam na visita e de engenheiros da usina. Na extremidade à direita, está o Eng. Jean Thiry, que ingressara naquele ano nos serviços da Companhia.

FOTO-HISTÓRIA DA CSBM

XLIII — SEDE DO ESCRITÓRIO EM SIDERÚRGICA

Os esforços que a Companhia despense hoje para a construção de sua sede própria na Capital, em prédio moderno e funcional, têm um precedente histórico em Siderúrgica.

Em 1936, o quadro de funcionários daquela unidade deixava as velhas instalações localizadas perto da Oficina Mecânica e do Alto-Forno, transferindo-se para novo prédio, onde teriam, além de mais conforto, melhores condições de funcionamento e maior rendimento de trabalho.

A inauguração da nova sede foi simples, sem solenidades e discursos. O acontecimento em si, pela sua significação, dispensava festividades, a não ser uma cervejada que se seguiu à inauguração.

Estiveram presentes os engenheiros Louis Ensck, Albert Scharlé e Joseph Hein, que aparecem na foto, o primeiro ao centro, entre os dois últimos, cercados pelos funcionários e demais



responsáveis pela administração de Siderúrgica, inclusive o sr. Saturnino de Oliveira Lima, que gentilmente nos cedeu esta foto. Muitos componentes desta equipe pio-

neira continuam até hoje em serviço ativo, dando à Companhia os estímulos de seus esforços e o exemplo de sua dedicação e experiência.

FERROVIA – OS ENORMES BENEFÍCIOS NA CONCLUSÃO DA FERROVIA LIGANDO BELO HORIZONTE A VITÓRIA NO ESPÍRITO SANTO, PASSANDO POR JOÃO MONLEVADE.

Na página 32, citei a gratidão de Louis Ensck a Getúlio Vargas, cujo trecho retranscrevo a seguir:

Louis Ensck também demonstrou gratidão por Getúlio Vargas (...) por determinar a conclusão da ligação ferroviária da Central do Brasil com a Vitória-Minas, obra que permitiu o surgimento da usina de João Monlevade.

A ferrovia Central do Brasil passava por João Monlevade e logo após em Nova Era, quando se ligava à ferrovia Vitória-Minas. A cidade de Nova Era (Na época era distrito de Itabira e denominava-se São José da Lagoa) tinha uma localização privilegiada, eis que nela recaia o entroncamento (Intercessão) entre três grandes ferrovias: Central do Brasil, Vitória-Minas e Leopoldina Railway.

Esta obra, sem a qual a usina de João Monlevade não prosperaria, a beneficiou enormemente já que através desta intercessão a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira poderia escoar a sua grande produção (Era a maior usina da América Latina), para praticamente todas as regiões do país, além de exportar pelos portos marítimos do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, caso o desejasse.

A nova rodovia ligando João Monlevade a Belo Horizonte, concretizada por Juscelino e também objeto de gratidão de Louis Ensck, somente ocorreu no início da década de 1950.

Este benefício, decorrente da ferrovia, não o foi somente para a usina de João Monlevade, mas para as regiões do Vale do Rio Doce e do Vale do Piracicaba, ao ponto do Jornal “A Voz do Prata, da vizinha cidade de São Domingos do Prata, ter vislumbrado uma janela de oportunidades com a chegada da mesma, como bem captado pelo citado periódico em uma edição de janeiro de 1936, transcrita na página 118, do livro de minha

autoria, denominado “Noticias do Antigo São Domingos do Prata e seus distritos (...), reproduzido a seguir:

“O vale imenso do Rio Doce com seus grandes tributários (afluentes) – Piracicaba, Santo Antônio e Suaçuí constituirá, de ora em avante, com suas fantásticas reservas florestais e exuberante fertilidade do solo, o maior celeiro do sul do país com capacidade para abastecer todos os mercados do mundo, uma vez que, se servindo de seus meios de transporte, se intensifique a sua colonização.

Esta manifestação de progresso que acaba de surgir com a ligação de Belo Horizonte ao oceano está apenas na primeira etapa da grande obra do nosso progresso econômico.....”

Na mesma página do mencionado livro:

“Dentro de breves dias estará a nossa Capital ligada à Vitória em comunicação direta com a inauguração da Estação de São José da Lagoa, ficando articuladas as duas grandes artérias ferroviárias – Central do Brasil e Vitória-Minas.

É um acontecimento notável na história econômica desta zona tão cheia de enormes possibilidades de evolução e progresso.

Há dezenas de anos que a fertilidade do nosso solo e as riquezas que dormem no âmago misterioso do subsolo aguardam o surto de vias fáceis de comunicação e meios rápidos e baratos de transportes dos nossos produtos para que um sopro vivificante de progresso transformasse por completo este recanto abençoado de Minas.

É o que vamos ver d’ora em diante. O nosso povo pode e deve intensificar sem receio as suas produções agrícolas, pecuárias e fabris por que estão abertas desde já as vias por onde escoarão com facilidade e rapidez as suas mercadorias em procura dos grandes centros de consumo, sejam estes o Rio de Janeiro, Vitória ou Belo Horizonte.....”

A INAUGURAÇÃO OFICIAL ENTRE A FERROVIA CENTRAL DO BRASIL COM A VITÓRIA- MINAS, EM NOVA ERA (EX-SÃO JOSÉ DA LAGOA).

Em 13 de novembro de 1932, foi inaugurada a Estação ferroviária de São José da Lagoa, mas ligando-a à Estrada de Ferro Vitória-Minas. Até então não havia esta conexão entre João Monlevade (ou Rio Piracicaba) e São José da Lagoa, através da Central do Brasil.

Esta ligação somente ocorreu oficialmente em 24 de abril de 1935, com a inauguração da Estação Ferroviária Augusto de Lima, que serve o município de Rio Piracicaba (E como tal João Monlevade) e do ramal ferroviário de Santa Bárbara até São José da Lagoa.

Fonte: “Jornal de Itabira”, edições de 20.11.1932 e 27.04.1935.

- ÍNDICE ALFABÉTICO -

ACIÉRIES RÉUNIS DU BURBACH – 106 – 109 -

ADJUDICAÇÃO DA USINA PIONEIRA DE JOÃO MONLEVADE – 02 – 24 – 25 – 26 -

AEROPORTO DO GALEÃO – 45 -

AFRÂNIO DE MELLO FRANCO – 06 -

AGOSTINHO JOSÉ DOS SANTOS – 72 -

ALBERT SHARLÉ – 03 – 28 - 34 – 36 – 44 – 54 – 55 – 92 – 109 – 111 -

ALEMANHA – 43 -

AMÉRICA LATINA – 112 -

ALOISIO MEYER – 46 -

ANTOINE REINISCH – 38 -

ANTÔNIO AUGUSTO DE LIMA – 19 – 63 – 72 – 114 -

ANTÔNIO COSTA AYRES – 18 -

ANTÔNIO DA CRUZ CARTAXO – 23 – 72 -

ANTÔNIO DIAS – EX – NOSSA SENHORA DO NAZARETH – 56 -

**ANTÔNIO GEO – O MESMO QUE DEU O NOME AO MORRO DO GEO –
RESIDÊNCIA EM SABARÁ – 90 -**

ARBED – CONTROLADORA DA BELGO MINEIRA – 51 – 52 – 109 –

ARCELORMITTAL – 77 -

ARGENTINA – PAÍS – 46 -

**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL – 06 – 10 – 11 – 12 – 14 – 59 –
60 – 61 -**

ÁUSTRIA – 43 -

BACIA DO PIRACICABA – 13 -

BAIRRO SIDERÚRGICA EM SABARÁ – 27 – 29 – 34 -

BANCO DA LAVOURA E COMÉRCIO – 15 – 17 – 18 – 19 – 24 – 26 –

BANCO MINAS GERAIS – 46 -

BARÃO DE CATAS ALTAS – 06 – 10 -

BARÃO DE COCAIS – EX-SÃO JOÃO DO MORRO GRANDE – 13 – 59 – 60

BARBEARIA NA PRAÇA DO CINEMA – 77 – 80 -

BARRA DO RIO DOCE – 06 – 53 -

BARRA DO RIO PIRACICABA – 07 -

**BELGO MINEIRA – 01 - 02 – 03 – 24 – 26 – 27 – 29 – 30 – 31 – 33 – 34 - 35
– 37 – 38 – 39 – 44 – 45 – 46 – 47 – 51 – 52 – 55 – 74 – 77 – 87 – 92 – 96 –
98 – 104 – 106 – 107 – 108 - 109 -**

**BELO HORIZONTE – EX- CURRAL DEL REY – DISTRITO DE SABARÁ – 29
– 32 – 40 – 45 – 61 – 62 – 112 – 113 -**

BERNARDINO QUITES – 23 – 71 -

BETIM – MUNICÍPIO – 62 -

BORBA GATO – BANDEIRANTE – 60 -

CAETÉ – EX – VILA NOVA DA RAINHA – 06 – 54 – 58 – 59 – 60 – 61 – 63 -

CAMINHÃO CARREGANDO CARVÃO PARA USINA – 95 -

CAMINHÕES LEVANDO TORCEDORES PARA O CAMPO DO JACUI – 87 -

CANOAS MILITARES – 53 -

CAPITAL INICIAL DA CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA – 106 – 109 -

CARNEIRINHOS – POVOADO – 56 – 57 -

CARVÃO – 08 – 20 – 33 – 39 – 41 – 42 – 44 – 51 – 65 – 68 – 95 -

CATAS ALTAS – EX – CATAS ALTAS DO MATO DENTRO – 06 – 10 – 60 – 63 – 106 -

CECI CAMPOS COUTINHO ENSCH – (CHAMADA CARINHOSAMENTE DE LELÊ POR LOUIS ENSCH) – 33 – 36 - 46 – 48 – 50 -

CEMITÉRIO HISTÓRICO DE JOÃO MONLEVADE – 48 – 49 – 50 -

CENTRO INDUSTRIAL DE JOÃO MONLEVADE – 29 -

CHILE – PAÍS – 33 – 47 – 48 -

CINE MONLEVADE – 77 – 79 – 80 -

CLODOMIRO AUGUSTO DE OLIVEIRA – 18 -

CLUBE CRAVO VERMELHO EM SABARÁ – 28 – 102 -

COMPANHIA AGRO-PASTORIL RIO DOCE – 52 -

COMPANHIA CENTRAL DE ADMINISTRAÇÕES E PARTICIPAÇÕES – 52 -

COMPANHIA FERRO BRASILEIRO – 52 -

COMPANHIA INDUSTRIAL E MERCANTIL E ARTEFATOS DE FERRO – 52

COMPANHIA MAGNESITA S.A. – 52 -

COMPANHIA NACIONAL DE FORJAS E ESTALEIROS – 14 – 15 – 16 – 17 – 18 – 19 – 64 -

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA – 01 - 02 – 03 – 24 – 26 – 27 – 29 – 30 – 31 – 33 – 34 - 35 – 37 – 38 – 39 – 44 – 45 – 46 – 47 – 51 – 52 – 55 – 74 – 77 – 87 – 92 – 96 – 98 – 104 – 107 – 108 – 109 – 112 -

COMPANHIA SIDERÚRGICA MINEIRA – 26 – 27 – 40 - 106 – 109 -

CONGONHAS DE SABARÁ – ATUAL MUNICÍPIO DE NOVA LIMA – 62 -

CONSÓRCIO BELGO-LUXEMBURGUÊS – 40 – 43 – 51 -

CONTAGEM – MUNICÍPIO – 62 -

COOPERATIVA DA USINA DE SABARÁ – 96 -

CORONEL FABRICIANO – MUNICÍPIO – 33 -

CRISTIANO FRANÇA TEIXEIRA GUIMARÃES – 51 -

CURRAL DEL REY – DISTRITO DE SABARÁ – 61 – 62 -

CURVELO – MUNICÍPIO – 62 -

DAVI NASSER – 05 – 39 -

DOM PEDRO II – 11 - 59 -

DOMINGOS MARTINS – CÔNEGO – 07 -

EDMUNDO DE LUZ PINTO – 05 –

ELAINE COSTA BRAGA – 106 –Aprimorou e tornou legíveis os textos das páginas 25 – 109 – 110 - 111.

ESCADARIAS EM CIMA DA USINA DE JOÃO MONLEVADE – 87 -

ESCOLA POLITÉCNICA – 51 -

ESCOTEIROS EM JOÃO MONLEVADE – 78 -

ESCRAVOS DA USINA PIONEIRA – 08 – 15 – 48 – 49 -

ESCRITÓRIO CENTRAL DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ – 62 – 92 – 98 – 107 – 108 – 109 – 111 –

ESCRITÓRIO ANTIGO DA USINA DE SABARÁ – 109 -

ESCRITÓRIO TÉCNICO DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ – 103 -

ESMERALDAS – EX – SANTA QUITÉRIA – 62 -

ESPÍRITO SANTO – ESTADO – 07 – 53 - 97 – 112 -

ESPORTE CLUBE SIDERÚRGICA – 28 - 62 – 91 – 100 – 101 –

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA AUGUSTO DE LIMA – 114 -

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE NOVA ERA (EX-SÃO JOSÉ DA LAGOA) – 113 – 114 -

ESTAÇÃO MIGUEL BURNIER – 71 -

ESTÁDIO DA PRAIA DO Ó EM SABARÁ – 28 – 100 – 101 -

ESTÁDIO DO JACUI EM JOÃO MONLEVADE – 30 – 87 -

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL – 20 - 21 – 22 – 23 – 26 – 32 – 67 – 68 – 69 – 70 – 71 – 72 -

EUROPA – 13 – 40 – 42 – 47 - 52 –

FÁBIO AMERICANO – Aprimorou e colorizou a foto da capa e da página 55 -

FÁBRICA DE AÇO A OXIGÊNIO – 43 – 44 -

FARMÁCIA DA BELGO MINEIRA EM JOÃO MONLEVADE – 30 – 33 – 74 – 77 -

FARMÁCIA DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ – 33 – 104 -

FAZENDA DO MARZAGÃO – 23 – 71 -

FELIX CHOMÉ – 43 -

FERROVIA CENTRAL DO BRASIL – 20 – 21 – 22 – 23 – 26 – 32 – 67 – 68 – 69 – 70 – 71 – 72 – 112 - 113 –

FERROVIA LEOPOLDINA RAILWAY – 112 -

FERROVIA VITÓRIA-MINAS – 32 – 112 – 113 – 114 -

FOTO DILÓ – 77 -

FOZ DO RIO PIRACICABA – 07 -

FRANÇA – PAÍS – 06 – 11 -

FRANCISCO DE PAES LEME MONLEVADE – 14 – 15 - 16 – 17 -

FUNCIONÁRIOS DO ESCRITÓRIO CENTRAL DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ – 96 -

GALERIA DA PRAÇA DO CINEMA EM JOÃO MONLEVADE – 29 – 33 - 49 – 77 – 79 – 80 – 84 -

GALOTTI – 37 -

GASTON BARBANSON – 02 – 24 – 26 -

GETÚLIO VARGAS – 28 – 31 – 32 - 52 – 112 -

GILBERTO MADEIRA PEIXOTO – 03 -

GOIÂNIA – MUNICÍPIO – 29 -

GONGO SOCO – 06 -

GORCEIX – (CLAUDE HENRI GORCEIX) – 11 – 13 -

GRÃO-DUCADO DO LUXEMBURGO – 51 -

GRÊMIO MONLEVADENSE – 72 – 85 -

GRUPO ESCOLAR DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ – 96 – 97 -

GRUPO ESCOLAR DE JOÃO MONLEVADE 30 – 75 – 76 -

GUIDO THOMAZ MARLIÈRE – 06 – 53 -

GUILHERME KONSBRUSCH – 43 -

HIDROELÉTRICA DE TAQUARAÇU – 28 -

HIDROELÉTRICA NO RIO PIRACICABA – 29 -

HIPOTECA DO ACERVO DA FÁBRICA DE JOÃO MONLEVADE – 02 – 15 – 24 -

HOFFMAN – 36 – 37 – 38 -

HOSPITAL MARGARIDA EM JOÃO MONLEVADE – 03 – 30 – 32 – 90 -

HOTEL CASSINO EM JOÃO MONLEVADE – 30 – 82 – 83 -

HOTEL MONLEVADE – 81 -

HOTEL SIDERÚRGICA EM JOÃO MONLEVADE – 83 -

IDEAL CLUBE DE JOÃO MONLEVADE – 74 -

INDIOS BOTOCUDOS – 53 – 56 -

INGLATERRA – PAÍS – 06 – 53 – 54 -

IPATINGA – MUNICÍPIO – 07 -

ITABIRA – EX – ITABIRA DO MATO DENTRO – 58 – 59 – 61 – 63 -

JEAN ANTOINE FÉLIZ DISSANDES DE MONLEVAD – 01 – 02 – 03 – 04 – 05 – 06 – 08 – 09 – 10 – 11 – 14 – 15 – 16 – 34 - 48 - 52 – 53 – 56 – 89 – 106 – 109 -

JEAN PIERRE ENSCH – 51 -

JEAN THIRV – 107 – 110 -

JOÃO ANTÔNIO DA SILVA DRUMMOND – DEPUTADO PROVINCIAL – 61

JOÃO ANTÔNIO MONLEVADE – 10 – 11 – 12 – 14 – 16 -

JOÃO DORNAS FILHO – 15 -

JOÃO DOS REIS CABRAL – 56 -

JOÃO HORTA SOBRINHO – 34 -

**JOÃO MONLEVADE – MUNICÍPIO – 01 – 02 – 03 – 18 – 24 – 26 – 28 – 29 –
30 – 32 – 33 – 34 – 41 – 48 - 51 – 52 – 55 – 56 – 57 – 58 – 63 – 72 – 73 – 75
– 77 – 95 – 112 – 114 -**

JOÃO PASCOAL DE MONLEVADE – 06 – 10 – 11 – 12 – 14 – 15 – 16 -

JOAQUIM RODRIGUES DE VASCONCELLOS – 54 -

JORNAL “A VOZ DO PRATA” – 56 - 112 – 113 -

**JORNAL “ALMANACK – LAEMENEST – ADMINISTRATIVO, MERCANTIL
E INDUSTRIAL” (RJ) – 24 -**

JORNAL DE ITABIRA – 114 -

JORNAL “MORRO DO GEO” – 10 -

JORNAL “O PIONEIRO” – 55 – 105 – 106 – 107 – 108 – 109 – 110 – 111 -

JORNAL “O UNIVERSAL” – 53 -

JOSÉ GONÇALVES – DEPUTADO ESTADUAL – 57 -

JOSEPH HEIN – 28 – 34 – 54 – 55 – 109 – 111 -

JOSÉ PIRES DO RIO – 107 – 110 -

JUSCELINO KUBISTCHECK – 32 – 48 – 112 -

**LABORATÓRIO DE QUÍMICA E ESCRITÓRIO TÉCNICO DA USINA EM
SABARÁ – 103 -**

LACTÁRIO – 32 – 84 – 104 -

LAGOA SANTA – MUNICÍPIO – 62 -

LAPA – ATUAL DISTRITO DE RAVENA DE SABARÁ – 59 – 62 -

LEV VERTCHENKO – 80 -

**LOUIS ENSCH – 01 – 03 - 22 – 26 – 27 – 28 – 29 – 30 – 32 – 33 – 34 – 35 –
36 – 37 – 38 – 39 – 40 – 41 – 42 – 43 – 44 – 45 – 46 – 47 – 48 – 50 – 51 – 54
– 88 – 90 – 99 – 109 – 111 – 112 -**

**LUXEMBURGO – PAÍS – 34 – 35 – 37 – 39 – 40 – 41 – 43 – 44 – 45 – 46 –
51 -**

MACEDO SOARES – CORONEL – 41 -

MANOEL MARTINS GOMES LIMA – 33 – 34 – 55 – 77 -

MARC ANDRÉ MEYERS – 35 – 36 -

MARCELO MELO – 39 -

MARGUERITTE ENSCH – 51 -

MARIA JOSÉ DE ARAUJO – 46 -

MARIANA SOPHIA DE MONLEVADE – 06 -

MATEUS LEME – MUNICÍPIO – 62 -

MELLO VIANNA – 31 – 107 – 110 -

MERCADO DE JOÃO MONLEVADE – 85 -

MESTRE CAETANO – EX – CUIABÁ – DISTRITO DE SABARÁ – 61 -

MIGUEL BURNIER – 23 – 71 -

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA – 109 -

MILTON CAMPOS – EX-GOVERNADOR DE MINAS GERAIS – 46 -

MINA DE MORRO VELHO – 08 -

MINAS DO ABAETÉ – 54 -

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – 52 -

MINISTRO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TRABALHO – 107 – 110 -

MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS – 107 – 110 -

MORRO DO GEO – SUBIDA ÍNGREME EM JOÃO MONLEVADE – 78 -

MUSEU DO OURO DE SABARÁ – 52 -

NOVA ERA – EX-SÃO JOSÉ DA LAGOA – 112 - 114 -

O MÉTODO REVOLUCIONÁRIO – 42 -

ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL – 52 -

OURO PRETO – MUNICÍPIO – 53 – 59 – 63 – 72 -

PARAOPEBA – MUNICÍPIO – 62 – 71 -

PAULO GONZAGA DE MASCARENHAS – 29 -

PEDRO CELESTINO – MOTORISTA DE LOUIS ENSCH – 46 -

PENSÃO DE DONA ISABEL NA USINA DE SABARÁ – 62 –

PERCILIANA DE ARAUJO – 46 -

PICO DE ITABIRA – 23 – 71 –

PIERRE DELVILLE – 1º SUPERINTENDENTE DA USINA DE SABARÁ – 107 – 110 -

PINDAÍBAS – DISTRITO – 61 -

PORTO DA ONÇA PEQUENA – 06 – 53 –

PORTO MARÍTIMO DO ESPÍRITO SANTO – 112 –

PORTO MARÍTIMO DO RIO DE JANEIRO – 112 -

POSTO MÉDICO DA BELGO EM SABARÁ – 92 – 104 -

POSTO MÉDICO NA USINA DE SABARÁ – 92 -

PRAÇA AYRES QUARESMA – A POPULAR PRAÇA DO CINEMA – 29 – 33 – 77 -

PRAÇA DO CINEMA EM JOÃO MONLEVADE – 29 – 33 – 77 – 79 – 80 – 84

PRIMEIRAS AUTORIDADES FEDERAIS A VISITAR A USINA DE SABARÁ – 107 – 110 -

PROFESSORAS DO GRUPO ESCOLAR EM JOÃO MONLEVADE – 76 -

PROVINCIA DE MINAS GERAIS – 53 – 61 – 62 -

PRUDENTE DE MORAIS – MUNICÍPIO – 62 -

RÁDIO CULTURA DE JOÃO MONLEVADE – 74 –

RAMAL FERROVIÁRIO SANTA BÁRBARA-NOVA ERA (EX- SÃO JOSÉ DA LAGOA) – 114 -

RAPOSOS – MUNICÍPIO – 62 -

REPRESA DE TAQUARAÇU – 30 -

REPRESA DO JACUI – 30 -

RIBEIRÃO ESPERANÇA – 69 – 70 – 71 -

RICHARD BURTON – 08 -

RIO ACIMA – EX – SANTO ANTÔNIO DO RIO ACIMA – 62 -

RIO DA PRATA –56 -

RIO DE JANEIRO – CIDADE – 06 – 15 – 18 – 24 – 25 – 28 – 53 – 54 – 112 – 113 -

RIO DOCE – CURSO D'ÁGUA – 06 - 07 – 08 – 53 -

RIO ITABIRA – 21 – 22 – 67 – 69 -

RIO PIRACICABA – CURSO D'ÁGUA – 06 - 07 – 10 – 16 – 17 – 29 – 30 – 113 -

RIO PIRACICABA - EX-SÃO MIGUEL DE PIRACICABA – 06 – 10 – 56 – 57 – 58 – 60 – 106 – 109 -

ROÇAS NOVAS – 59 -

RODOVIA DE ITABIRA A PARAÓPEBA – 23 – 71 -

RUA BEIRA RIO EM JOÃO MONLEVADE – 30 – 76 – 81 – 86 -

RUA BEIRA RIO EM SABARÁ – 105 -

RUA DA USINA EM SABARÁ – 97 – 98 – 99 – 103 -

RUA SIDERÚRGICA EM JOÃO MONLEVADE – 30 - 49 – 73 -

SABARÁ – EX – VILA REAL DE SABARABUSSU – 01 – 02 – 03 – 26 – 27 – 28 – 29 – 30 – 31 – 33 – 51 – 52 – 54 – 58 – 59 – 60 – 61 – 62 – 63 – 91 – 92 – 93 – 94 – 95 – 96 – 97 – 98 – 99 – 103 -

SANTA BÁRBARA – EX-SANTA BÁRBARA DO MATO DENTRO – 10 – 24 – 55 – 56 – 57 – 59 – 60 – 61 – 63 -

SANTA CASA DE SABARÁ – 99 - 100 -

SANTA LUZIA – MUNICÍPIO – 62 –

SANTO ANTÔNIO – CURSO D'ÁGUA – 113 -

SÃO DOMINGOS DO PRATA – MUNICÍPIO – 02 – 07 – 10 – 33 – 34 – 55 – 56 – 57 – 58 – 59 – 61 – 63 – 112 -

SÃO PAULO – CAPITAL – 28 – 50 -

SÃO SEBASTIÃO DO ONÇA – POVOADO – 58 -

SARZEDO – MUNICÍPIO – 62 –

SATURNINO DE OLIVEIRA LIMA – 109 – 111 -

SEBASTIÃO LAGO DE SOUZA – 47 -

SETE LAGOAS – MUNICÍPIO – 62 -

SILVESTRE – JOGADOR DE FUTEBOL – 28 -

SITIO DO PAU GIGANTE – 53 -

SOLAR MONLEVADE – 06 – 10 – 28 – 89 – 91 – 109 –

SUAÇUI – CURSO D'ÁGUA – 113 -

SUIÇA – PAÍS – 46 -

SUZANA CRUZ PEIXOTO – 03 -

TAQUARAÇU – MUNICIPIO – 28 – 30 – 59 -

USINA DE JOÃO MONLEVADE – 01 – 06 – 07 – 08 – 10 – 15 – 16 – 17 – 18 – 21 - 23 – 24 - 25 – 26 – 28 – 29 – 30 – 32 - 43 – 44 - 48 – 51 – 63 – 73 – 78 – 87 – 112 -

USINA DE SABARÁ - 24 – 25 – 39 – 40 – 41 - 62 – 91 – 92 – 93 – 94 – 95 – 99 – 103 – 107 – 109 – 110 -

USINA DE VOLTA REDONDA – 29 – 41 -

USINA ESPERANÇA DE JOÃO MONLEVADE – 18 -

VALE DO PIRACICABA – 06 – 56 –

VALE DO RIO DOCE – 112 – 113 -

VANHOECK – 38 -

VICTOR DO ESPÍRITO SANTO – 50 -

VISCONDE DO CAETÉ – 54 –

VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO – 112 – 113 -

WALDEMAR ROLLA – 34 -

ZONA METALÚRGICA – 52 –

- BIOGRAFIA –

Livro da Companhia Siderúrgica Belo Mineira comemorativo dos 25 anos da administração de Louisensch – 1953 –

PASSOS – Juliana Ma. Nascimento “Monlevade, Vida e Obra” – pág. 91.

FILHO – João Dornas – Revista Alterosa – 1953 –

MEYERS – “A dama e o luxemburguês” – pág. 329/334 –

ANAIS – Da Assembleia Provincial de Minas Gerais –

ANAIS – Da Assembleis Legislativa de Minas Gerais, quando se chamava Câmara de Deputados.

DICIONÁRIO – Biográfico da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, que por sua vez teve as seguintes fontes: Anais do Senado 1853 – sessões de 7 a 30 de abril e de 1 a 15 de dez. 1953 – Dados biográficos – Informante Álvaro Antônio S. Machado. CEM/UFMG/Diário de Minas, Belo Horizonte, 19 nov. 1952, pp. 5.6, 10 set. 1953, p.3. Revista Mineira de Engenharia – Belo Horizonte Sociedade Mineira de Engenheiros – 1954.

LIMA – Edelberto Augusto Gomes Lima:

- “Notícias do antigo São Domingos do Prata e seus distritos (...) – 1ª e 2ª edições – págs. 150 e 225.

“São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história” – páginas 66/67 – 2019 - Edição própria.

**“São Domingos do Prata no período imperial” – 2ª edição -
Página 67/86 – 2018 - Edição própria.**

“Seleção de notícias sobre São Domingos do Prata antigo – página 66 – 2018 - Edição própria.

“São Domingos do Prata: Berço e Origem” – Editora Del Rey. 2012 –

“Comentário as sesmarias de 1758, 1771, curatela, testamento e inventário envolvendo Domingos Marques Afonso e irmão”. 3ª edição – 2022 – Edição própria.

JORNAL – “Tribuna de Minas” – 1953 –

JORNAL – “Correio da Manhã” – 1953 –

JORNAL - “Morro do Geo.” – João Monlevade –

JORNAL - “O Pioneiro” – da Belgo Mineira – 1956 e outros.

JORNAL - “O Universal” de Ouro Preto – 1828 -

JORNAL - “Repórter” – 1960 –

JORNAL - “A Voz do Prata” – de São Domingos do Prata – 1932 – 1936 -

JORNAL – “Minas Gerais” – Edições diversas -

JORNAL – “Almanack Laemenest, Administrativo, Mercantil Industrial” – 1926 –

JORNAL DE ITABIRA – 1932 – 1935 -

REVISTA – Industrial de Minas Gerais – 1953 –

RENNÓ – Remuzato – “Belgo Mineira ou Siderurgia Nacional” – 1952 --

IBGE – Internet –

- MEUS LIVROS -

1 – SÃO DOMINGOS DO PRATA NO PERÍODO IMPERIAL – 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

2 – REVIVENDO A HISTORIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

3 – RECONTANDO A HISTORIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

4 – SÃO DOMINGOS DO PRATA FRAGMENTOS DE SUA HISTORIA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

5 – QUATRO PREFEITOS DE SÃO DOMINGOS DO PRATA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

6 – NOTAS BIOGRÁFICAS DO DR. GOMES LIMA – UM DOS GRANDES VULTOS DA HISTORIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

7 – TRÊS PRATIANOS DA GEMA – MANOEL MARTINS GOMES LIMA – JANUA COELI DE LELLIS FERREIRA E DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA.

8 – GENEALOGIA DE ALGUNS ASCENDENTES E DESCENDENTES – FAMÍLIAS DAS QUAIS DESCENDO, TODAS COM RAÍZES FINCADAS EM SÃO DOMINGOS DO PRATA: GOMES LIMA – MARTINS VIEIRA – VIEIRA MARQUES OU MARQUES VIEIRA – GOMES DOMINGUES – LELLIS FERREIRA E SANTIAGO.

9 – SÃO DOMINGOS DO PRATA BERÇO E ORIGEM – 4ª EDIÇÃO.

10 – NOTAS SOBRE ALGUNS PREFEITOS E ELEIÇÕES EM SÃO DOMINGOS DO PRATA DE 1890 A 1947.

- 11 – A HISTORIA QUE SÃO DOMINGOS DO PRATA NÃO CONHECEU.**
- 12 – TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA -**
- 13 – COLETÂNEA DE NOTÍCIAS SOBRE SÃO DOMINGOS DO PRATA ANTIGO –**
- 14 - ELEITORES PRATIANOS EM 1896 –**
- 15 – NOTÍCIAS DO ANTIGO SÃO DOMINGOS DO PRATA E SEUS DISTRITOS. (Os atuais e os antigos) – 2ª edição ampliada –**
- 16 – RETALHOS DA HISTÓRIA ANTIGA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.**
- 17 –FILHOS ILUSTRES DO MUNICÍPIO DE FERROS – TODOS DA FAMÍLIA LELLIS FERREIRA –**
- 18 – SÃO DOMINGOS DO PRATA: AS ORIGENS DO POVOADO, DA CAPELA, DO CEMITÉRIO E A DA DESCOBERTA DO RIO PRATA.**
- 19 – COMENTÁRIO ÀS SESMARIAS DE 1758 E 1771, CURATELA, TESTAMENTO E INVENTÁRIO ENVOLVENDO DOMINGOS MARQUES AFONSO E IRMÃO. 1ª, 2ª e 3ª edições.**
- 20 – SABARÁ NA IMPRENSA DO IMPÉRIO.**
- 21 – SABARÁ: FRAGMENTOS DE SUA HISTORIA NO PERÍODO IMPERIAL – 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.**
- 22 – CURRAL DEL REI (SABARÁ) - SUA ORIGEM ATÉ SE TRANSFORMAR NA NOVA CAPITAL DE MINAS GERAIS -**
- 23 –A HISTÓRIA DO LEGISLATIVO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA. De 1890 A 1962.**
- 24 – DE JEAN MONLEVAD A LOUIS ENSCH. (BREVE HSTÓRIA DA BELGO MINEIRA EM SABARÁ E JOÃO MONLEVADE).**

NOTA: SE ENTRAR NO YOUTUBE, PESQUISAR E DIGITAR Edelberto Lima, PODERÁ VER UM FILME MUSICADO COM AS CAPAS DE TODOS OS MEUS LIVROS, EXCETO O DE NÚMERO 14 ACIMA E O ATUAL.

SE PESQUISAR EM MEU PERFIL NO FACEBOOK, PODERÁ, AO CLICAR EM UM LINK, LER 12 DE MEUS LIVROS SOBRE A HISTÓRIA ANTIGA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

FIM